



Comissão Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios do Fundão

Plano Municipal de Defesa
da Floresta
Contra Incêndios

Município Do Fundão

Caderno I

Diagnóstico

2017 - 2021

1.	Caracterização Física.....	5
2.	Caracterização Climática	12
2.1.	Média da Temperatura Média Diária (°C) – 1971 a 2000.....	13
2.1.1	Média da Temperatura Máxima Diária (°C) – 1971 a 2000	14
2.1.2	Maior Valor da Temperatura Máxima Diária (°C) – 1971 a 2000	15
2.2.1	Valores Médios Mensais da Humidade Relativa do Ar (%) às 9h e 18h – 1971 a 2000	16
2.3.1.	Média da Quantidade de Precipitação Total (mm) - 1971 a 2000	18
2.3.2.	Maior Valor da Quantidade de Precipitação Diária (mm) - 1986 a 2000	19
2.4.1.	Valores Médios da Frequência (%) e Velocidade do vento (km/h) - 1986 a 2000	20
3.	Caracterização da População	22
3.1.1.	Alcaide	22
3.1.2.	Alcaria	23
3.1.3.	Alcongosta	24
3.1.4.	Alpedrinha	25
3.1.5.	Barroca.....	26
3.1.6.	Bogas de Cima.....	27
3.1.7.	Capinha.....	28
3.1.8.	Castelejo	29
3.1.9.	Castelo Novo.....	30
3.1.10.	Enxames	31
3.1.11.	Fatela	31
3.1.12.	Lavacolhos	32
3.1.13.	Orca	33
3.1.14.	Pêro Viseu.....	34
3.1.15.	Silvares	35
3.1.16.	Soalheira	35
3.1.17.	Souto da Casa.....	36
3.1.18.	Telhado	37
3.1.19.	U.F. Fundão, Valverde, Donas, Aldeia de Joanes e Aldeia Nova do Cabo.....	38
3.1.20.	U.F. Atalaia do Campo e Póvoa de Atalaia	41
3.1.21.	U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo	42
3.1.22.	Três Povos	43
3.1.23.	U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha.....	44
3.1.24.	População Residente no Concelho do Fundão	45
3.2.	Densidade Populacional.....	47
3.3.1	Alcaide	48
3.3.2	Alcaria	49
3.3.3.	Alcongosta	50
3.3.4.	Alpedrinha	50
3.3.5.	Barroca.....	51
3.3.6.	Bogas de Cima.....	52
3.3.7.	Capinha.....	52
3.3.8.	Castelejo	53
3.3.9.	Castelo Novo.....	54
3.3.10.	Enxames	55
3.3.11.	Fatela	55

3.3.12.Lavacolhos	56
3.3.13.Orca	57
3.3.14.Pêro Viseu.....	58
3.3.15.Silvares	58
3.3.16.Soalheira	59
3.3.17.Souto da Casa.....	60
3.3.18.Telhado	60
3.3.19.U.F. De Póvoa de Atalaia, Atalaia do Campo	61
3.3.20.U.F. De Janeiro de Cima, Bogas de Baixo	61
3.3.21.U.F.Vale de Prazeres, Mata da Rainha.....	62
3.3.22. Três Povos	63
3.3.23.U.F. Fundão	63
3.3.24.Evolução do Índice de Envelhecimento (1991-2011)	65
3.4.1.Alcaide	66
3.4.2.Alcaria	67
3.4.3.Alcongosta	68
3.4.4.Alpedrinha	68
3.4.5.Barroca.....	69
3.4.6.Bogas de Cima.....	70
3.4.7.Capinha.....	70
3.4.8.Castelejo	71
3.4.9.Castelo Novo.....	72
3.4.10.Enxames	72
3.4.11.Fatela	73
3.4.12.Lavacolhos	74
3.4.13.Orca	74
3.4.14.Pêro Viseu.....	75
3.4.15.Silvares	76
3.4.16.Soalheira	76
3.4.17.Souto da Casa.....	77
3.4.18.Telhado	78
3.4.19.U.F. Fundão, A.N. Cabo, A. Joanes, Donas e Valverde.....	78
3.4.20.U.F. Póvoa de Atalaia e Atalaia do Campo	79
3.4.21.U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo	80
3.4.22.U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha	80
3.4.23.Três Povos	81
3.5.1.Alcaide	82
3.5.2.Alcaria	83
3.5.3.Alcongosta	84
3.5.4.Alpedrinha	84
3.5.5.Barroca.....	85
3.5.6.Bogas de Cima.....	86
3.5.7.Capinha.....	86
3.5.8.Castelejo	87
3.5.9.Castelo Novo.....	88
3.5.10.Fatela	88
3.5.11.Lavacolhos	89
3.5.12.Orca	90
3.5.13.Pêro Viseu.....	90
3.5.14.Silvares	91

3.5.15. Soalheira	92
3.5.16. Telhado	92
3.5.17. Souto da Casa.....	93
3.5.18. Enxames	94
3.5.19. U.F. Fundão, A. Joanes, A. Nova do Cabo, Donas e Valverde	94
3.5.20. U.F. Povia de Atalaia e Atalaia do Campo	95
3.5.21. U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo	96
3.5.22. Três Povos	96
3.5.23. U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha.....	97
5. Caracterização do Uso do Solo e Zonas Especiais.....	104
5.1. Áreas (ha) por Ocupação do Solo por Freguesia	104
5.1.2.1. Registo da área (ha) florestal total e das áreas ocupadas por tipo de espécies/povoamentos florestais, por freguesia	107
5.3.1. Habitats Naturais e Semi-naturais.....	110
5.5.1. Recreio	112
5.5.2. Caça.....	113
5.5.3. Pesca	113
6. Análise do Histórico e Causalidade Dos Incêndios Florestais.....	115
6.1. Representação das áreas ardidas, por ano, entre 2000 e 2016	115
6.1.2. Apresentação dos valores anuais de área ardida e do número de ocorrências no período 2000-2016	116
6.1.3. Apresentação dos valores anuais de área ardida e do número de ocorrências em 2016 e respectivos valores médios no último quinquénio, por freguesia	118
6.1.4. Apresentação dos valores de área ardida em 2016 e média do último quinquénio, por hectares de espaços florestais e por freguesia em cada 100 hectares.	119
6.2.1. Apresentação dos valores mensais de área ardida e do número de ocorrências em 2016 e respectivas médias para o período 2011-2016..	120
6.3.1. Apresentação dos valores de área ardida e do número de ocorrências distribuídos pelos dias da semana em 2016 e média entre 2011 e 2015	121
6.4.1. Apresentação dos valores diários acumulados da área ardida e do número de ocorrências no período 2000-2016	122
6.5.1. Apresentação dos valores da área ardida e do número de ocorrências por hora, entre 2000 e 2016	125
6.6.1. Apresentação dos valores de área ardida em espaços florestais, entre 2011 e 2016	127
6.7.1. Apresentação dos valores totais de área ardida e do nº de ocorrências por classes de extensão (0-1;> 1-10;> 10-20;> 20-50;> 50- 100;> 100 ha), entre 2011 e 2016.....	129
6.8.1. Representação dos pontos prováveis de início dos incêndios, por ano, associados às respectivas causas, para o período 2011-2016.....	131
6.8.2. Quadro com o número total de ocorrências e causas por freguesia, entre 2011 e 2016	132
6.9.1. Apresentação do nº de ocorrências e respectiva %, dos vários tipos de fonte de alerta, entre 2011 e 2016	133
6.9.10. Apresentação do nº de ocorrências, por hora e fonte de alerta, para período 2011 a 2016	134
7.1. Representação das áreas ardidas, por ano, entre 2000 e 2016	136



7.2.Apresentação dos valores anuais de área ardida e do nº de ocorrências entre 2001 e 2016.....	137
7.3.Apresentação dos valores anuais de área ardida e do nº de ocorrências por classes de extensão, entre 2001 e 2016	138
7.3.1.Apresentação dos valores mensais da área ardida e do nº de ocorrências em 2016 e respectivas médias entre 2001 e 2015	139
7.4.1.Apresentação dos valores de área ardida e do nº de ocorrências distribuídos pelos dias da semana em 2016 e média para o período 2001-2016	140
7.5.1.Apresentação dos valores de área ardida e do nº de ocorrências por hora, entre 2001 e 2016	141

1. Caracterização Física

Enquadramento geográfico do Concelho

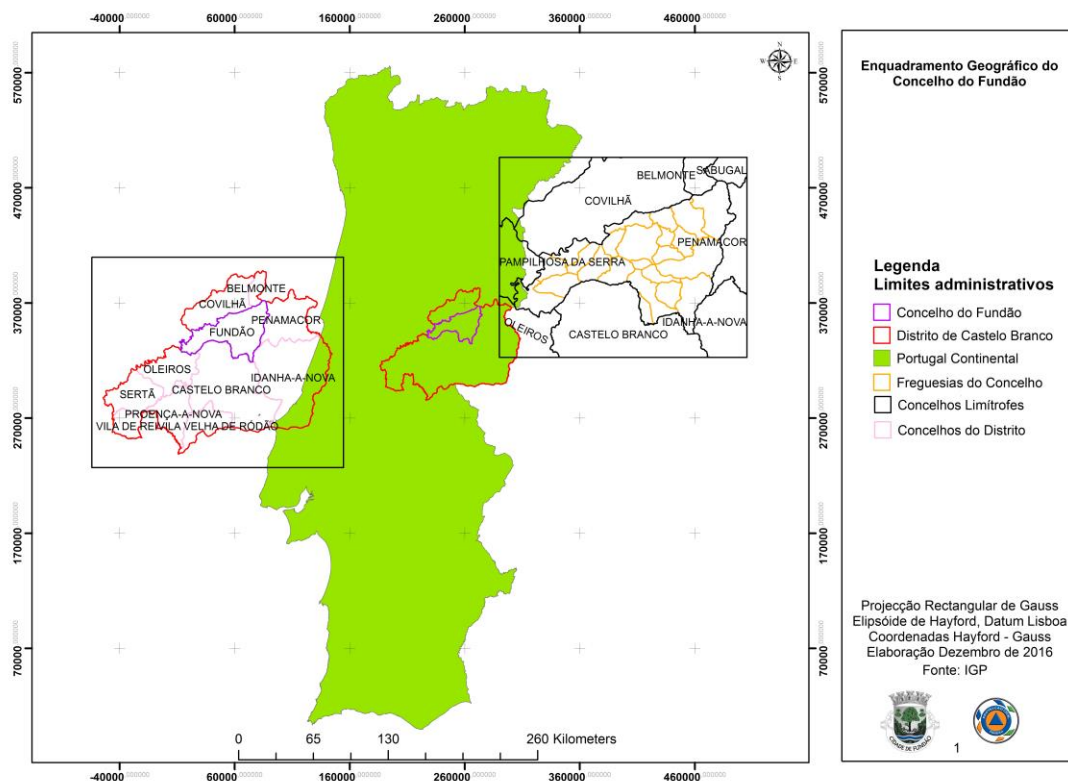


Figura 1 - Enquadramento geográfico do Concelho do Fundão

O concelho do Fundão está localizado no distrito de Castelo Branco, correspondendo em classificação à NUT III, e encontra-se incluído na região da Cova da Beira conjuntamente com os concelhos da Covilhã e Belmonte. Conforme podemos observar no quadro que abaixo se apresenta, este concelho é formado por 23 freguesias, reflectindo assim uma enorme diversidade e complexidade quer em termos administrativos quer em termos humanos e culturais. O concelho do Fundão é limitado a Norte pelo Distrito da Guarda confrontado com os concelhos da Covilhã, Belmonte e Sabugal, a Oeste pelo distrito de Coimbra confrontado com o concelho de Pampilhosa da Serra, a Sul pelo Distrito de Castelo Branco e concelhos de Oleiros e Castelo Branco e a Este pelo concelho de Penamacor. O concelho do Fundão está incluído na área de intervenção da do departamento de Conservação da Natureza e Florestas do Centro.

O Distrito de Castelo Branco, segundo dados de 2011, apresenta uma densidade populacional de 34 hab/Km² distribuída pelas suas 120 freguesias e 11 Municípios, o Concelho do Fundão ocupa uma superfície de, aproximadamente, 700 Km². Dos onze concelhos que fazem parte do Distrito de Castelo Branco, o Fundão fica em terceiro lugar a nível de área, depois de Castelo Branco e Idanha-a-Nova, mas em segundo a nível populacional, com um total de 29 213 habitantes, sendo constituído por 54 aglomerados populacionais (lugares e anexas) que se inserem em vinte e três freguesias:

Freguesia	População Residente (Nº)	Área (Km²)
Alcaide	616	16,7
Alcaria	1180	21,5
Alcongosta	497	7,3
Alpedrinha	1087	16,2
Barroca	496	23,1
Bogas de Cima	347	31,2
Capinha	494	39,6
Castelejo	656	29,5
Castelo Novo	406	40,5
Enxames	520	22,5
Fatela	564	11,3
Lavacolhos	236	19,9
Orca	650	55,0
Pêro Viseu	728	19,2
Silvares	968	20,2
Soalheira	891	12,4
Souto da Casa	807	29,4
Telhado	618	17,6
U.F. Fundão, A. Joanes, A. Nova Cabo, Donas e Valverde	13434	57,8
U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo	500	46,3
U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha	1416	72,7
U.F. Póvoa da Atalaia e Atalaia do Campo	1188	24,2
Três Povos	914	66

Tabela 1 – Divisão administrativa do Concelho do Fundão

Fonte – IGP/INE (Censos 2011)

1.1. Hipsometria

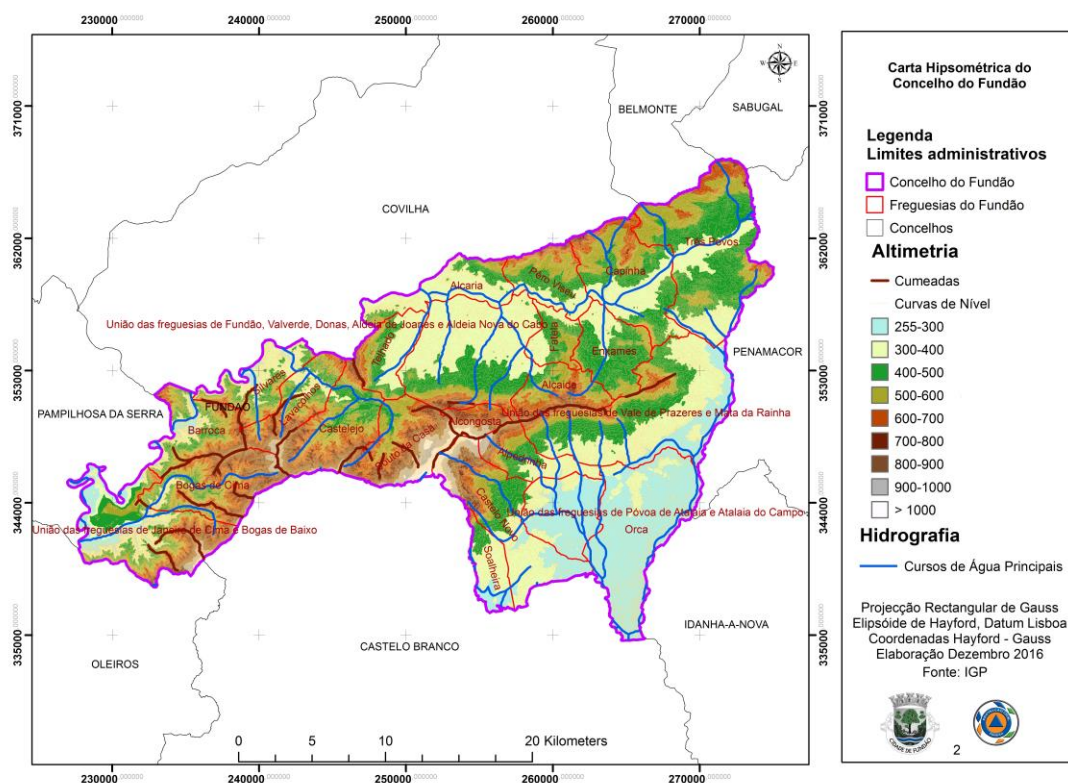


Figura 2 - Carta hipsométrica do Concelho do Fundão

O Concelho do Fundão insere-se na zona mais importante do País em termos de volume montanhoso, denominado Cordilheira Central. A morfologia do concelho evidencia um conjunto de maiores altitudes na cordilheira da Serra da Gardunha. Nesta região as altitudes variam entre os 255m e os 1226m;

Dada a estrutura que o concelho apresenta, este é considerado como bastante montanhoso, o que não facilita o combate aos fogos florestais, além disso grande parte da superfície florestada do concelho encontra-se precisamente nas terras com pior aptidão para a agricultura, ou seja, nas encostas.

Devido ao aumento da altitude, existe a diminuição da temperatura em 1° C por cerca de cada 150 metros.

A quantidade pluviométrica é mais elevada no topo das cordilheiras assim como a intensidade dos ventos.

A vegetação difere consoante a altitude visto cada espécie estar adaptada a um certo nível de altura.

Em zonas baixas, elevações que vão do 0 aos 300 metros, a altitude pouco influencia na vegetação existente, sendo fatores como luz, calor e humidade serem mais importantes no desenvolvimento vegetal do que a altitude propriamente dita. Em zonas situadas entre 300 metros e 2000 metros, o impacto na vegetação começa a ser um factor condicionante, uma vez que a humidade relativa do ar apresentar humidade relativa mais baixa, fazendo com que a vegetação sofra adaptações como sendo a diminuição da área de contacto da folha com o ar.

1.2. Declive

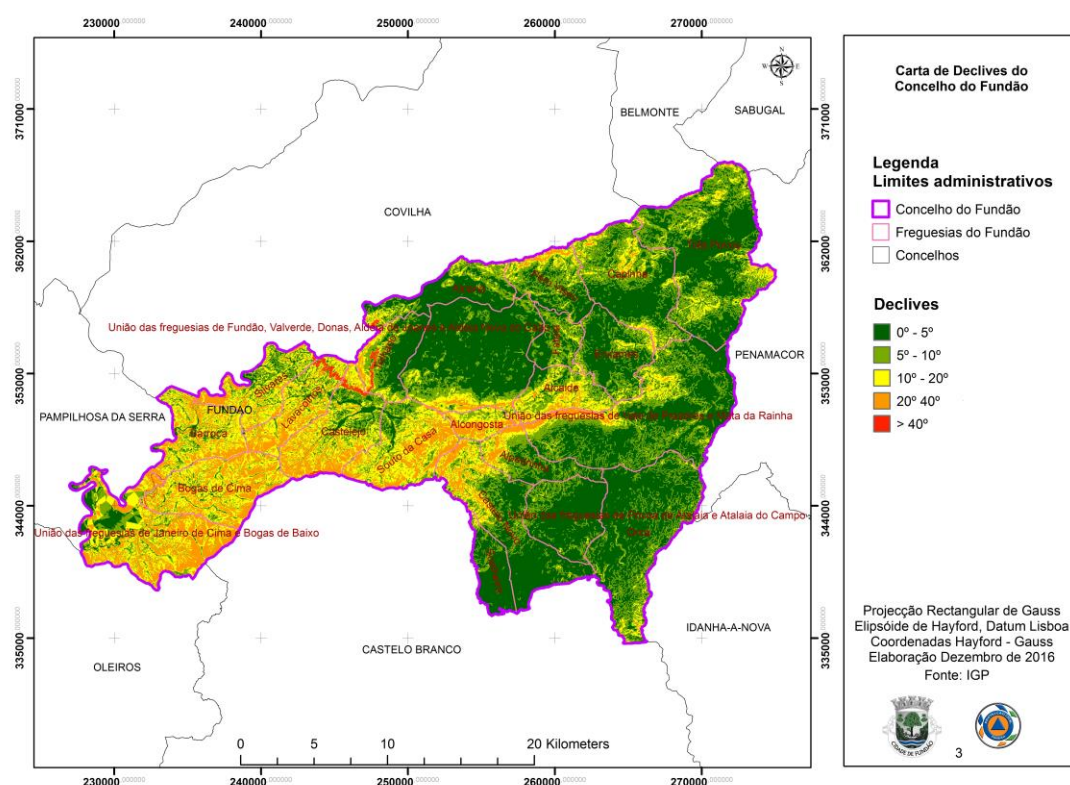


Figura 3 - Carta de declives do Concelho do Fundão

Da interpretação da carta de declives pode concluir-se que o Concelho do Fundão é um Concelho bastante heterogéneo do ponto de vista morfológico, sendo que os declives variam entre o 0° e os 79°. A parte Norte, Nordeste e Sudeste do Concelho constituem as zonas de menor declive, variando de uma maneira geral entre o 0° e os 20°, com predominância de zonas legendadas a verde. Em consequência dos declives relativamente reduzidos e das exposições favoráveis, as zonas a verde apresentam uma forte vocação agrícola, pelo que o risco de incêndio florestal é menor e relativamente limitado. Pelo contrário, as zonas de relevo mais acidentado concentram-se a Oeste e a

Sul, com especial destaque para a Serra da Gardunha nas freguesias de Souto da Casa, Alcongosta e vertente Norte da freguesia de Castelo Novo e uma faixa bastante declivosa que se inicia na confrontação entre Alpedrinha e Alcongosta e se prolonga na fronteira entre Alcaide e Vale de Prazeres. Castelejo, Lavacolhos, Silvares, Barroca, Bogas de Cima e Bogas de Baixo são freguesias extremamente acidentadas e coincidem com zonas onde o risco de incêndio varia entre o médio e o Muito Alto. São, portanto, zonas particularmente sensíveis do ponto de vista dos incêndios, sendo que as condições do relevo dificultam as acções de combate aos fogos ao mesmo tempo que potenciam a severidade dos mesmos. Destaque ainda para uma faixa em “V” de declive extremamente acentuado ($> 30^\circ$), que se inicia em Silvares e atravessa as freguesias de Lavacolhos e Castelejo, terminando no Telhado. Também no extremo Norte da freguesia de Pêro Viseu se encontram declives bastante assinaláveis, coincidindo com zonas de risco de incêndio elevado.

Os declives influenciam a direcção e intensidade dos ventos de forma acentuada quando estes são elevados. A nível local o declive influencia a propagação de incêndios florestais e o seu combate, ou seja, a mudança da direcção e intensidade dos ventos, “ventos do amanhecer” e “ventos do anoitecer” que se desenvolvem ao longo das encostas, irão alterar tanto as condições de propagação do incêndio como a própria segurança do combate.

Os ventos de leste também provocam nas encostas viradas a sul maior desidratação nos combustíveis expostos do que nas encostas viradas a norte, contribuindo para a mais rápida desidratação destes.

Nas encostas mais frias, devido à menor insolação, as temperaturas são em geral mais baixas bem como e a humidade mais elevada, mantendo assim a vegetação mais verde e menos suscetível à ocorrência e propagação de incêndios. Pelo contrário, nas encostas mais quentes devido a uma maior insolação a temperatura é mais alta levando a uma maior desidratação dos combustíveis, criando as condições propícias para a eclosão e propagação de incêndios florestais.

1.4. Hidrografia

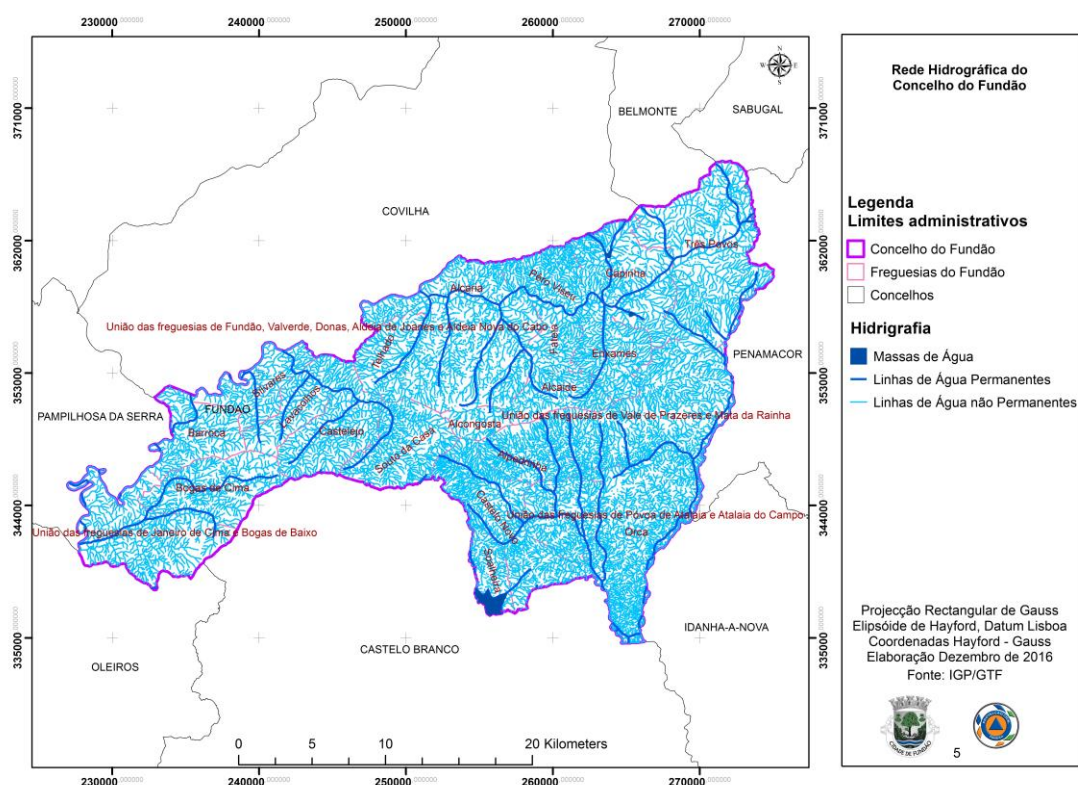


Figura 5 – Rede hidrográfica do Concelho do Fundão

A principal linha de fecho do concelho situa-se na Serra da Gardunha, sendo esta responsável pela divisão das bacias hidrográficas do Zêzere e afluentes do Rio Ponsul e Ocreza.

A maior parte da área do concelho é drenada para o Rio Zêzere com uma bacia hidrográfica de 4995.7km² e 242km de comprimento. No conjunto das linhas de

drenagem da bacia de Zêzere, assume especial importância a Ribeira da Meimosa em que a área da bacia hidrográfica é de 481.8km², sendo o seu comprimento de 59.1 km.

As linhas de água têm como função na defesa da floresta contra incêndios funcionarem como mosaico ecológico na propagação do incêndio e como apoio aos meios de combate. No entanto as linhas de água que não sejam sujeitas a operações silvícolas e que mantenham no seu leito e margens matagais, poderão ao contrário de ser benéficas, contribuir para a propagação dos incêndios e porem em causa a segurança do combate formando as chamadas chaminés.

2. Caracterização Climática

A análise climática do concelho do Fundão baseou-se nos dados referentes à estação de Castelo Branco, período 1986-2000. Estes dados são de grande importância para o planeamento das intervenções de ordenamento, particularmente ao permitirem determinar o leque de espécies possíveis, prever o risco de erosão e estabelecer medidas para a sua mitigação (tal como planear e alertar os meios necessários para a prevenção dos incêndios), perceber o fluxo turístico, o tipo de uso do solo existente e os factores anexos, que permitam uma leitura geral da paisagem do concelho.

Temperatura do Ar

2.1.Média da Temperatura Média Diária (°C) – 1971 a 2000

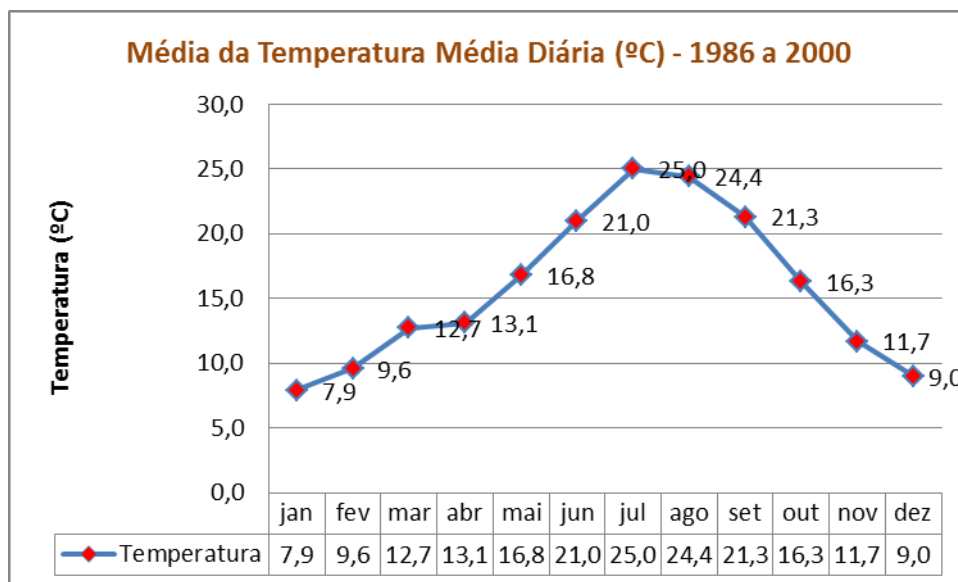


Figura 6 – Distribuição mensal da temperatura média diária entre 1971 e 2000

2.1.1 Média da Temperatura Máxima Diária (°C) – 1971 a 2000

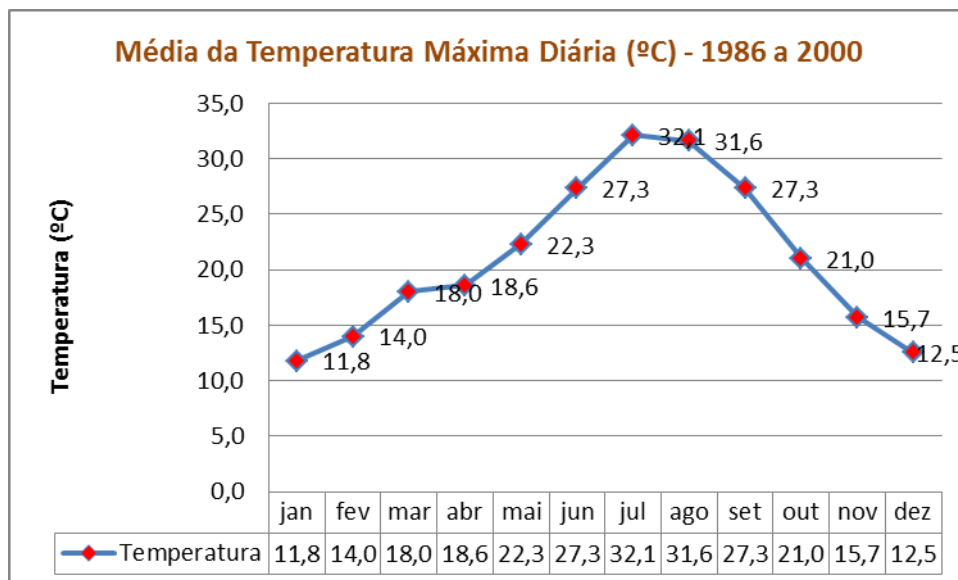


Figura 7 – Distribuição mensal da temperatura máxima diária entre 1986 e 2000

2.1.2 Maior Valor da Temperatura Máxima Diária (°C) – 1971 a 2000

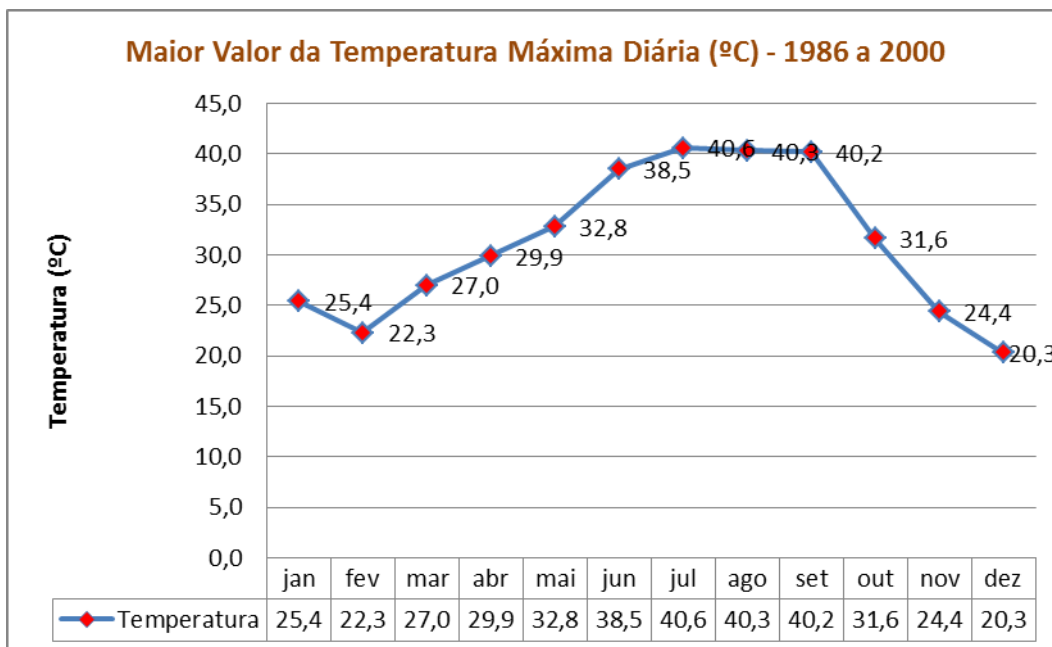


Figura 8 - Distribuição mensal do maior valor de temperatura máxima diária entre 1971 a 2000

A temperatura do ar é um dos factores mais determinantes para a ocorrência e propagação de incêndios florestais. Temperaturas do ar elevadas potenciam a eclosão de um incêndio, assim como facilitam a sua propagação, em consequência da secura dos combustíveis florestais, tais como ervas, matos, resíduos das operações florestais e manta morta. Os combustíveis finos mortos, nos dias quentes da época estival, atingem níveis de humidade tão baixos, que podem entrar em ignição espontânea, constituindo um enorme foco de perigo de incêndio florestal.

De acordo com os dados apresentados, relativos à temperatura do ar no Concelho do Fundão para o período 1971-2000, a temperatura média anual é igual a 15,7 °C, sendo Julho o mês em que se registou maior temperatura média diária, 25,0°C. Julho foi, também, o mês em que se registou maior valor de temperatura máxima diária, 40,6°C, tendo-se também verificado que é o mês com maior média de temperatura máxima diária, igual a 32,1°C. Assim, pode-se concluir que a temperatura do ar no Concelho do

Fundão é um factor que em muito contribui para o risco de incêndio florestal do Concelho, onde os Verões são quentes e secos.

2.2 Humidade Relativa do Ar

2.2.1 Valores Médios Mensais da Humidade Relativa do Ar (%) às 9h e 18h – 1971 a 2000

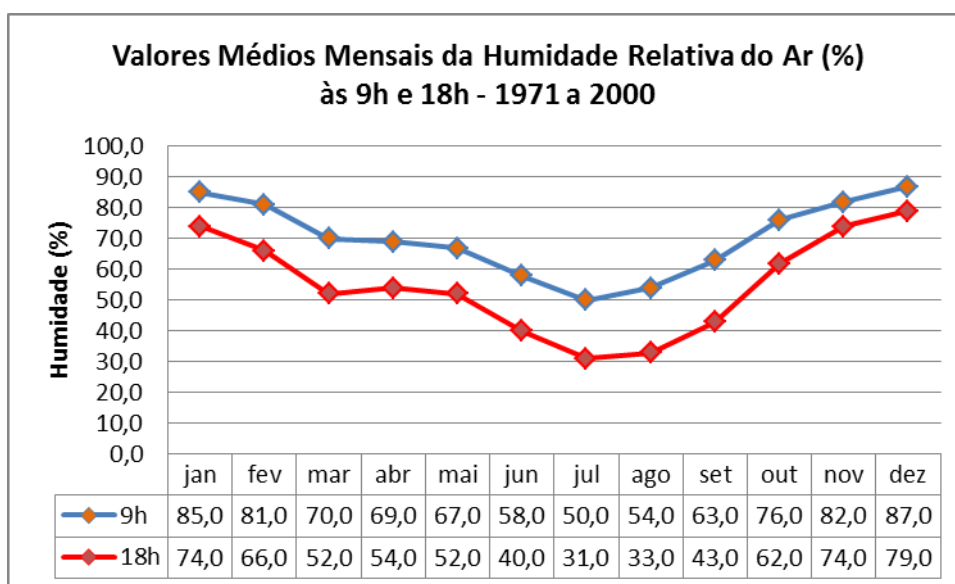


Figura 9 – Distribuição mensal da humidade relativa do ar entre 1971 a 2000

A humidade relativa do ar é, à semelhança da temperatura do ar, um factor determinante na eclosão e propagação de um incêndio florestal. Quanto maior a temperatura do ar, menor será a humidade relativa do ar, o que se traduz num aumento significativo do risco de incêndio florestal. Pelo contrário, em dias de maior humidade relativa do ar a ocorrência de um incêndio florestal será menos provável, em virtude de os combustíveis florestais sem encontrarem húmidos, o que também implica um menor risco de propagação de um eventual foco de incêndio.



Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios – Município do Fundão

A sua posição geográfica, no Centro de Portugal, e as características orográficas da região fazem com que o concelho seja atingido pelas massas de ar atlânticas carregadas de humidade, que provocam elevadas precipitações. Nesse sentido e atentando-se aos dados climáticos referentes à humidade relativa do ar no Concelho do Fundão durante o período 1971-2000, podemos afirmar que Janeiro e Dezembro são os meses mais húmidos, e em sentido contrário, Julho e Agosto os meses com menor humidade relativa do ar. O maior valor médio mensal da humidade relativa do ar, registado às 9h, foi 87,0%, em Dezembro; Dezembro registou, igualmente, maior valor medido às 18h, 79,0%. O mês de Julho foi o mês em que se registou maior valor de humidade relativa do ar às 9h e 18h, respectivamente, 50,0% e 31,0%.

2.3. Precipitação

2.3.1. Média da Quantidade de Precipitação Total (mm) - 1971 a 2000

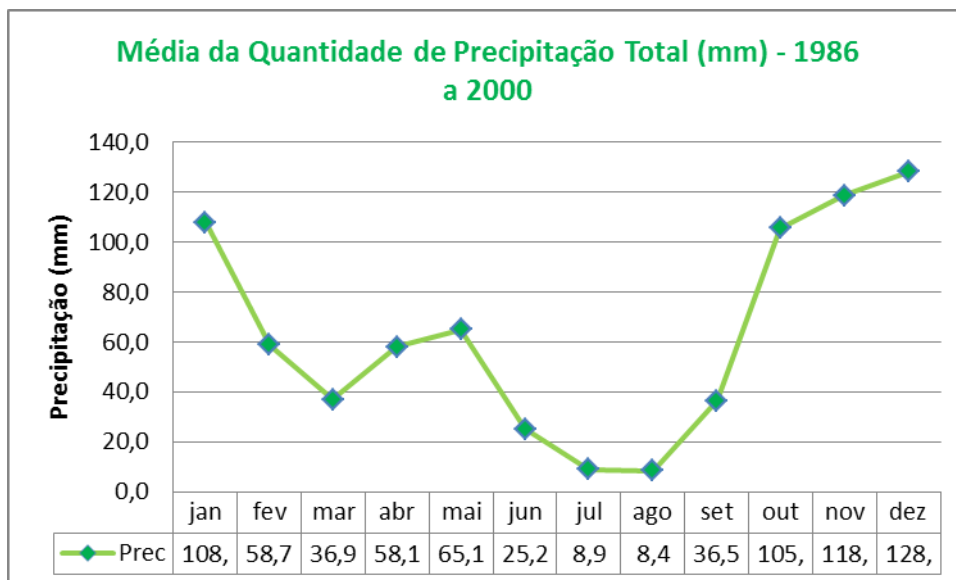


Figura 10 – Distribuição mensal da média de precipitação total entre 1971 a 2000

2.3.2. Maior Valor da Quantidade de Precipitação Diária (mm) - 1986 a 2000

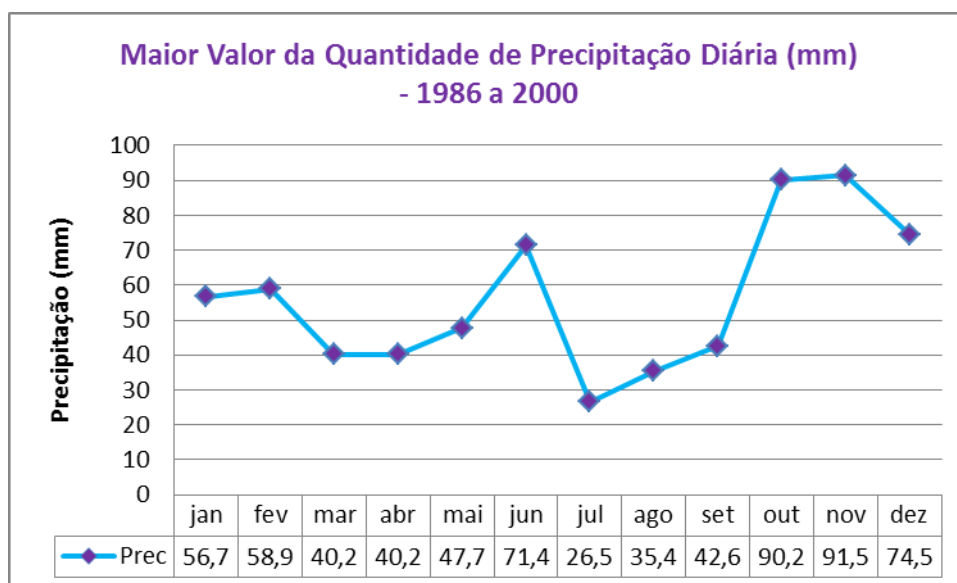


Figura 11 – Distribuição mensal do maior valor de precipitação diária entre 1971 a 2000

A precipitação é um factor que condiciona a ocorrência e, igualmente, a propagação de um incêndio florestal. Nos dias de Verão em que se registe precipitação, o risco de eclosão de um incêndio diminui significativamente, em resultado do aumento da humidade dos combustíveis florestais. Também a propagação de um eventual incêndio fica limitada em caso de precipitação. Pode-se dizer que a precipitação directamente ligada à humidade relativa do ar, no sentido em que quanto maior for a humidade, maior a probabilidade de ocorrência de precipitação.

Outra situação a ter em conta relativamente aos incêndios florestais prende-se com a erosão dos solos. Após um incêndio, a acção da chuva é particularmente preocupante, dependendo da sua intensidade. Para além de os solos perderem sustentação em consequência da destruição de árvores e vegetação arbustiva e herbácea, e, por isso, ficarem mais vulneráveis à acção das correntes de água, também as cinzas resultantes da combustão da biomassa constituem um foco de risco para solo, ecossistema florestal e cursos de água. A escorrência de água com cinzas dissolvidas para os cursos de água pode contaminá-los, podendo representar um problema de saúde pública.

Dezembro foi o mês em que se registou maior valor de precipitação total para o período considerado, obtendo-se um valor de 128,2 mm. Inversamente, o mês com menor média de precipitação total foi Agosto, contabilizando-se 8,4 mm. Em relação ao maior valor de precipitação diária, Novembro foi o mês em que se registou maior valor, 91,5 mm, enquanto Julho foi o mês de menor precipitação, registando-se 26,5 mm.

2.4.Vento

2.4.1.Valores Médios da Frequência (%) e Velocidade do vento (km/h) - 1986 a 2000

O vento é um factor determinante na propagação de um incêndio florestal. Alimenta a combustão, contribuindo para aumentar o volume das chamas, ao mesmo tempo que provoca o pré-aquecimento do combustível envolvente às chamas, em resultado da inclinação das mesmas, aumentando a área de radiação. A influência na propagação do fogo assenta, essencialmente, nas projecções de material incandescente e nos fogos de copas. Em presença de declives acentuados, o vento age como um catalisador do incêndio, aumentando a altura das chamas. Outra característica associada ao vento consiste no chamado “efeito chaminé”, que consiste no comportamento eruptivo do fogo, que, ao propagar -se em zonas montanhosas, ele próprio gera vento e em condições de elevada temperatura e baixa humidade, ganha uma rápida aceleração, aumentando o efeito devastador das chamas.

O vento, no Concelho do Fundão, sopra predominantemente de Oeste. As condições climáticas interferem na ocorrência e desenvolvimento de grandes incêndios. Na época estival quando a disponibilidade de combustível aumenta e as condições meteorológicas se tornam propícias (vento superior a 30km/h, temperatura superior a 30°C e humidade relativa do ar inferior a 30%), os incêndios florestais tendem a evoluir de forma explosiva. Neste caso quando a primeira intervenção falha, a violência e rapidez com que o incêndio se desenvolve, depressa se torna num incêndio de grandes dimensões que pelo histórico e estudo destes, tende a ter áreas muito superiores a 100 hectares.

			Mês											
			Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Direcção	Norte	Frequência	18,6	15	21,4	16,5	13,8	14,2	15,3	13,4	15,6	13,3	14,3	14,7
		Velocidade	13,0	14,4	15,5	15,8	15,2	14,4	14,1	13,5	13,4	13,3	12,7	12,8
	Nordeste	Frequência	12,3	11,6	9,5	6,4	7,5	6,6	6,3	4,7	7,5	10,4	11,9	15,4
		Velocidade	10,6	11,1	11,2	12,3	11,9	12,0	12,4	11,6	10,4	10,9	9,7	9,5
	Este	Frequência	16,0	16,4	15,2	9,2	9,9	6,2	7,2	6,7	8,9	16,3	16,8	19,7
		Velocidade	12,3	12,3	14,2	13,7	12,6	11,7	11,4	10,9	11,0	12,1	12,7	11,8
	Sudeste	Frequência	4,0	3,7	3,5	3,3	4,1	3,6	3,7	5,1	4,3	5,2	4,3	3,7
		Velocidade	10,3	9,0	10,6	10,0	11,2	9,2	10,4	8,8	9,3	12,0	10,8	10,6
	Sul	Frequência	8,9	8,0	5,6	7,6	10,9	9,1	7,8	10,0	8,7	9,9	8,1	8,5
		Velocidade	15,6	12,8	11,3	14,0	13,9	12,5	12,1	11,6	12,8	14,9	13,9	15,1
	Sudoeste	Frequência	10,4	10,6	7,3	12,3	14,4	12,3	11,9	12,9	11,0	11,0	9,8	8,2
		Velocidade	14,8	16,8	14,1	16,3	14,0	14,3	14,2	13,4	12,9	14,9	14,7	18,2
	Oeste	Frequência	13,1	18,5	21,3	29,9	25,5	34,2	32,6	33,4	26,9	18,4	16,5	10,9
		Velocidade	14,2	16,4	14,7	17,1	15,1	15,5	14,4	14,3	14,0	13,3	13,7	15,3
	Noroeste	Frequência	3,6	3,7	6,1	8,8	6,0	7,5	8,6	6,8	7,4	5,2	5,1	4,5
		Velocidade	12,6	13,7	13,2	16,1	13,4	14,8	14,1	12,6	14,4	12,9	12,5	13,4

Tabela 2 – Distribuição mensal dos valores médios da frequência e velocidade do vento entre 1971 a 2000

3. Caracterização da População

3.1. População Residente por Censo e Freguesia (1991/2001/2011) e Densidade Populacional (2011)

A população é um elemento estratégico que se interrelaciona com o sistema económico, social e territorial, interferindo na definição de uma política e de um esquema de ordenamento do território.

A regressão demográfica observada nas regiões do interior do nosso território, ao longo dos últimos sessenta anos, tem na origem a visão de desenvolvimento centralista do Estado, o que motivou a deslocalização das famílias para as cidades do litoral, para o estrangeiro e também para cidades e vilas do interior. Este fenómeno, intimamente relacionado com a sobrevivência e a procura de bem-estar, transformou os espaços rurais e aldeias, antes plenos de actividade, em lugares onde a natureza lidera e onde a débil presença humana, se existente, dificilmente será relevante para alterar o cenário.

Os PDM, instrumentos de ordenamento que surgem na década de 1980, têm um forte pendor urbano, relegando para segundo e último plano os recursos naturais, a água, a terra e o ar, suporte da vida, da agricultura, da floresta, da fauna e flora.

3.1.1. Alcaide

A freguesia do Alcaide possui, de acordo com os dados provisórios dos Censos 2011, uma população de 616 indivíduos. Desde 1991 tem-se assistido a uma diminuição da população, passando esta de 826 para 764 em 2001 e 764 para 616 em 2011. Assim, regista-se uma diminuição da população igual a 25,4% em termos percentuais e de 210 indivíduos em termos absolutos.

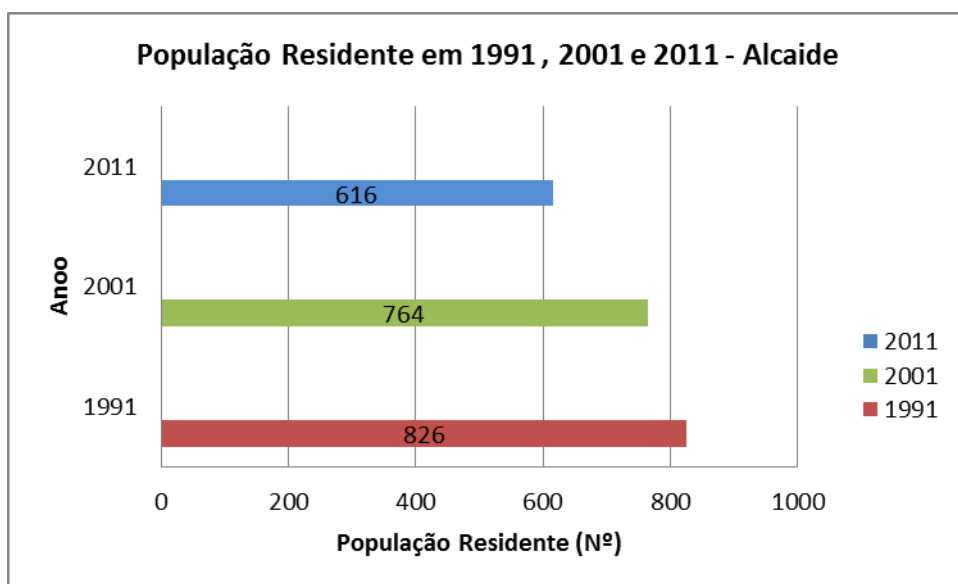


Figura 12 – População residente na freguesia do Alcaide em 1991, 2001 e 2011

3.1.2. Alcaria

A freguesia de Alcaria possui, segundo os dados de 2011, uma população de 1180 pessoas. A variação da população não apresenta um padrão contínuo, no sentido em que a população aumentou ligeiramente entre 1991 e 2001, passando de 1264 para 1271 indivíduos. No entanto, este tímido aumento foi interrompido pela diminuição da população para 1180 pessoas em 2011, o que corresponde a uma variação de -6,6% e uma redução de 84 pessoas relativamente a 1991.

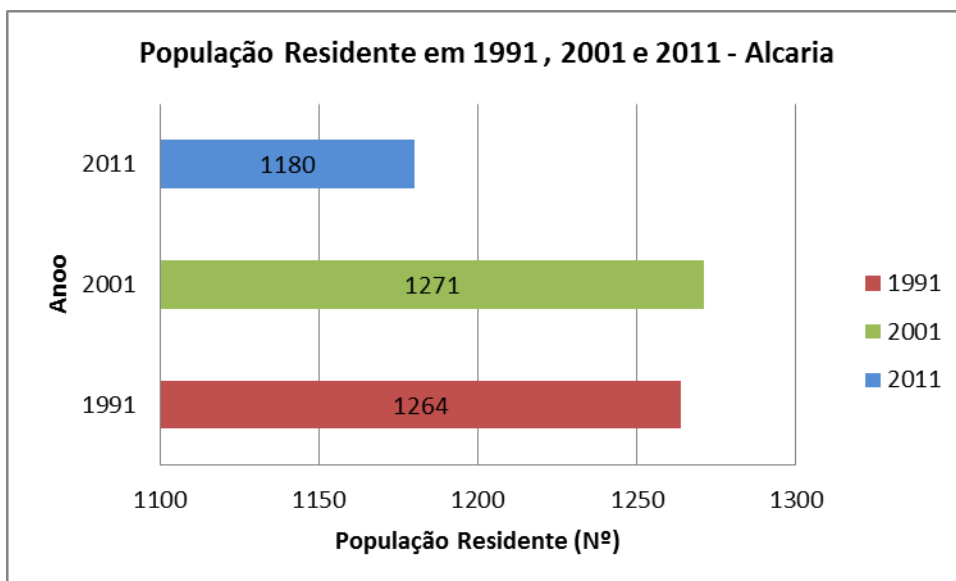


Figura 13 – População residente na freguesia de Alcária em 1991, 2001 e 2011

3.1.3. Alcongosta

A freguesia de Alcongosta tem em 2011 uma população de 497 indivíduos. Apresenta uma tendência de diminuição progressiva da população residente, tendo-se registado uma diminuição de 645 para 573 pessoas no período 1991 – 2001, e de 573 para 497 no período 2001 – 2011. Ou seja, entre 1991 e 2011 registou-se um decréscimo populacional de 148 indivíduos, o que corresponde a uma variação de - 22,9%.

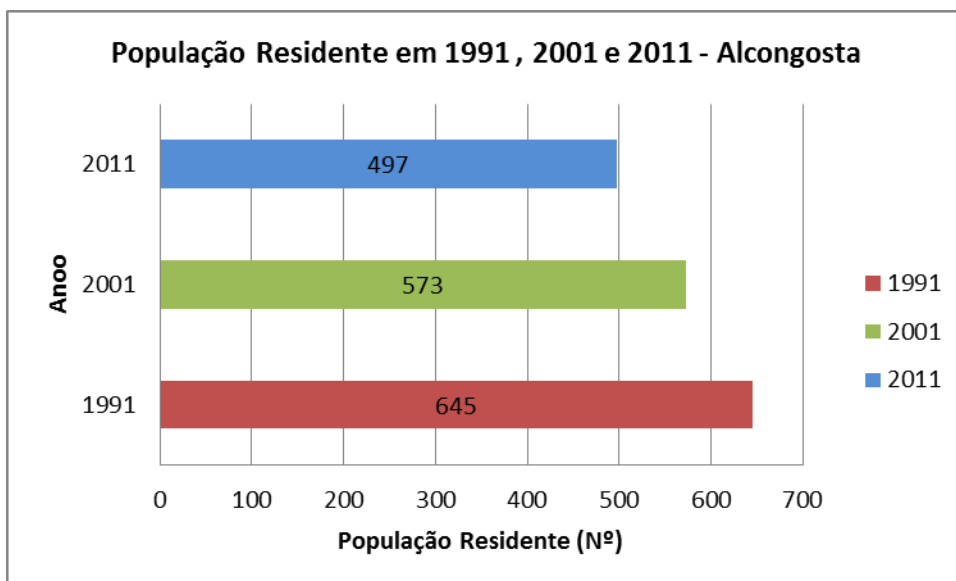


Figura 14 – População residente na freguesia de Alcongosta em 1991, 2001 e 2011

No âmbito dos equipamentos sociais, esta freguesia dispõe de Centro de Dia e de Serviço de Apoio Domiciliário, apesar de desconhecermos o respectivo número de utentes. A entidade proprietária é a Santa Casa da Misericórdia do Fundão.

3.1.4.Alpedrinha

A freguesia de Alpedrinha regista em 2011 uma população de 1087 indivíduos. À semelhança de outras freguesias, desde 1991 tem-se assistido à diminuição progressiva da população, sendo que esta passou de 1348 pessoas para 1184 em 2001 e para 1087 indivíduos em 2011. Este decréscimo corresponde a uma variação de -19,4%, ou em termos absolutos uma redução de 261 indivíduos.

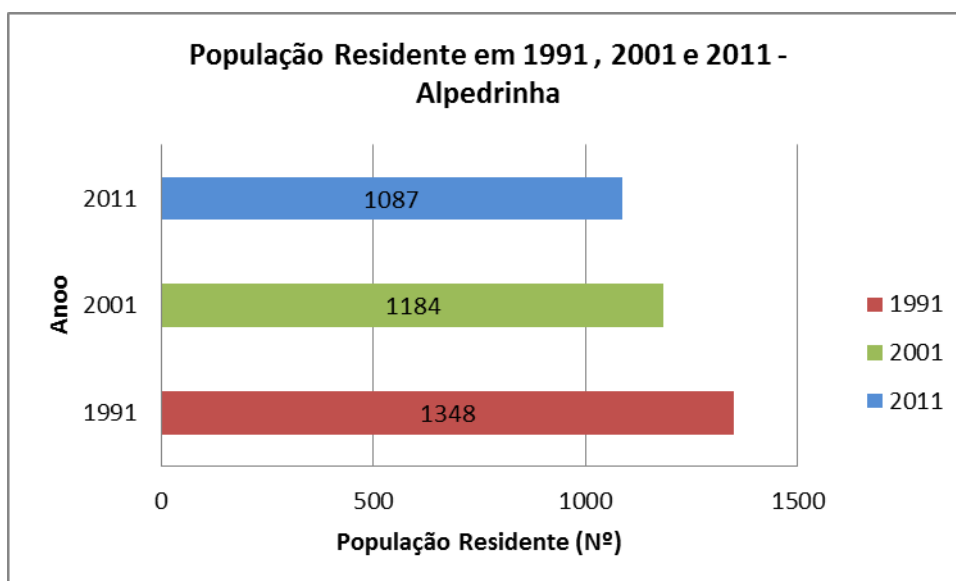


Figura 15 - População residente na freguesia de Alpedrinha em 1991, 2001 e 2011

Os principais equipamentos sociais presentes nesta freguesia correspondem, por um lado, à Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha e, por outro lado, a Fundação Gambôa Pina Ferrão. A Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha engloba dois tipos de valências, uma é a Creche, com 112 utentes e capacidade para 114, e a outra um Lar com 60 utentes, encontrando-se de momento no limite da sua capacidade e contando já com uma lista de espera. Por sua vez, a Fundação Gambôa Pina Ferrão é a entidade proprietária do Centro de Dia que detém 27 utentes e tem capacidade para 30.

3.1.5.Barroca

A freguesia de Barroca regista, de acordo com os dados de 2011, uma população de 496 indivíduos. Observa-se, igualmente, uma diminuição progressiva da população desde 1991, passando esta de 751 indivíduos para 634 em 2001 e de 634 para 496 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -34%, o que significa um decréscimo de 255 indivíduos.

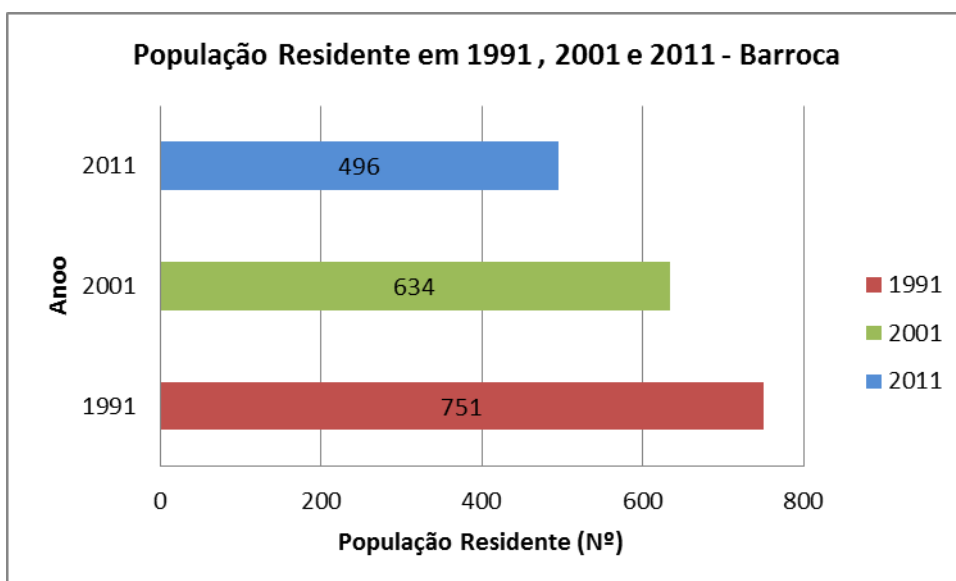


Figura 16 - População residente na freguesia de Barroca em 1991, 2001 e 2011

As respostas sociais sediadas na freguesia correspondem ao Centro de Dia e ao Serviço de Apoio Domiciliário. Contudo, não foi possível apurar o número de utentes e a sua respectiva capacidade.

3.1.6. Bogas de Cima

A freguesia de Bogas de Cima regista, de acordo com os dados de 2011, uma população de 347 indivíduos. Observa-se, igualmente, uma diminuição progressiva da população desde 1991, passando esta de 649 indivíduos para 466 em 2001 e de 466 para 347 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -46,5%, o que significa um decréscimo de 302 indivíduos.

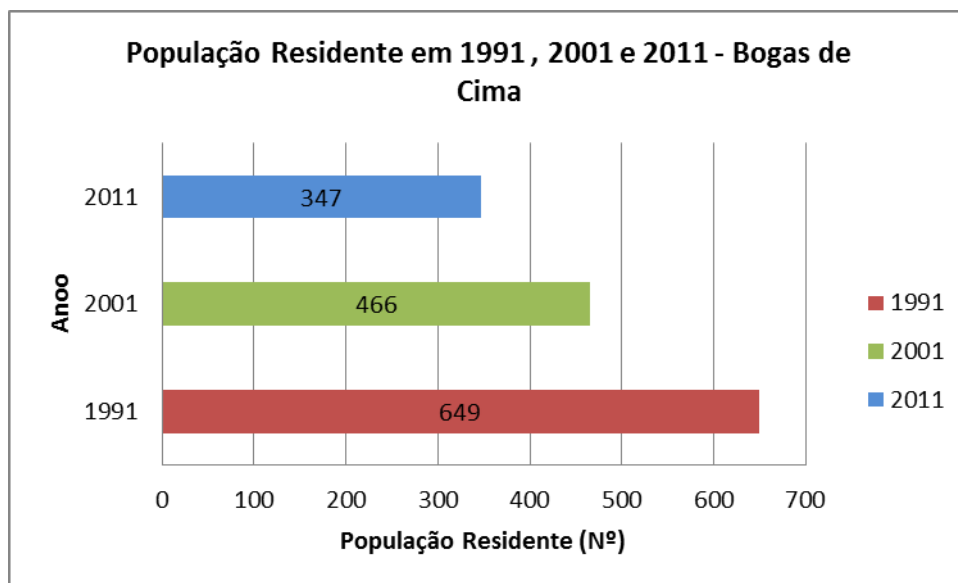


Figura 17 - População residente na freguesia de Bogas de Cima em 1991, 2001 e 2011

Nesta freguesia a Santa Casa da Misericórdia do Fundão é a entidade proprietária do Centro de Dia que tem 22 utentes e do Serviço de Apoio Domiciliário com 6 utentes.

3.1.7. Capinha

A freguesia da Capinha tem em 2011 uma população de 494 indivíduos. Apresenta uma tendência de diminuição progressiva da população residente, tendo-se registado uma diminuição de 753 para 620 pessoas no período 1991 – 2001, e de 620 para 494 no período 2001 – 2011. Ou seja, entre 1991 e 2011 registou-se um decréscimo populacional de 259 indivíduos, o que corresponde a uma variação de -34,4%.

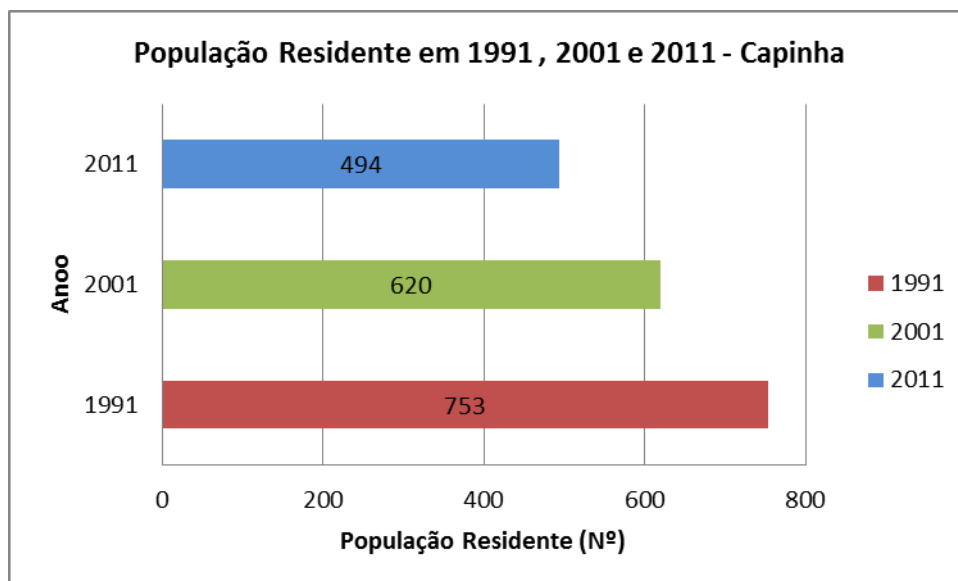


Figura 18 - População residente na freguesia de Capinha em 1991, 2001 e 2011

A Capinha usufrui de ATL e de Centro de Dia, ambos geridos pela Santa Casa da Misericórdia do Fundão. No caso de ATL, o número de utentes situa-se nos 9, tendo capacidade para 15. Já o Centro de Dia tem 63 utentes e capacidade para 65.

3.1.8.Castelejo

A freguesia de Castelejo regista, de acordo com os dados de 2011, uma população de 656 indivíduos. Observa-se, igualmente, uma diminuição progressiva da população desde 1991, passando esta de 949 indivíduos para 824 em 2001 e de 824 para 656 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -30,9%, o que significa um decréscimo de 293 indivíduos.

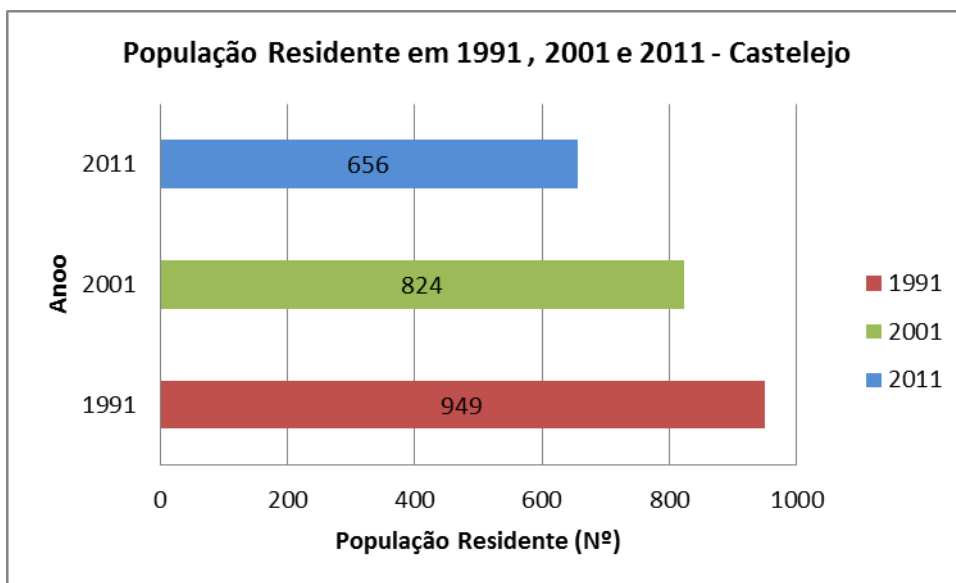


Figura 19 - População residente na freguesia de Castelejo em 1991, 2001 e 2011

3.1.9.Castelo Novo

A freguesia de Castelo Novo regista, de acordo com os dados de 2011, uma população de 406 indivíduos. Observa-se, igualmente, uma diminuição progressiva da população desde 1991, passando esta de 525 indivíduos para 439 em 2001 e de 439 para 406 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -22,7%, o que significa um decréscimo de 119 indivíduos.

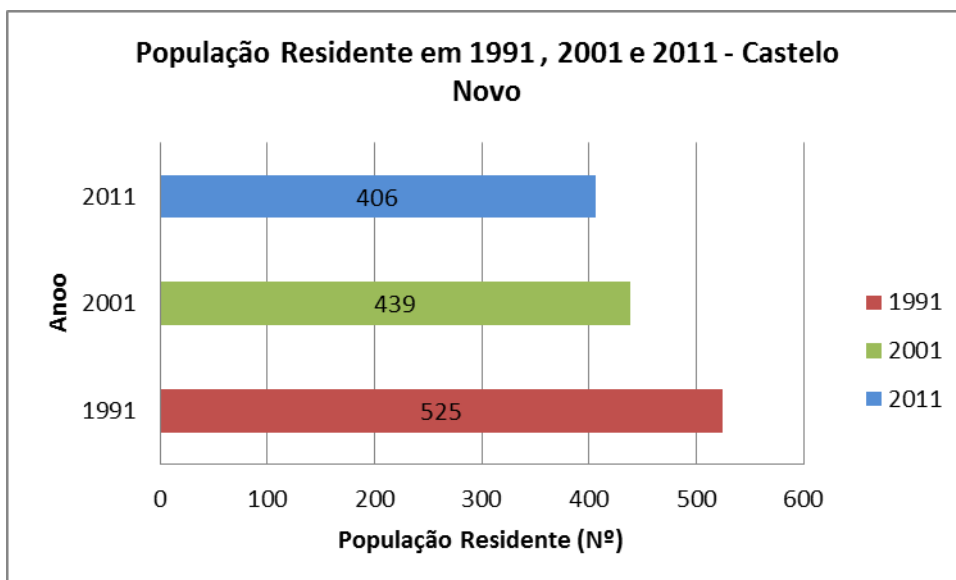


Figura 20 - População residente na freguesia de Castelo Novo em 1991, 2001 e 2011

3.1.10.Enxames

A freguesia de Enxames regista, de acordo com os dados de 2011, uma população de 520 indivíduos. Observa-se, igualmente, uma diminuição progressiva da população desde 1991, passando esta de 661 indivíduos para 596 em 2001 e de 596 para 520 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -21,3%, o que significa um decréscimo de 141 indivíduos.

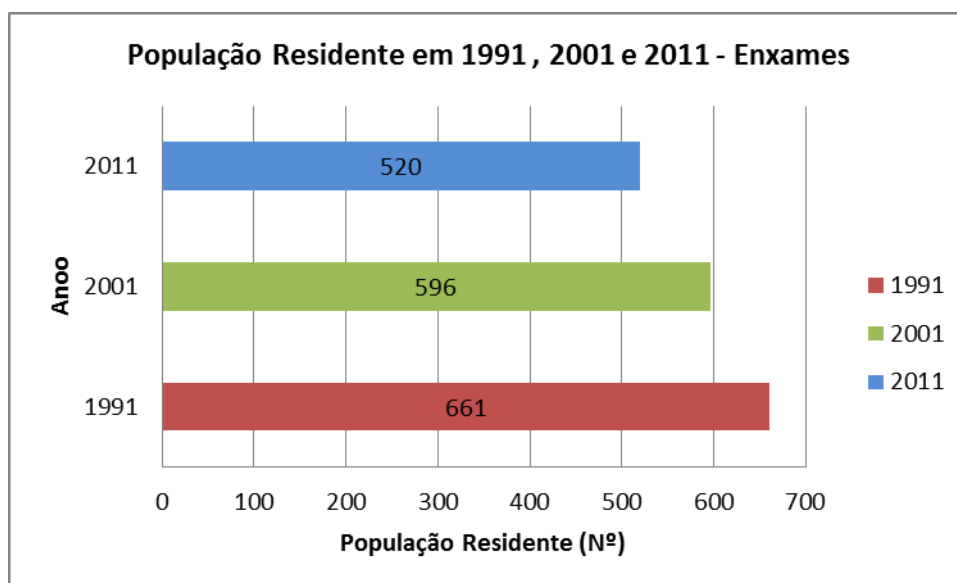


Figura 21 - População residente na freguesia de 1991, 2001 e 2011

Do ponto de vista dos equipamentos de índole social presente na freguesia temos o Centro de Dia Nossa Senhora do Fastio, apesar de não dispormos do número de utentes e da sua respectiva capacidade.

3.1.11.Fatela

A freguesia da Fatela regista, de acordo com os dados de 2011, uma população de 564 indivíduos. Observa-se, igualmente, uma diminuição da população de 1991 a 2011, passando esta de 633 indivíduos para 549 em 2001 e de 549 para 564 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -10,9%, o que significa um decréscimo de 69 indivíduos.

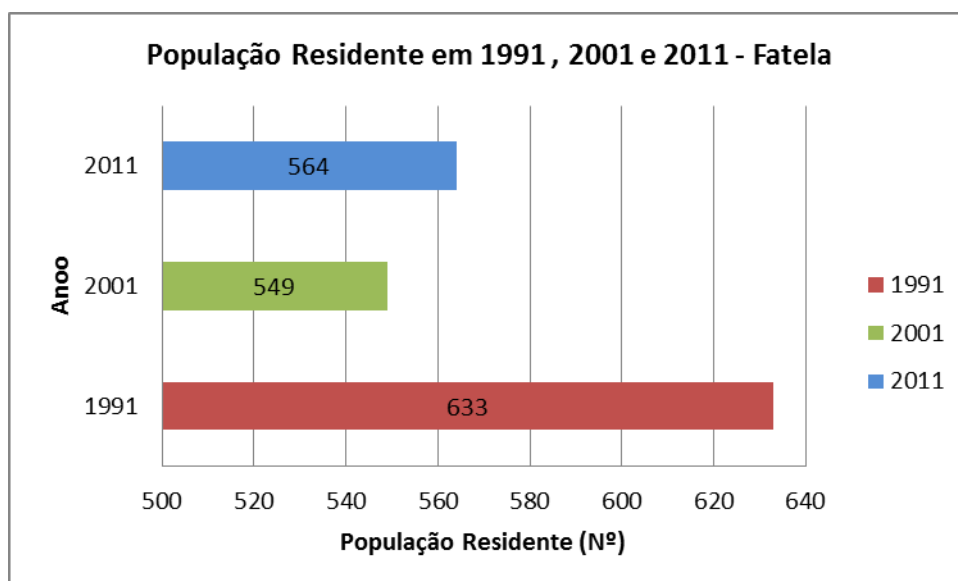


Figura 22 - População residente na freguesia de Fatela em 1991, 2001 e 2011

3.1.12.Lavacolhos

A freguesia de Lavacolhos regista, de acordo com os dados de 2011, uma população de 236 indivíduos. Observa-se uma diminuição da população de 1991 a 2011, passando esta de 331 indivíduos para 242 em 2001 e de 242 para 236 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -28,7%, o que significa um decréscimo de 95 indivíduos.

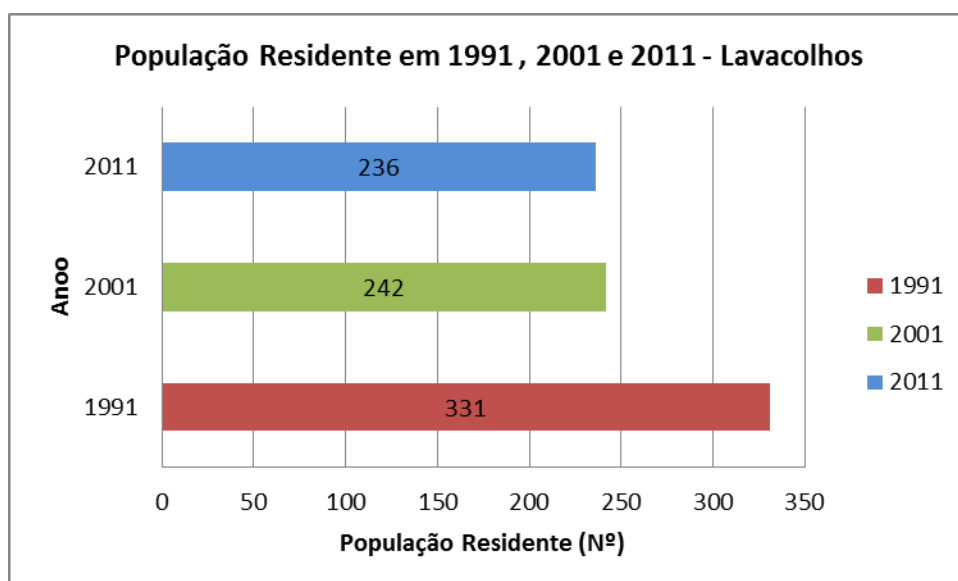


Figura 23 - População residente na freguesia de Lavacolhos em 1991, 2001 e 2011

Do ponto de vista dos equipamentos sociais, prevalecem as respostas dirigidas à população idosa, nomeadamente o Centro de Dia com capacidade e um número total de 16 utentes e Serviço de Apoio Domiciliário com 5 utentes. Tanto um como outro são geridos pela Santa Casa da Misericórdia do Fundão.

3.1.13.Orca

A freguesia da Orca regista, de acordo com os dados de 2011, uma população de 650 indivíduos. Observa-se uma diminuição da população de 1991 a 2011, passando esta de 1008 indivíduos para 800 em 2001 e de 800 para 650 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -35,5%, o que significa um decréscimo de 358 indivíduos.

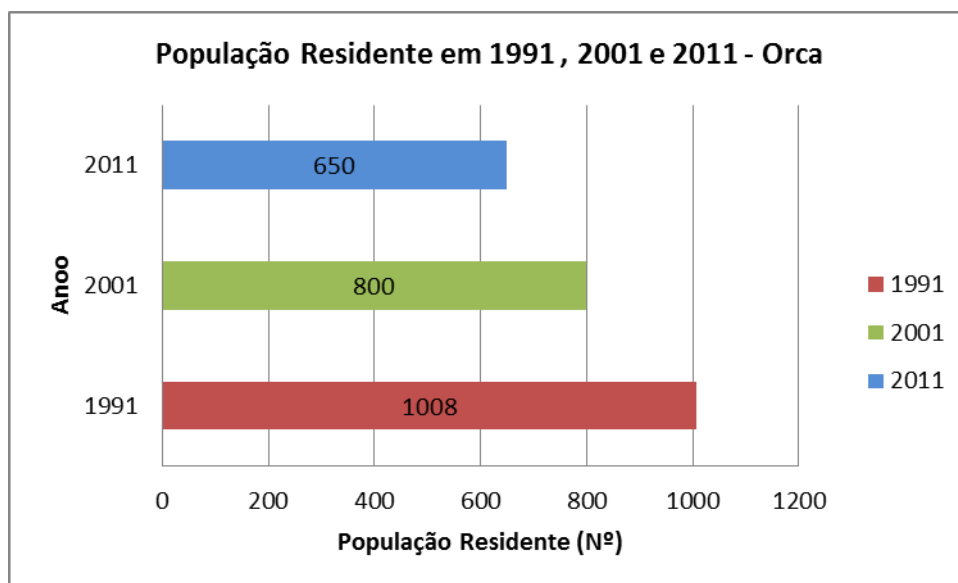


Figura 24 - População residente na freguesia de Orca em 1991, 2001 e 2011

No que diz respeito a equipamentos sociais, esta freguesia encontra-se abrangida por um Centro de Dia e pelo Serviço de Apoio Domiciliário, cuja entidade proprietária é o Instituto S. Miguel. Em relação ao Centro de Dia, tanto o número de utentes como a respectiva capacidade situa-se nos 14. O serviço de Apoio Domiciliário é beneficiado por 25 pessoas.

3.1.14. Pêro Viseu

A freguesia de Pêro Viseu, nestas duas últimas décadas, não ficou indiferente à perda da sua população, tendo passado de 950 residentes em 1991 para 831 em 2001 e de 831 para 728 em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -23,4%, o que significa um decréscimo de 222 indivíduos.

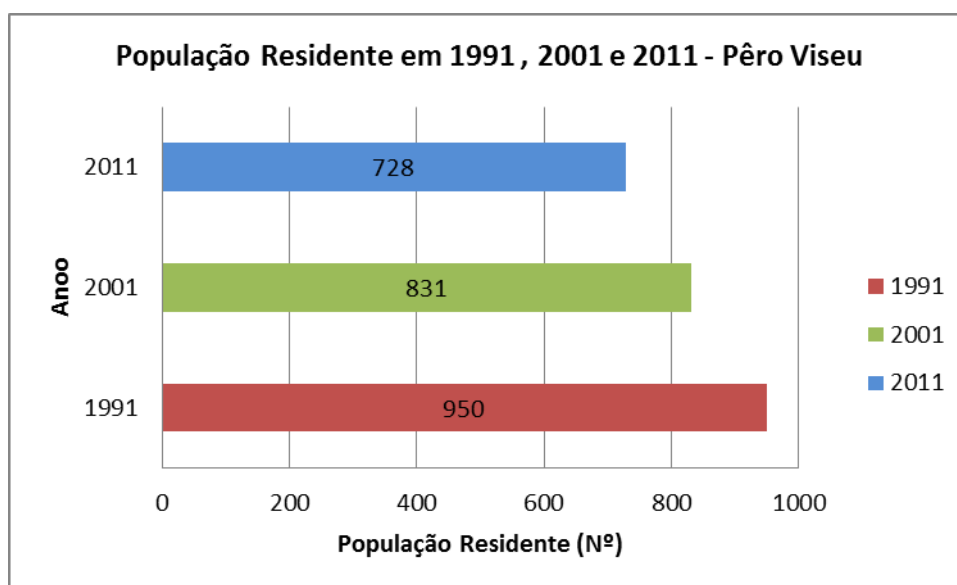


Figura 25 - População residente na freguesia de Pêro Viseu em 1991, 2001 e 2011

Esta freguesia comporta os seguintes equipamentos sociais: ATL, Centro de Dia, e Serviço de Apoio Domiciliário. O centro de Dia tem 25 utentes e capacidade para 35 e o Serviço de Apoio Domiciliário é beneficiado por 20 utentes. Em relação ao ATL não foi possível apurar o número de utentes.

3.1.15.Silvares

Silvares não ficou indiferente à perda de população residente nestas últimas décadas, visto que em 1991 a freguesia era composta por 1278 fregueses, e em 2001 decresceu para 1104. Já entre 2001 e 2011, a população passou de 1104 para 968 fregueses. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -24,3%, o que significa um decréscimo de 310 indivíduos.

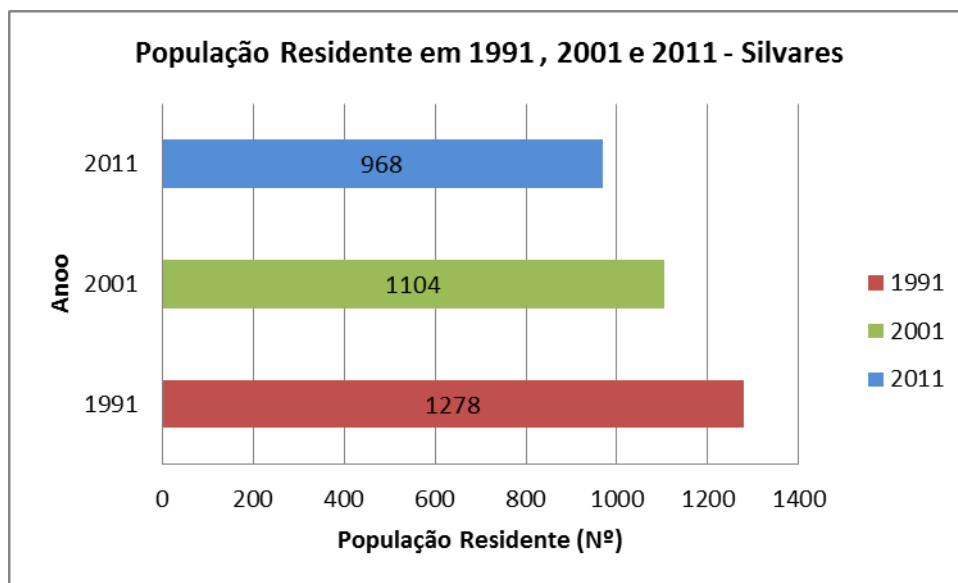


Figura 26 - População residente na freguesia de Silvares

Em relação aos equipamentos sociais, esta freguesia detém um Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário, o primeiro com 30 utentes e sem capacidade para mais e o segundo com 10 utentes. Nos dois casos a Santa Casa da Misericórdia do Fundão é a entidade proprietária.

3.1.16.Soalheira

A freguesia da Soalheira regista, de acordo com os dados de 2011, uma população de 891 indivíduos. Observa-se uma diminuição da população de 1991 a 2011, passando esta de 1172 indivíduos para 1130 em 2001 e de 1130 para 891 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -24,0%, o que significa um decréscimo de 281 indivíduos.

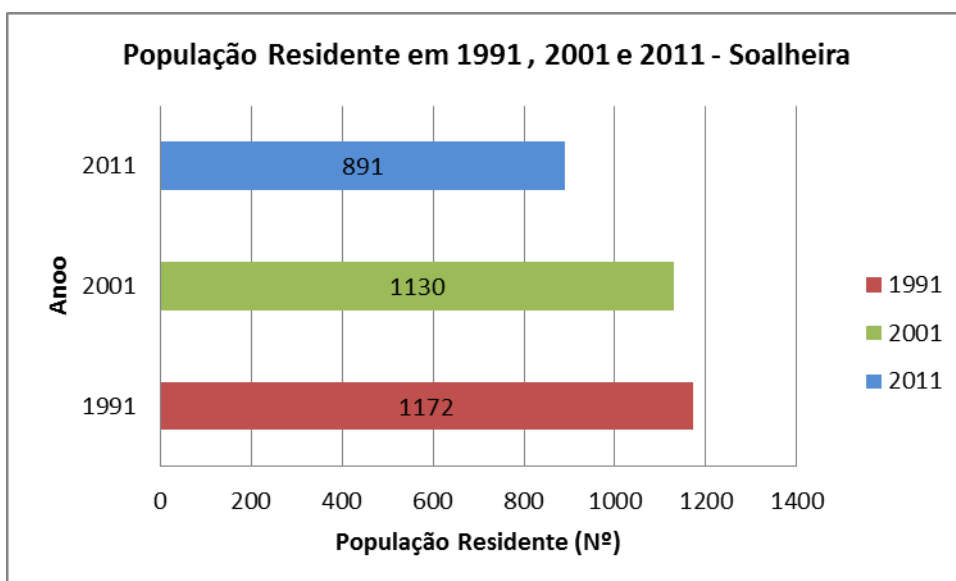


Figura 27 - População residente na freguesia de Soalheira em 1991, 2001 e 2011

No que diz respeito aos equipamentos sociais, a freguesia da Soalheira encontra-se abrangida por o Centro de Dia, Serviço de Apoio Domiciliário e um Lar. O Centro de Dia tem capacidade para 30 utentes e um total de 29. O serviço de Apoio Domiciliário é beneficiado por 14 pessoas. E o Lar tem 46 utentes e capacidade para esse mesmo número. Nos três casos, a entidade proprietária é a Santa Casa da Misericórdia da Soalheira.

3.1.17.Souto da Casa

A freguesia de Souto da Casa tem, de acordo com os dados de 2011, uma população de 807 indivíduos. Observa-se, igualmente, uma diminuição progressiva da população desde 1991, passando esta de 1124 indivíduos para 988 em 2001 e de 988 para 807 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -28,2%, o que significa um decréscimo de 317 indivíduos.

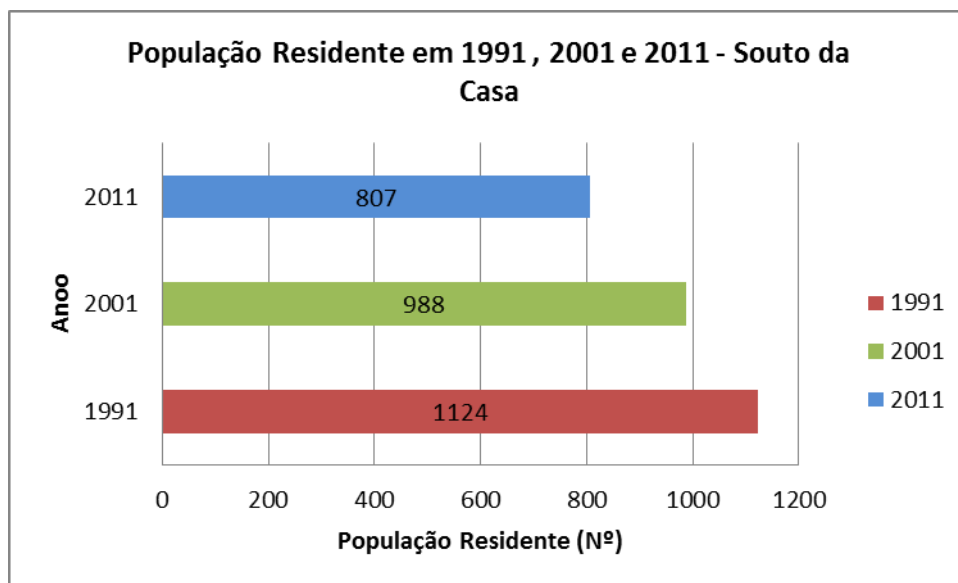


Figura 28 - População residente na freguesia de Souto da Casa

Em termos de equipamentos sociais, esta freguesia encontra-se abrangida por um Centro de Dia e pelo Serviço de Apoio Domiciliário, sendo ambos geridos pelo Centro Paroquial de Assistência de Sou da Casa. O Centro de Dia tem capacidade para 30 utentes, tendo de momento um total de 26. O Serviço de apoio Domiciliário tem um total de 18 utentes.

3.1.18.Telhado

A freguesia do Telhado é uma das poucas que apresenta um crescimento populacional entre 1991 e 2011. De 1991 para 2001 a população cresceu de 509 habitantes para 619, tendo-se registado uma diminuição residual entre 2001 e 2011, de 619 para 618 indivíduos. Este crescimento da população traduz-se numa taxa de variação igual a 21,4%, ou seja, a freguesia ganhou 109 habitantes.

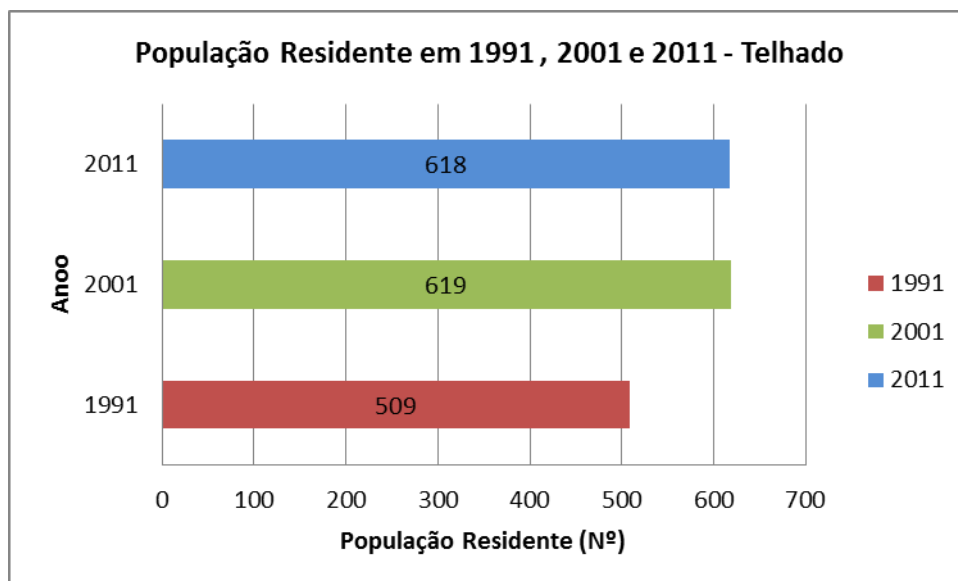


Figura 29 - População residente na freguesia de Telhado

Nesta freguesia, as principais respostas sociais dirigem-se à população idosa, existindo para o efeito um Centro de Dia com 25 utentes, encontrando-se no limite das suas capacidades e o Serviço de Apoio Domiciliário com 6 utentes. A entidade responsável por ambas as valências é o Centro Social do Telhado (TECTO).

3.1.19.U.F. Fundão, Valverde, Donas, Aldeia de Joanes e Aldeia Nova do Cabo

A Cidade do Fundão regista, segundo os dados estatísticos de 2011, uma população de 9236 indivíduos. É uma das poucas freguesias que regista crescimento populacional, não lhe sendo alheio o facto de nela se encontrar a sede do Município, a cidade do Fundão, que é o segundo aglomerado mais importante da Cova da Beira em termos socioeconómicos, uma cidade dinâmica e repleta de actividades culturais. Em 1991 a população era de 7070 pessoas, tendo aumentado para 8957 em 2001 e para 9236 indivíduos em 2011. Este acréscimo populacional de 2166 corresponde a uma taxa de variação igual a 30,6%.

Nesta cidade, sede de Freguesia, existe uma variedade de equipamentos sociais, designadamente Lar, Centro de Dia, Centro de Convívio, ATL, Creche e Jardim-de-infância, e o Centro de Actividades Ocupacionais. Face a estes equipamentos, dispomos de informações sobre o Lar que é gerido pela Santa Casa da Misericórdia do Fundão, tendo 70 utentes e capacidade apenas para 60, encontrando-se assim acima dos seus

limites e com uma lista de espera considerável; o Centro de Dia tem como entidade proprietária a Junta de Freguesia do Fundão, contando com 40 utentes e capacidade apenas para esse número; e o Centro de Convívio cuja entidade proprietária é a Santa Casa da Misericórdia do Fundão, tendo 45 utentes e estando no limite das suas capacidades.

A aldeia das Donas regista em 2011 uma população de 863 indivíduos. Esta freguesia apresenta um ligeiro aumento populacional entre 1991 e 2011, tendo-se observado o aumento populacional de 858 indivíduos em 1991 para 912 em 2001 e uma diminuição entre 2001 e 2011, de 912 para 863 indivíduos. Entre 1991 e 2011 a população aumentou em 5 indivíduos, o que se traduz numa taxa de variação populacional de 0,58%

Em Donas, o Centro Paroquial de Assistência de Donas é a entidade proprietária das seguintes valências: Creche com 29 utentes e capacidade para 30, ATL com 17 utentes e capacidade apenas para 10 encontrando-se, assim, com uma procura superior à capacidade existente, e o Centro de Dia com 25 utentes e capacidade para 30.

A Aldeia de Joanes regista em 2011 uma população de 1333 indivíduos. Esta freguesia constitui um caso especial no contexto demográfico concelhio na medida em que é, a par das freguesias do Fundão, Telhado e Valverde, uma das que regista um saldo positivo no período 1991 – 2011. Neste período a população passou de 744 indivíduos em 1991 para 971 em 2001, e destes para 1333 em 2011. Na prática, isto corresponde a um aumento de 589 pessoas entre 1991 e 2011, ou seja, uma variação de 79,2%.

Ao nível de entidades que desenvolvem respostas sociais temos, por um lado, o Centro de Dia cuja entidade proprietária é a Santa Casa da Misericórdia do Fundão com 8 utentes e capacidade para 12 e, por outro, ATL com 38 utentes e capacidade para 40. O ATL é gerido pela Associação Desportiva, Cultural e Recreativa de Aldeia de Joanes.

A Aldeia Nova do Cabo regista, segundo os dados de 2011, uma população de 600 pessoas. Desde 1991 tem-se assistido a uma diminuição da população residente, passando de 815 em 1991 para 683 indivíduos em 2001, e de 683 para 600 em 2011. Portanto, entre 1991 e 2011, houve uma diminuição populacional de 215 indivíduos, o que se traduz numa variação de -26,4%.

Em termos de respostas sociais presentes na freguesia destaca-se a Casa Nossa Sr.^a de Fátima que inclui Creche, Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário, apesar de não dispormos do respectivo número de utentes.

A aldeia de Valverde possui em 2011, 1402 habitantes. Faz parte do grupo de freguesias em que se verificou um crescimento populacional no período 1991-2011, sendo que esta passou de 1384 habitantes em 1991 para 1422 em 2001, registando-se um ligeiro recuo na transição para 2011, de 1422 para os actuais 1402 habitantes. Registou-se, portanto, um crescimento da população residente de 18 habitantes, isto é, uma variação de 1,3%.

Ao nível de equipamentos sociais, esta freguesia detém Creche, ATL, Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário, todos eles geridos pelo Centro Paroquial de Bem-estar Social de Valverde. A Creche tem 24 utentes, encontrando-se no limite da sua capacidade. O ATL tem 31 utentes e capacidade para 30. O Centro de Dia tem 33 utentes, estando também acima da sua capacidade. E o Serviço de Apoio Domiciliário conta com 5 utentes.

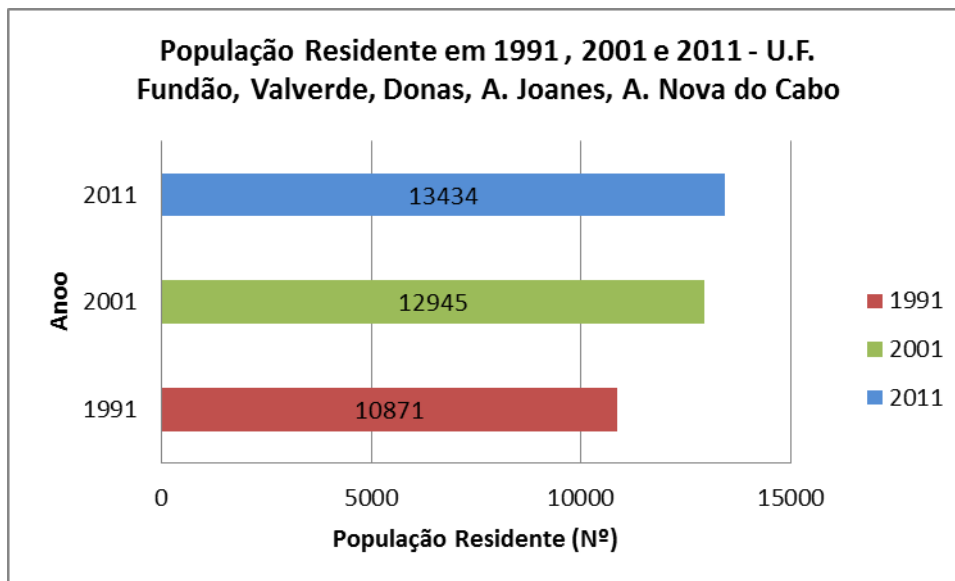


Figura 30 - População residente na U.F. Fundão, Valverde, Donas, A. Joanes, A. Nova do Cabo em 1991, 2001 e 2011

3.1.20.U.F. Atalaia do Campo e Póvoa de Atalaia

A aldeia de Atalaia do Campo possui segundo os dados de 2011 uma população de 546 pessoas. Observa-se uma tendência decrescente desde 1991 até ao presente, sendo que a população passou de 733 indivíduos para 645 em 2001 e de 645 para 546 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se então uma redução de 187 indivíduos, o que corresponde a uma taxa de variação igual a -25,5%.

O levantamento de equipamentos sociais permitiu-nos identificar a presença de um Centro de Dia, com 41 utentes e capacidade para 45, e do Serviço de Apoio Domiciliário que conta com 28 utentes.

A aldeia de Póvoa da Atalaia não apresenta uma tendência relativamente à sua evolução populacional. Entre 1991 e 2001 registou-se um aumento de população significativo, tendo passado de 704 para 791 indivíduos. No entanto, na última década assistiu-se a uma regressão populacional, tendo esta diminuído de 791 pessoas para 642. Assim, pode afirmar-se que entre 1991 e 2011 houve uma diminuição da população em 62 indivíduos, correspondendo a uma taxa de variação de -8,8%.

A Póvoa de Atalaia dispõe de um Centro de Dia e de Serviço de Apoio Domiciliário, cuja entidade proprietária é o Centro Social Paroquial Santo Estêvão. No caso do Centro de Dia ele tem 32 utentes, estando no limite da sua capacidade. O Serviço de Apoio Domiciliário conta com 15 utentes.

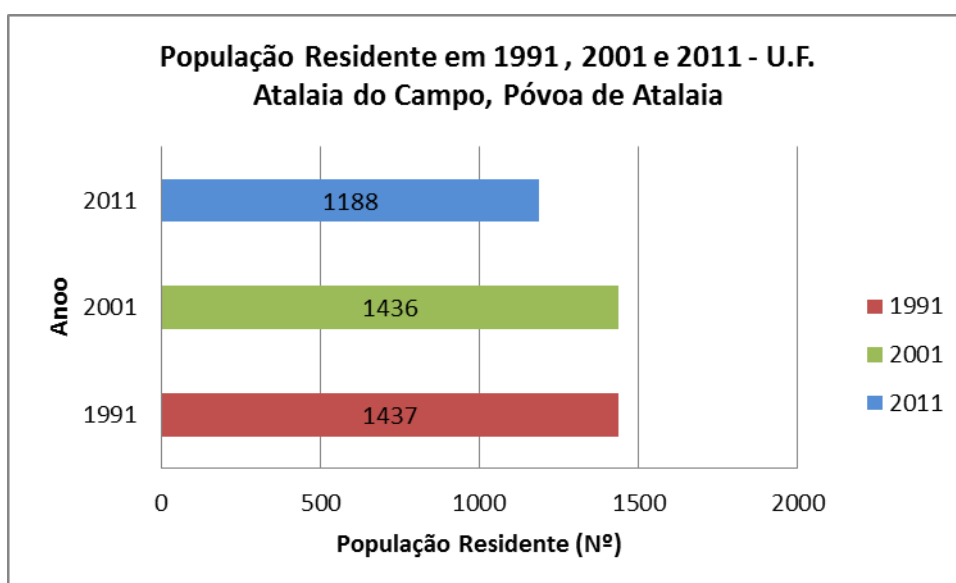


Figura 31 - População residente na U.F. Atalaia do Campo, Póvoa de Atalaia em 1991, 2001 e 2011

3.1.21.U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo

A localidade de Janeiro de Cima, de acordo com os dados de 2011, tem uma população de 306 indivíduos. Observa-se, igualmente, uma diminuição progressiva da população desde 1991, passando esta de 442 indivíduos para 352 em 2001 e de 352 para 306 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -30,8%, o que significa um decréscimo de 136 indivíduos.

Em termos de equipamentos sociais, a freguesia de Janeiro de Cima conta com o Centro de Dia que tem 32 utentes apesar de dispor de capacidade para apenas 30 e com o Serviço de Apoio Domiciliário com 3 utentes. Em ambos os casos a entidade proprietária é a Santa Casa da Misericórdia do Fundão.

A localidade de Bogas de Baixo regista em 2011 uma população de 194 pessoas. Observa-se uma tendência decrescente desde 1991 até ao presente, sendo que a população passou de 379 indivíduos para 275 em 2001 e de 275 para 194 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se então uma redução de 185 indivíduos, o que corresponde a uma taxa de variação igual a -48,8%.

Os equipamentos sociais existentes na freguesia destinam-se à população idosa, nomeadamente o Centro de Dia que tem 17 utentes e capacidade para 20, e o Serviço de Apoio Domiciliário que conta com 3 utentes. De referir ainda que a entidade responsável por ambos é o Centro Social e Cultural de Bogas de Baixo.

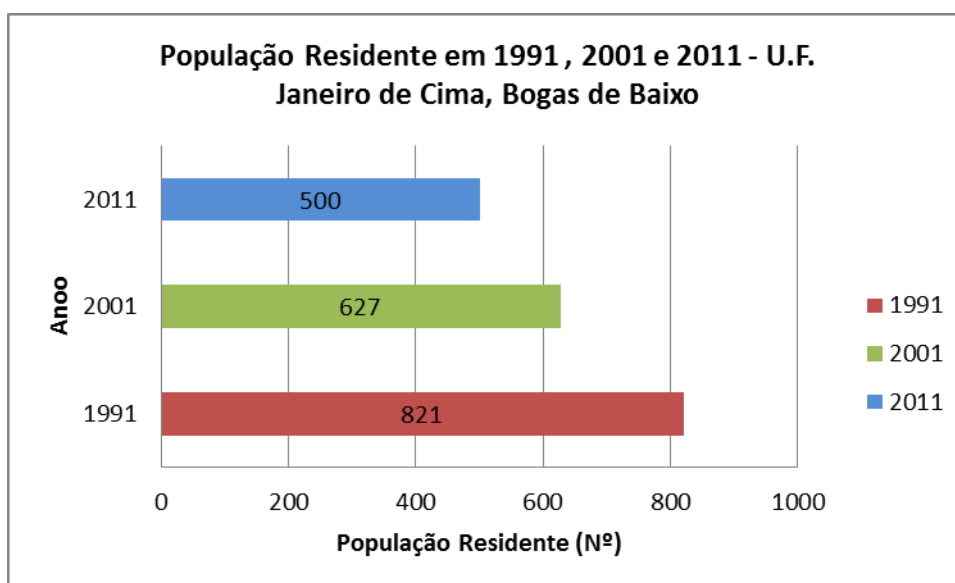


Figura 32 - População residente na U.F. Janeiro de Cima, Bogas de Baixo em 1991, 2001 e 2011

3.1.22.Três Povos

A situação da localidade de Salgueiro é semelhante à da União de Freguesias de Atalaia do Campo, Póvoa da Atalaia tendo-se registado um aumento populacional entre 1991 e 2001, de 718 para 807 pessoas, e uma redução entre 2001 e 2011, de 807 para 690 residentes. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -3,9%, o que significa um decréscimo de 28 indivíduos.

O Salgueiro, à semelhança de Escarigo, conta com o Centro de Assistência Social dos Três Povos, cujas valências são: Creche, ATL, Lar, Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário. O número de utentes e a respectiva capacidade é em tudo igual à apresentada na freguesia de Escarigo.

A Localidade do Escarigo possui, de acordo com os dados provisórios dos Censos 2011, uma população de 224 indivíduos. Desde 1991 tem-se assistido a uma diminuição da população, passando esta de 387 para 309 em 2001 e 309 para 224 em 2011. Assim, regista-se uma diminuição da população igual a 42,1% em termos percentuais e de 163 indivíduos em termos absolutos.

Esta aldeia encontra-se socialmente abrangida pelo Centro de Assistência Social dos Três Povos que inclui valências como a Creche, ATL, Lar, Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário. A Creche dispõe de capacidade para 20 utentes, tendo de momento um total de 17 crianças.

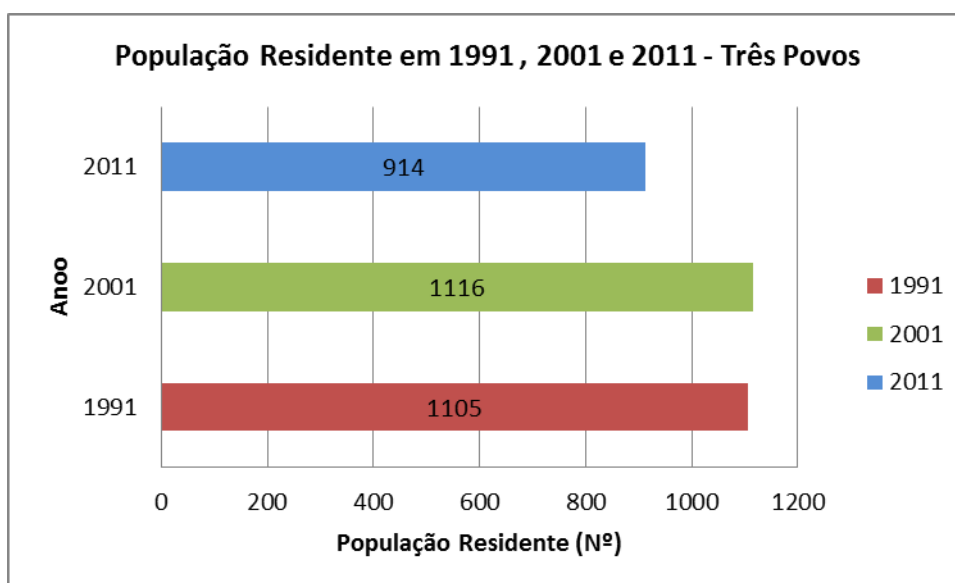


Figura 33 - População residente Três Povos em 1991, 2001 e 2011

3.1.23.U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha

A aldeia de Vale de Prazeres regista, segundo o recenseamento de 2011, uma população de 1267 habitantes. À semelhança da maioria das freguesias do Município, apresenta um decréscimo populacional entre 1991 e 2011, passando de 1746 habitantes em 1991 para 1510 em 2001, e de 1510 para 1267 indivíduos em 2011. Ora, esta diminuição corresponde a uma perda de 479 habitantes no período considerado, ou seja, uma variação populacional igual a 27,4%.

No plano dos equipamentos sociais, Vale de Prazeres dispõe de um Centro de Dia com 53 utentes e com uma capacidade para 60 e de Serviço de Apoio Domiciliário que abrange 40 pessoas. A entidade proprietária e responsável por estas valências é o Centro Paroquial São Bartolomeu de Vale de Prazeres.

A aldeia de Mata da Rainha tem, de acordo com os dados de 2011, uma população de 149 indivíduos. Observa-se, igualmente, uma diminuição progressiva da população desde 1991, passando esta de 331 indivíduos para 214 em 2001 e de 214 para 149 pessoas em 2011. Esta diminuição populacional corresponde a uma taxa de variação igual a -55,0%, o que significa um decréscimo de 182 indivíduos.

Ao nível de respostas para a população idosa, destaca-se o Serviço de Apoio Domiciliário que tem 44 utentes e que é gerido pela Liga dos Amigos da Mata da Rainha (LAMAR).

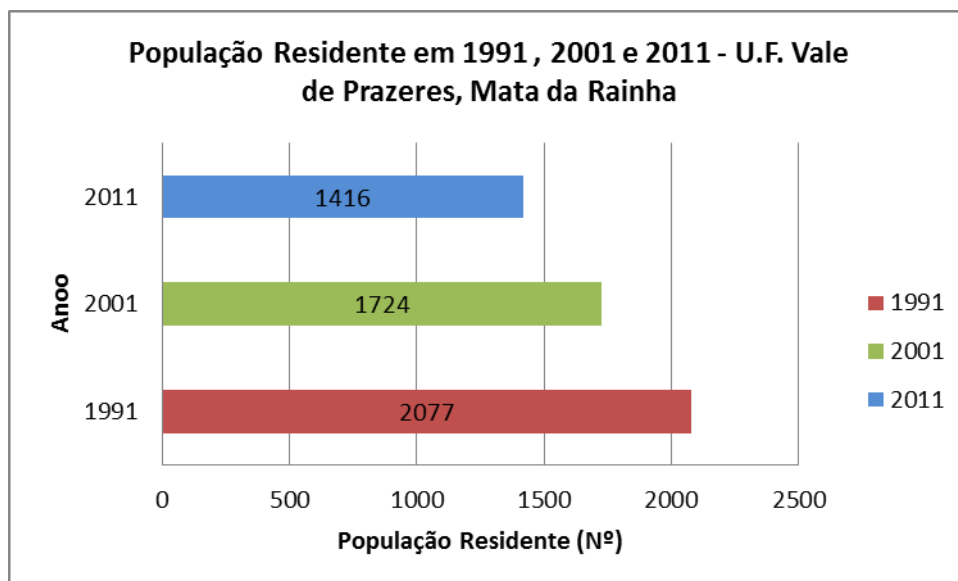


Figura 34 - População residente na U.F. Vale de Prazeres, Mata da Rainha em 1991, 2001 e 2011

3.1.24. População Residente no Concelho do Fundão

De acordo com os dados obtidos podemos verificar no seguinte gráfico, que o Concelho do Fundão tem a maioria da população residente fixada na U.F. Fundão, Valverde, Donas, A. Joanes, A. Nova do Cabo.

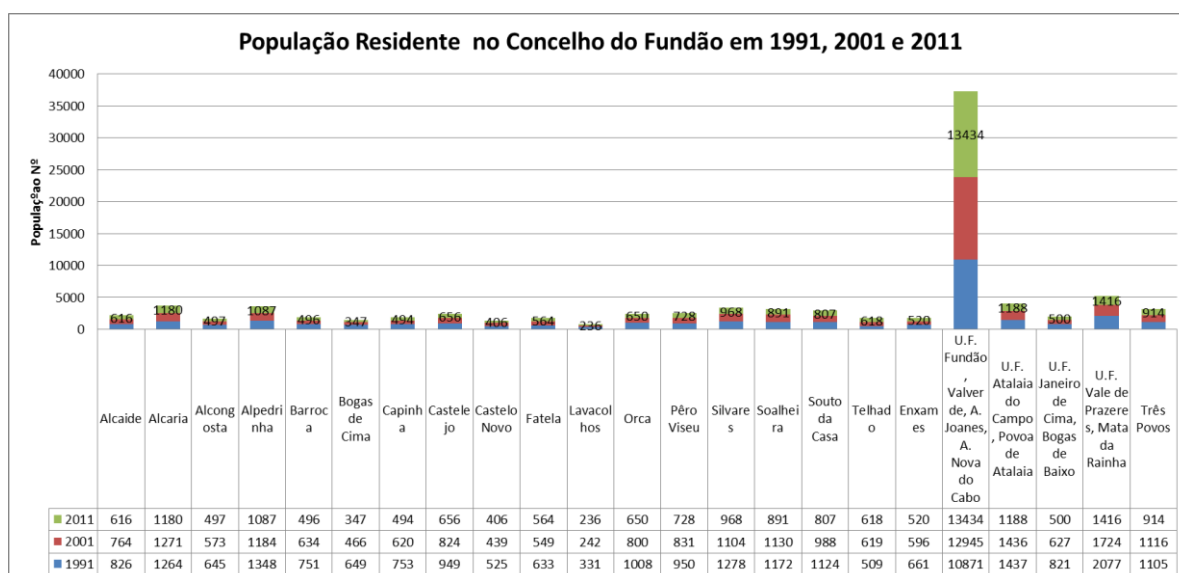


Figura 35 - População residente no Concelho do Fundão

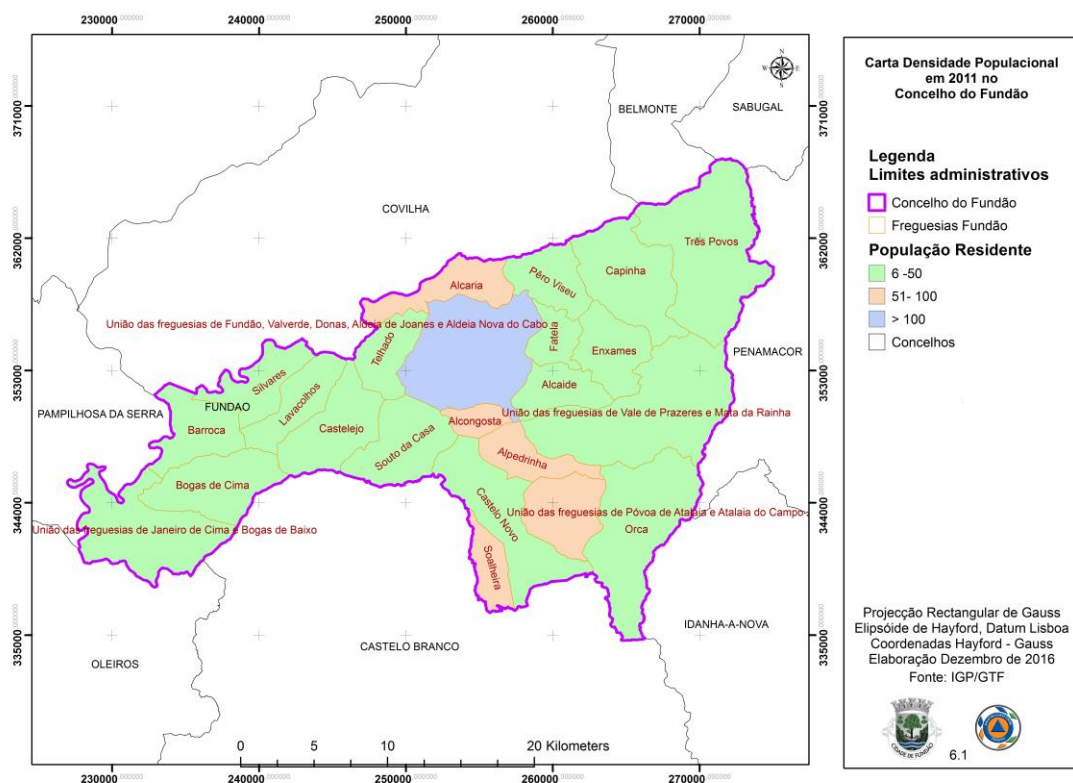


Figura 36 - População residente no Concelho do Fundão

3.2.Densidade Populacional

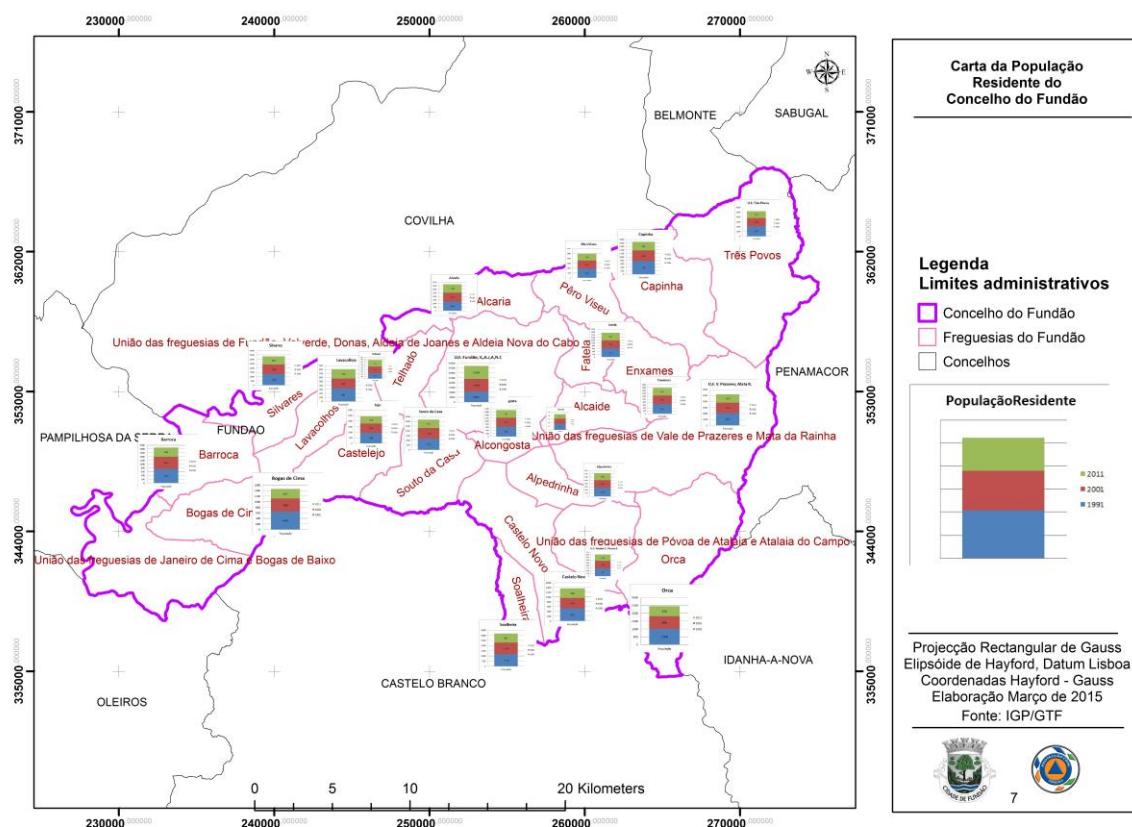


Figura 37 - Densidade Populacional no Concelho do Fundão em 2011

Da leitura e interpretação do mapa representativo da densidade populacional em 2011 das freguesias que compõem o Concelho do Fundão é possível tirar várias conclusões:

- ✓ A U.F. Fundão ,Aldeia de Joanes, Aldeia Nova do Cabo, Donas e Valverde constituem a freguesia de maior densidade populacional. Sendo a localidade do Fundão simultaneamente a sede do Concelho e freguesia mais populosa, é normal que possua uma densidade populacional maior; já a localidade de Aldeia de Joanes contribui para os censos da U.F. em virtude da sua proximidade geográfica à cidade do Fundão, sendo um dormitório dos trabalhadores dos sectores secundário e terciário.
- ✓ As freguesias de Alcária, Alcongosta, Alpedrinha, U.F. Póvoa da Atalaia e Atalaia do Campo e Soalheira fazem parte da classe 50 – 100 habitantes/Km². 4 delas fazem fronteira com a sede de município, enquanto que as freguesias de Alpedrinha e Soalheira constituem importantes núcleos populacionais do concelho, estando bem servidas em termos de infraestruturas rodoviárias.

- ✓ As restantes freguesias têm em comum uma maior distância geográfica à sede do Município, uma maior ruralidade, mas também possuem, genericamente, maior área, estando por isso na classe mais baixa em termos de densidade populacional.

A perda de população e consequente desertificação do interior estão intimamente ligadas à problemática dos incêndios florestais. O abandono dos campos em consequência do envelhecimento da população e da fuga dos mais jovens em busca de mais oportunidades e qualidade de vida conduz à desregulação da ocupação do solo, aumentando as áreas de matos que são, como se sabe, o combustível que favorece a propagação dos fogos. Sendo a desertificação do Interior português um processo praticamente impossível a manterem-se as opções políticas seguidas nas últimas décadas, muito dificilmente se conseguirá obter frutos na redução da incidência de incêndios florestais, ainda para mais, quando a política florestal nacional favorece a produção intensiva em detrimento da prevenção estrutural dos incêndios

3.3.Índice de Envelhecimento (1991/2001/2011) e sua evolução (1991-2011)

3.3.1Alcaide

A freguesia de Alcaide apresenta em 2011 um índice de envelhecimento igual a 318, o que significa que por casa 100 crianças com idades entre 0 e 14 anos existem 318 idosos, isto é, pessoas com 65 ou mais anos de idade. O índice de envelhecimento é como o nome indica um indicador do envelhecimento de uma determinada população, revelando-se um dado importante para a tomada de decisão no âmbito da problemática dos incêndios. Entre 1991 e 2001, registou-se um aumento do índice de envelhecimento em 207 valores, passando de 111 para 222. De 2001 para 2011 o aumento foi de 96 unidades, passando de 222 para 318. Regista-se, portanto, o envelhecimento da população.

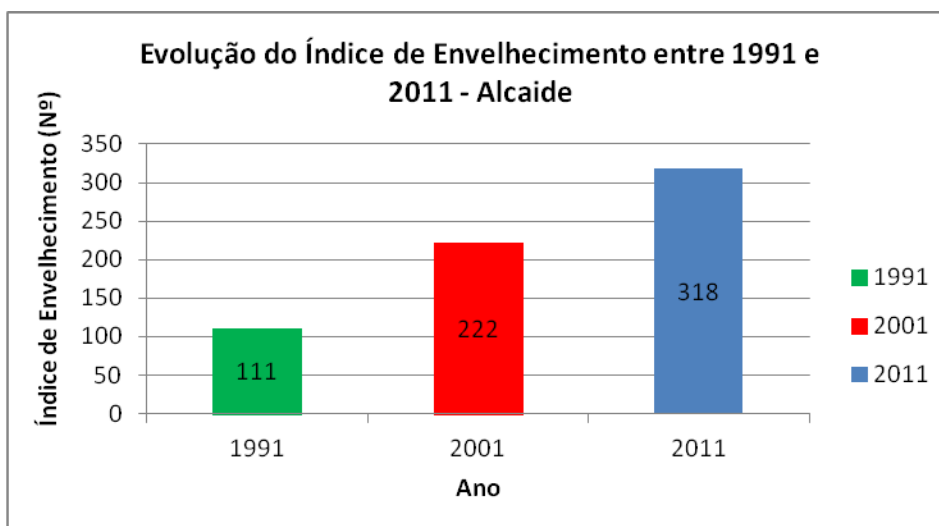


Figura 38 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Alcaide entre 1991 e 2011

3.3.2Alcaria

A freguesia de Alcaria possui, em 2011, 194 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 96, tendo aumentado para 135 em 2001, e de 135 aumentou para 194 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 98 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

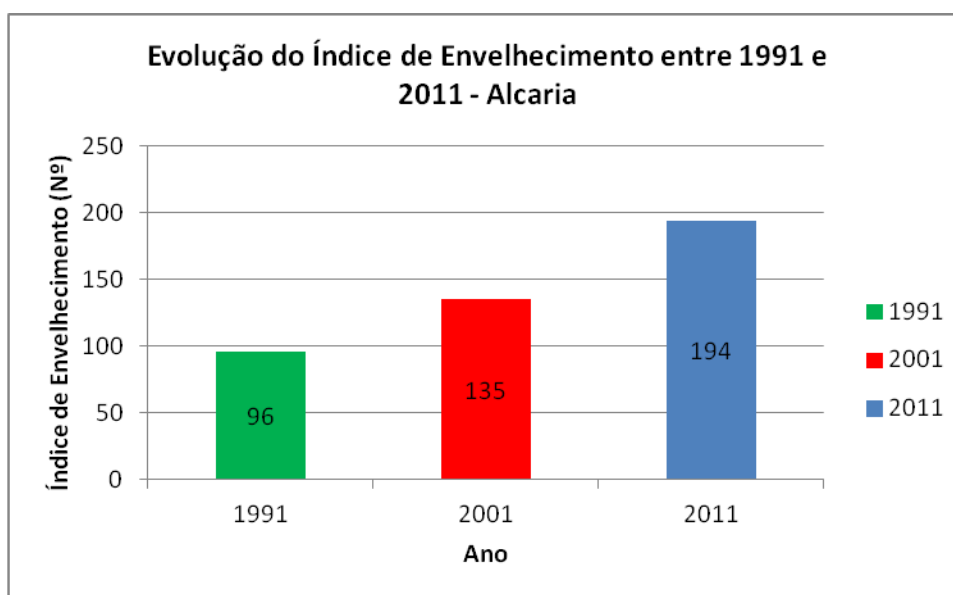


Figura 39 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Alcaria entre 1991 e 2011

3.3.3. Alcongosta

A freguesia de Alcongosta possui, em 2011, 268 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 158, tendo aumentado para 194 em 2001, e de 194 aumentou para 268 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 110 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

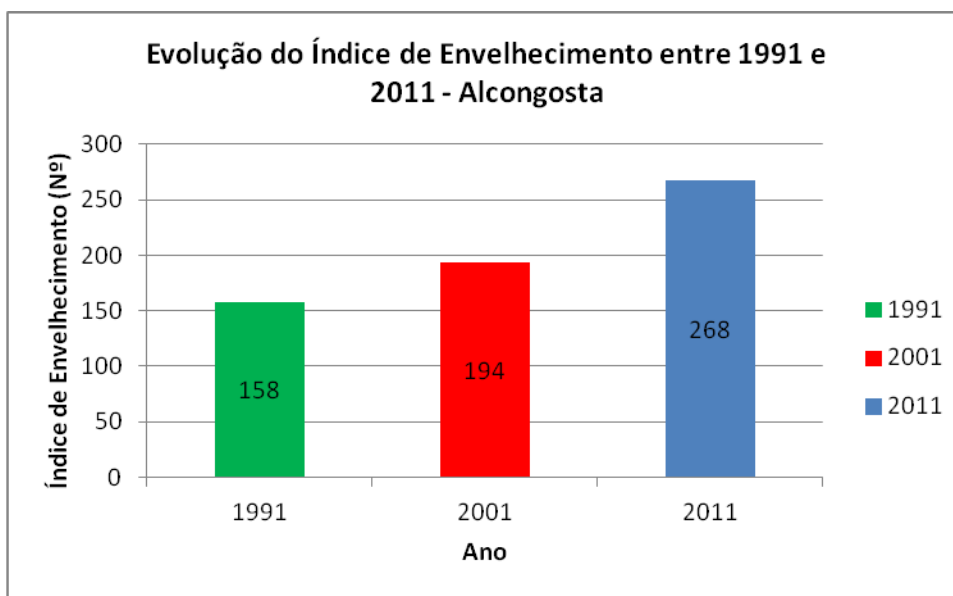


Figura 40 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Alcongosta entre 1991 e 2011

3.3.4. Alpedrinha

A freguesia de Alpedrinha possui, em 2011, 275 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 110, tendo aumentado para 171 em 2001, e de 171 aumentou para 275 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 40 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

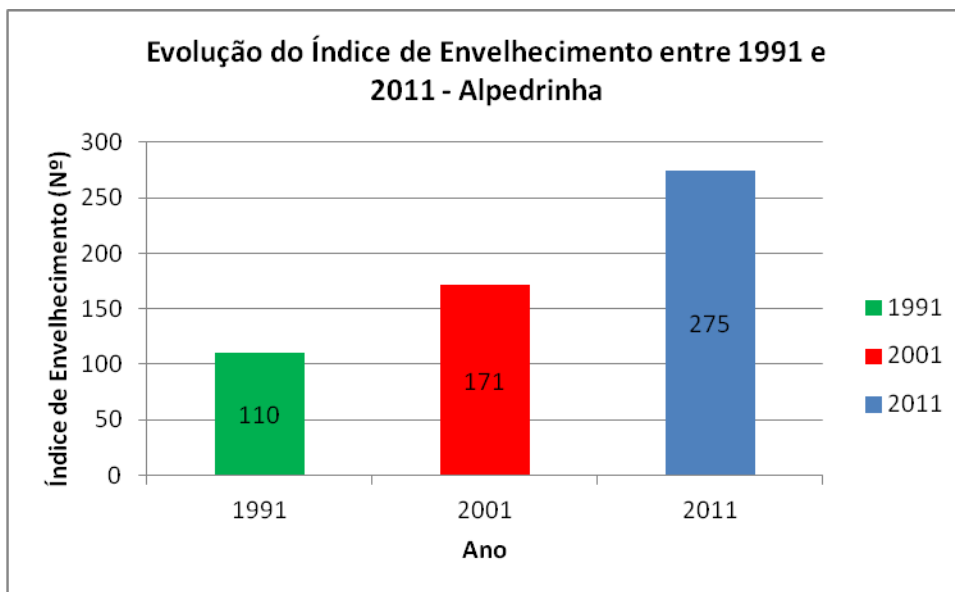


Figura 41 – Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Alpedrinha entre 1991 e 2011

3.3.5.Barroca

A freguesia da Barroca possui, em 2011, 580 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 135, tendo aumentado para 269 em 2001, e de 269 aumentou para 580 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 445 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

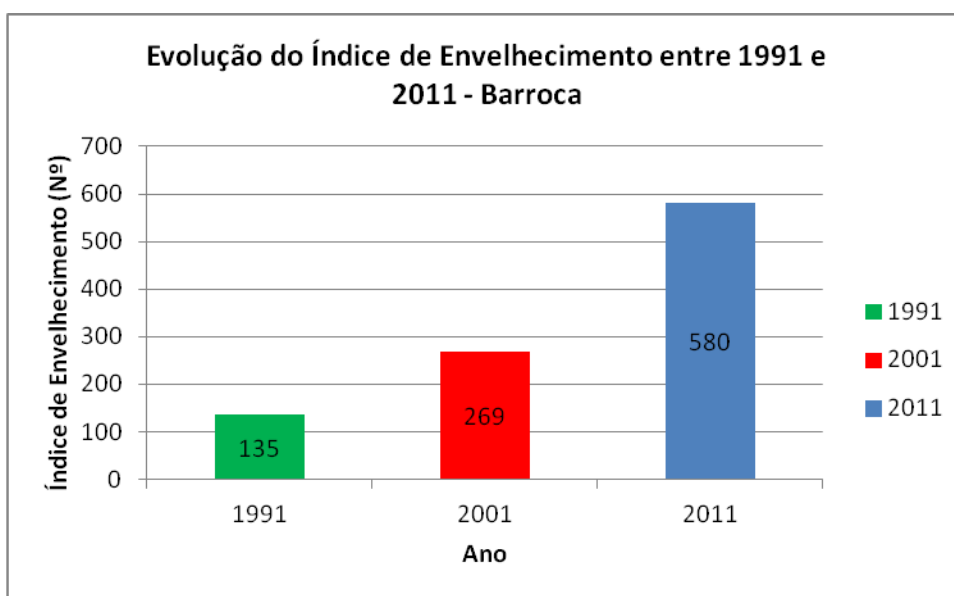


Figura 42 – Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Barroca entre 1991 e 2011

3.3.6. Bogas de Cima

A freguesia de Bogas de Cima possui, em 2011, 526 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 162, tendo aumentado para 364 em 2001, e de 364 aumentou para 526 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 364 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

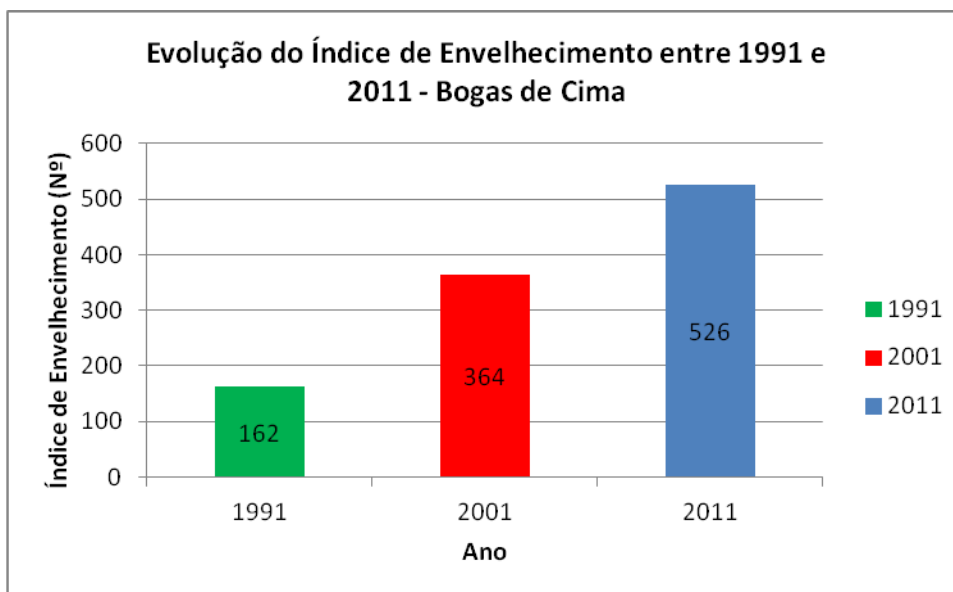


Figura 43 – Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Bogas de Cima entre 1991 e 2011

3.3.7. Capinha

A freguesia da Capinha possui, em 2011, 378 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 234, tendo aumentado para 409 em 2001, e de 409 diminuiu para 378 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 144 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

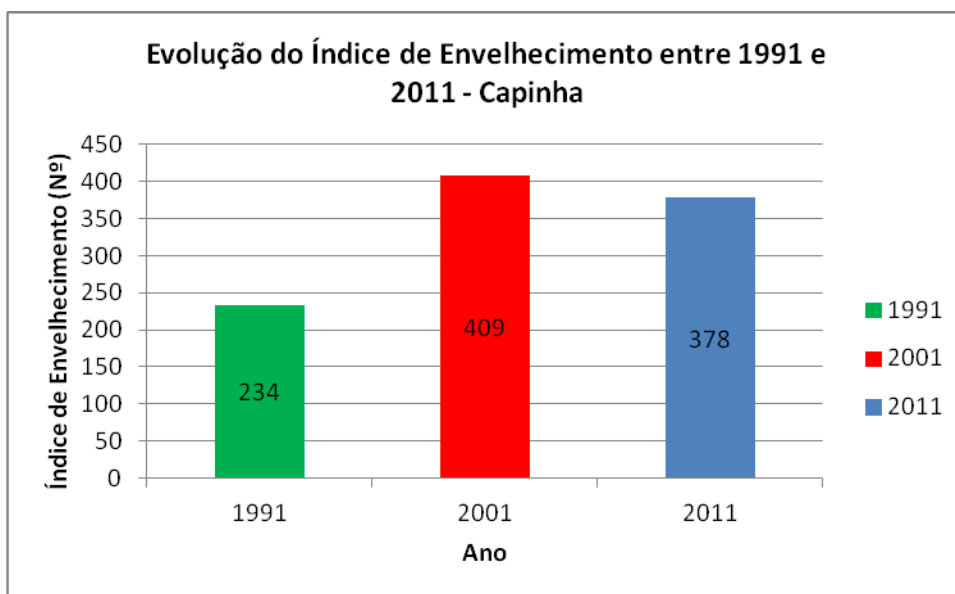


Figura 44 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Capinha entre 1991 e 2011

3.3.8.Castelejo

A freguesia de Castelejo possui, em 2011, 296 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 147, tendo aumentado para 252 em 2001, e de 252 aumentou para 296 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 149 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

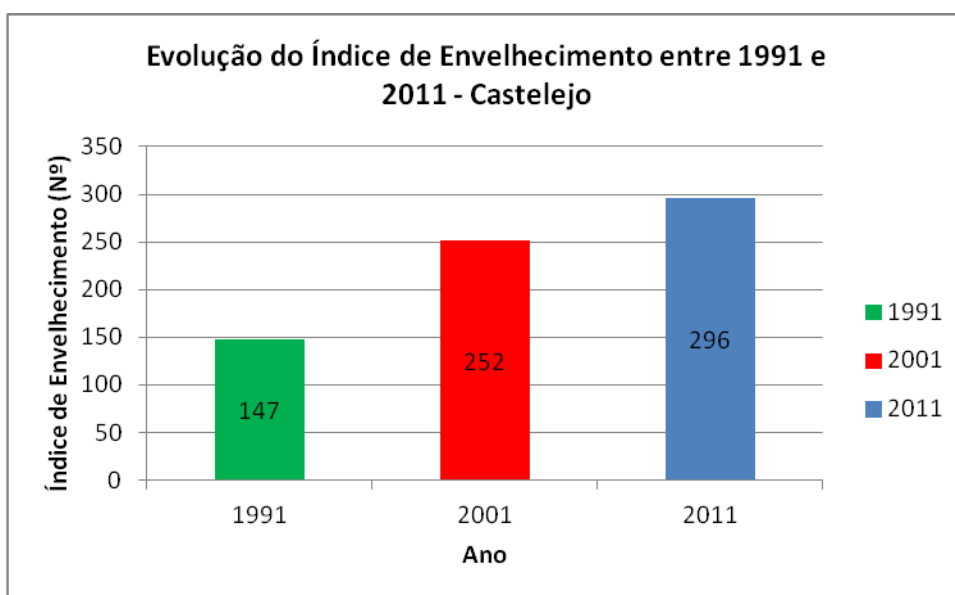


Figura 45 – Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Castelejo entre 1991 e 2011

3.3.9.Castelo Novo

A freguesia do Castelo Novo possui, em 2011, 277 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 284, tendo aumentado ligeiramente para 288 em 2001, e de 288 diminuiu para 277 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um recuo do índice de envelhecimento em 7 valores, constatando-se um ligeiro abrandamento no envelhecimento da população residente.

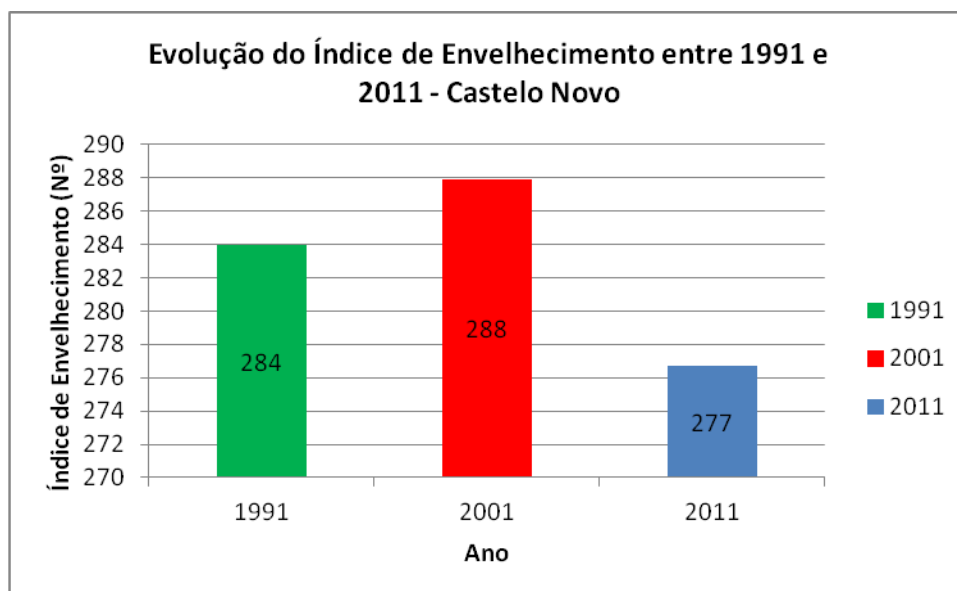


Figura 46 – Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Castelo Novo entre 1991 e 2011

3.3.10.Enxames

A freguesia de Enxames possui, em 2011, 360 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 144, tendo aumentado para 268 em 2001, e de 268 aumentou para 360 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 216 valores, constatando-se um aumento no envelhecimento da população residente.

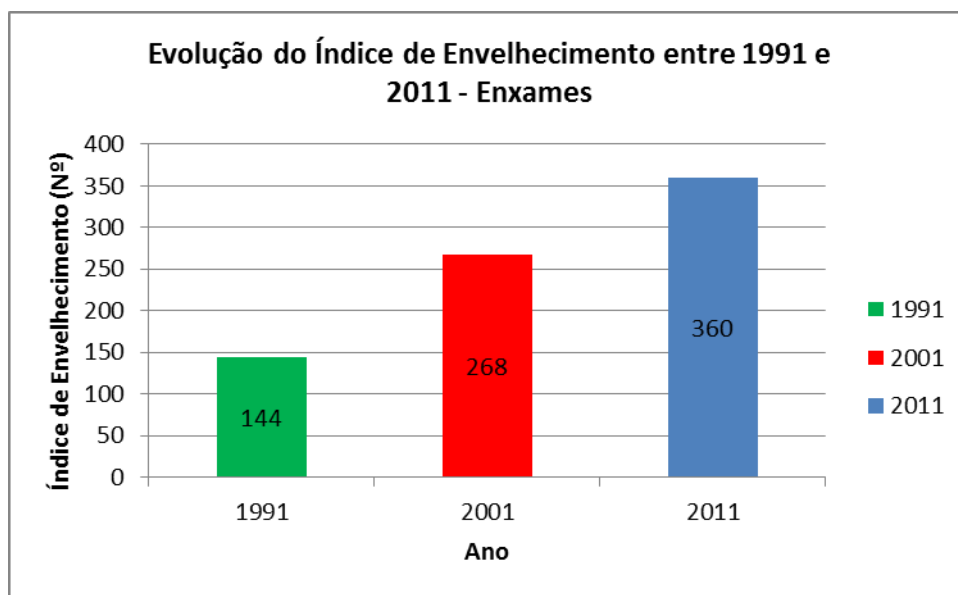


Figura 47 – Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Enxames entre 1991 e 2011

3.3.11.Fatela

A freguesia da Fatela possui, em 2011, 208 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 105, tendo aumentado para 123 em 2001, e de 123 aumentou para 208 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 103 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

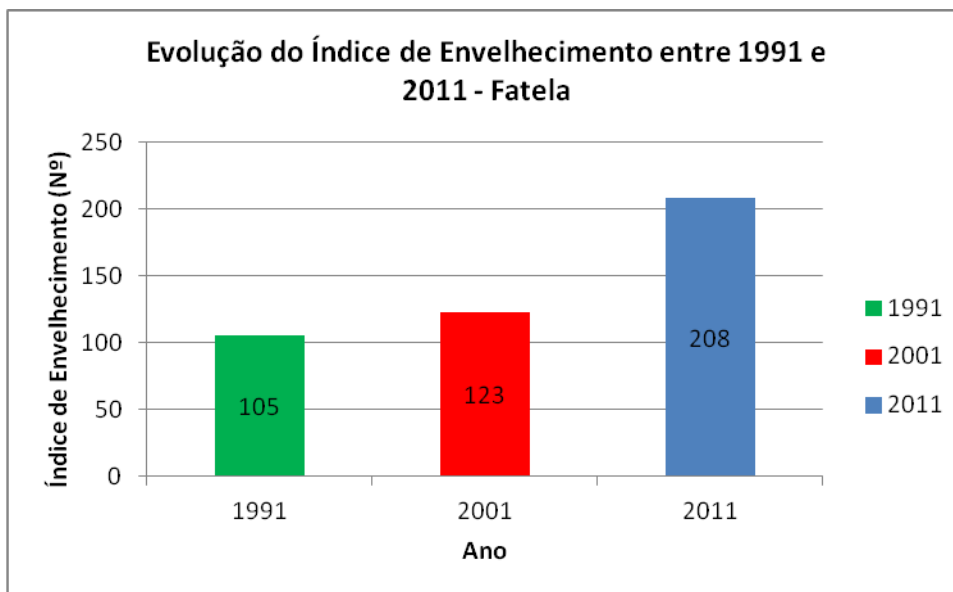


Figura 48 – Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Fatela entre 1991 e 2011

3.3.12.Lavacolhos

A freguesia de Lavacolhos possui, em 2011, 669 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 194, tendo aumentado para 429 em 2001, e de 429 aumentou para 669 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 475 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

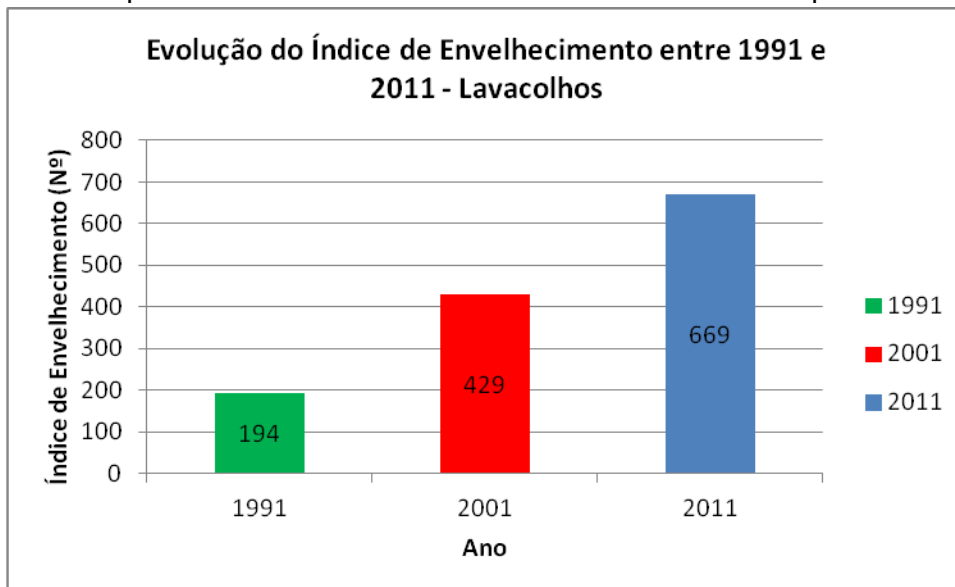


Figura 49 – Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Lavacolhos entre 1991 e 2011

3.3.13.Orca

A freguesia da Orca possui, em 2011, 824 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 301, tendo aumentado para 614 em 2001, e de 614 aumentou para 824 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 523 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

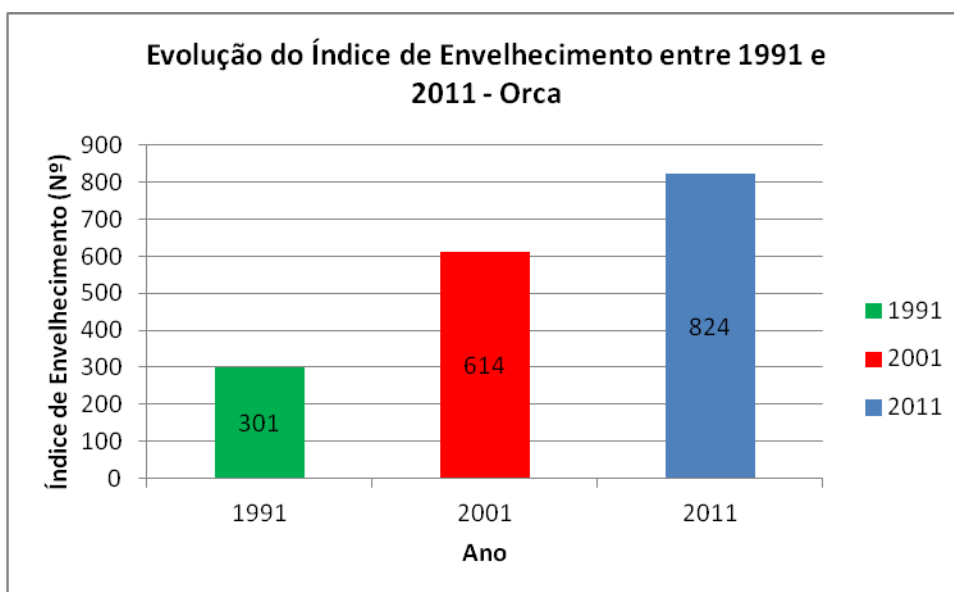


Figura 50 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Orca entre 1991 e 2011

3.3.14. Pêro Viseu

A freguesia de Pêro Viseu possui, em 2011, 205 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 124, tendo aumentado para 182 em 2001, e de 182 aumentou para 205 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 81 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

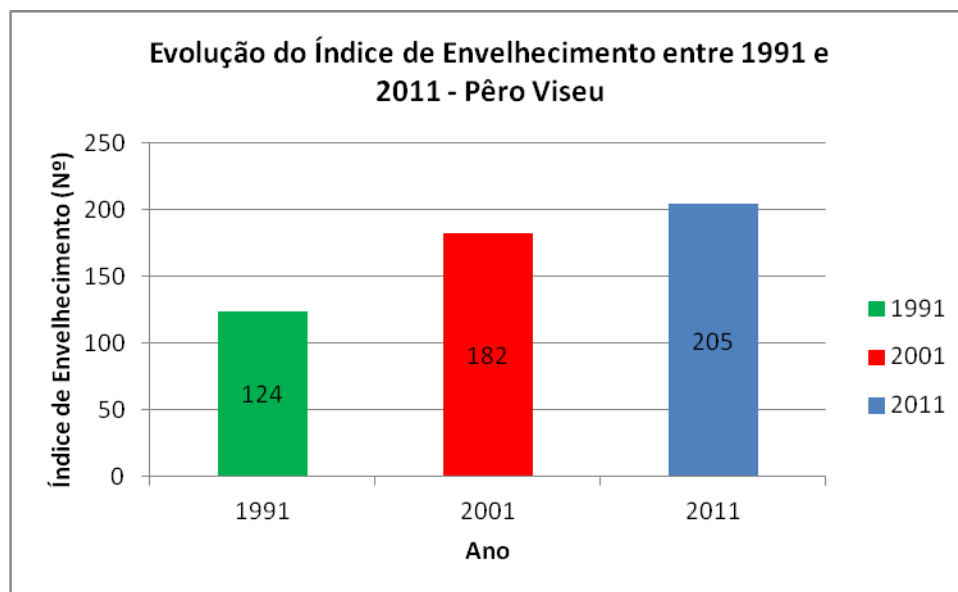


Figura 51 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Pêro Viseu entre 1991 e 2011

3.3.15. Silvares

A freguesia de Silvares possui, em 2011, 235 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 115, tendo aumentado para 170 em 2001, e de 170 aumentou para 235 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 120 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

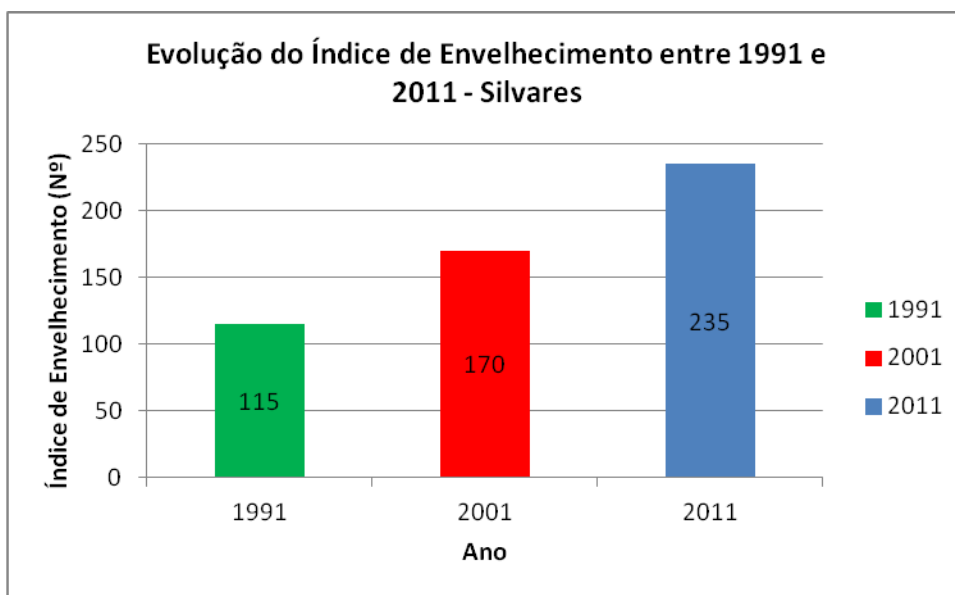


Figura 52 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Silvares entre 1991 e 2011

3.3.16. Soalheira

A freguesia da Soalheira possui, em 2011, 486 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 150, tendo aumentado para 237 em 2001, e de 237 aumentou para 486 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 336 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

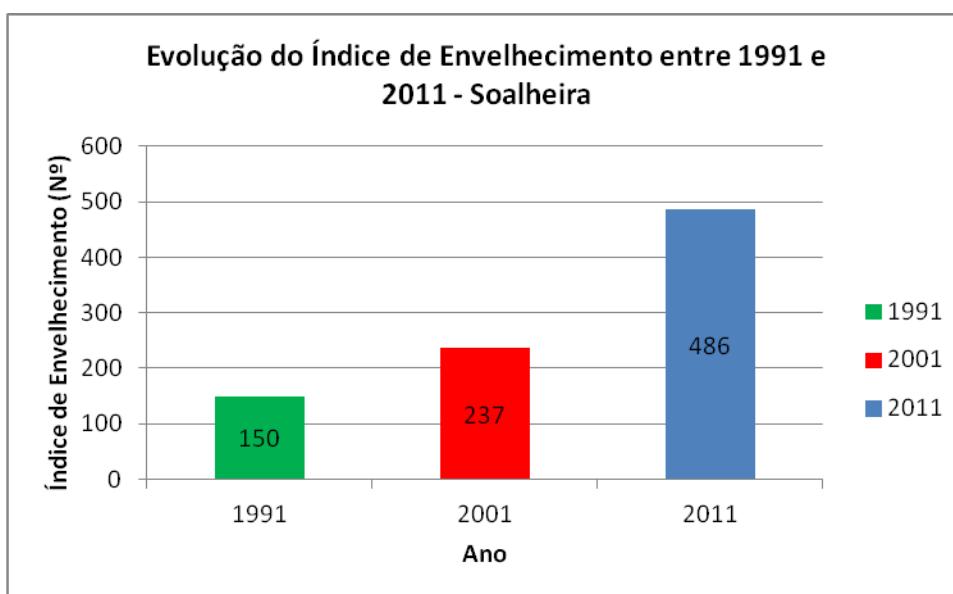


Figura 53 – Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Soalheira entre 1991 e 2011

3.3.17.Souto da Casa

A freguesia de Souto da Casa possui, em 2011, 396 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 149, tendo aumentado para 222 em 2001, e de 222 aumentou para 396 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 247 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

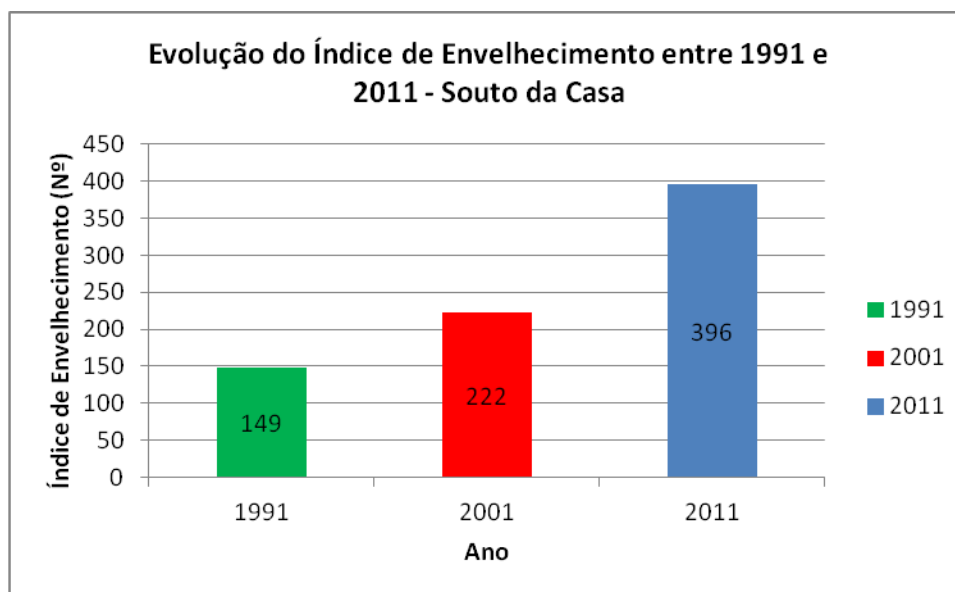


Figura 54 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Souto da Casa entre 1991 e 2011

3.3.18.Telhado

A freguesia do Telhado possui, em 2011, 240 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 175, tendo aumentado para 188 em 2001, e de 188 aumentou para 240 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 65 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

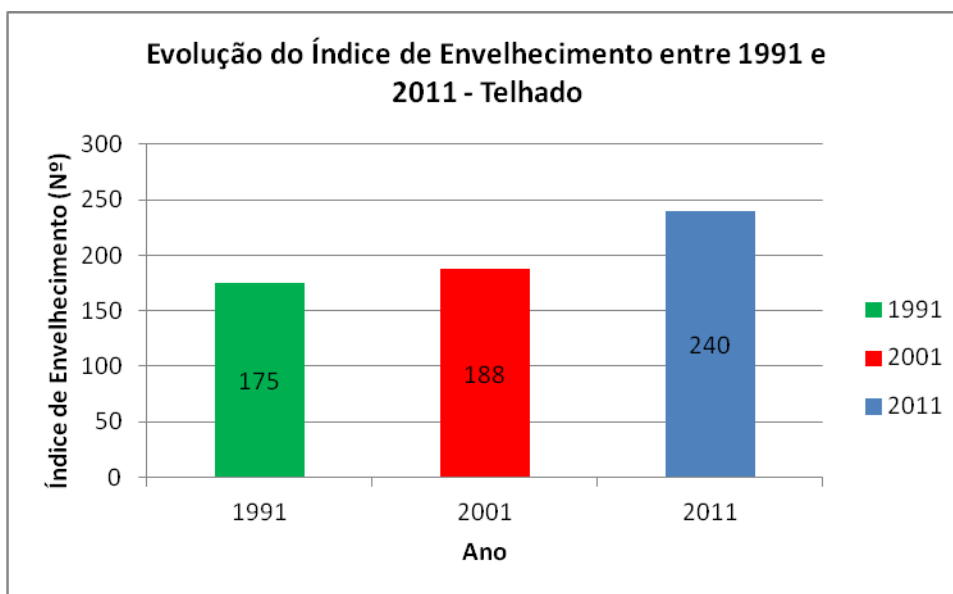


Figura 55 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia de Telhado entre 1991 e 2011

3.3.19.U.F. De Póvoa de Atalaia, Atalaia do Campo

A U.F. de Póvoa de Atalaia, Atalaia do Campo apresenta um crescimento no índice de envelhecimento de 1991 até 2001, como foi referido neste documento o factor emigratório associado ao abandono dos terrenos agrícolas por falta de trabalho, deixou a população residente no concelho envelhecida.

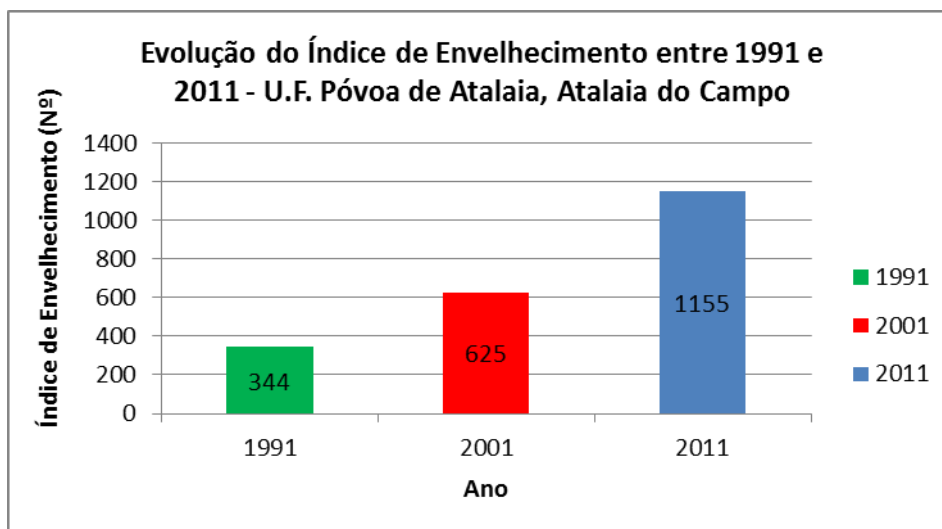


Figura 56 - Evolução do índice de envelhecimento na U.F. Póvoa de Atalaia, Atalaia do Campo entre 1991 e 2011

3.3.20.U.F. De Janeiro de Cima, Bogas de Baixo

A U.F. de Janeiro de Cima, Bogas de Baixo possui, em 2011, 946 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 429, tendo diminuído em 2001, e de 411 aumentou para 946 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 517 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

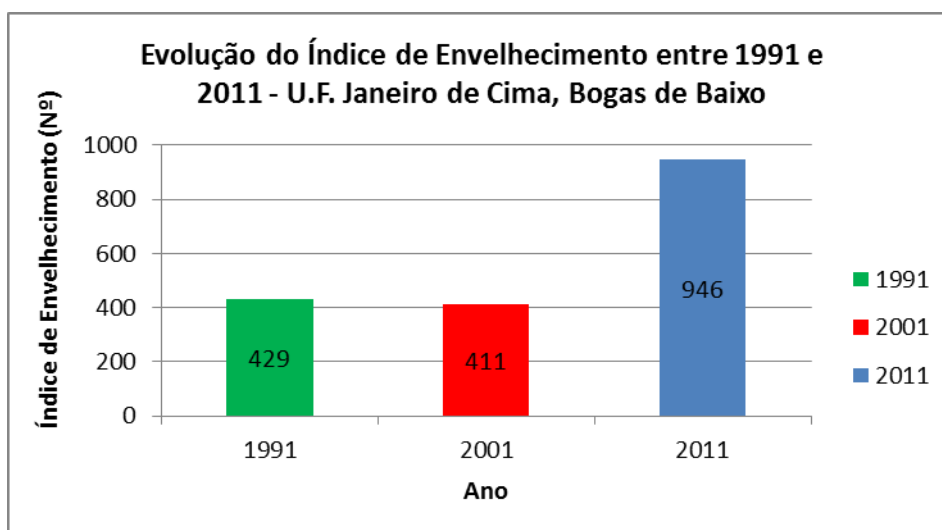


Figura 57 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia U.F. Janeiro de Cima, Bogas de Baixo entre 1991 e 2011

3.3.21.U.F.Vale de Prazeres, Mata da Rainha

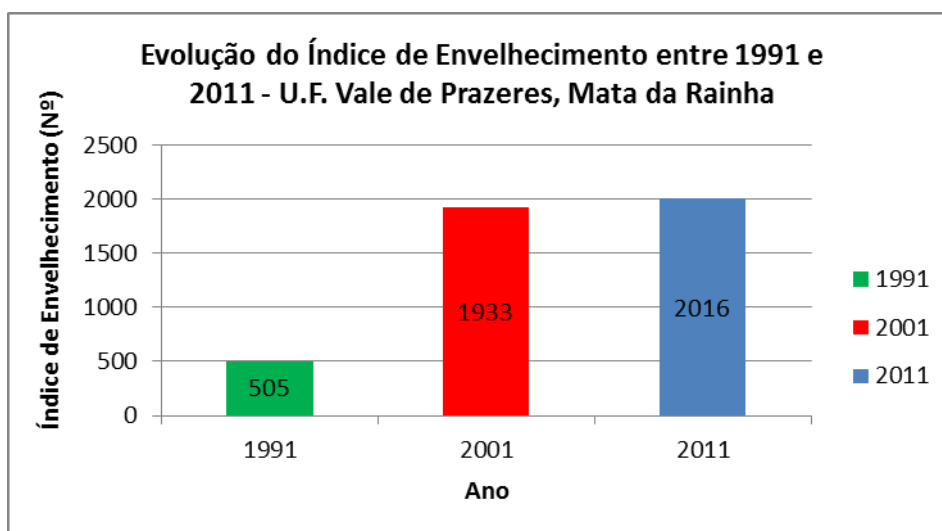


Figura 58 - Evolução do índice de envelhecimento na freguesia U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha entre 1991 e 2011

A U.F. de Vale de Prazeres e Mata da Rainha possui, em 2011, 2016 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 505, tendo aumentado em 2001 para 1933, e aumentou para 2016 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, um aumento do índice de envelhecimento em 1511 valores, constatando-se o envelhecimento da população residente.

3.3.22. Três Povos

A Freguesia Tês Povos possui, em 2011, 914 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 1105, tendo aumentado em 2001 para 1116, e diminuiu para 914 em 2011. Entre 1991 e 2011 registou-se, portanto, a diminuição do índice de envelhecimento em 191 valores, constatando-se a diminuição gradual do envelhecimento da população residente.

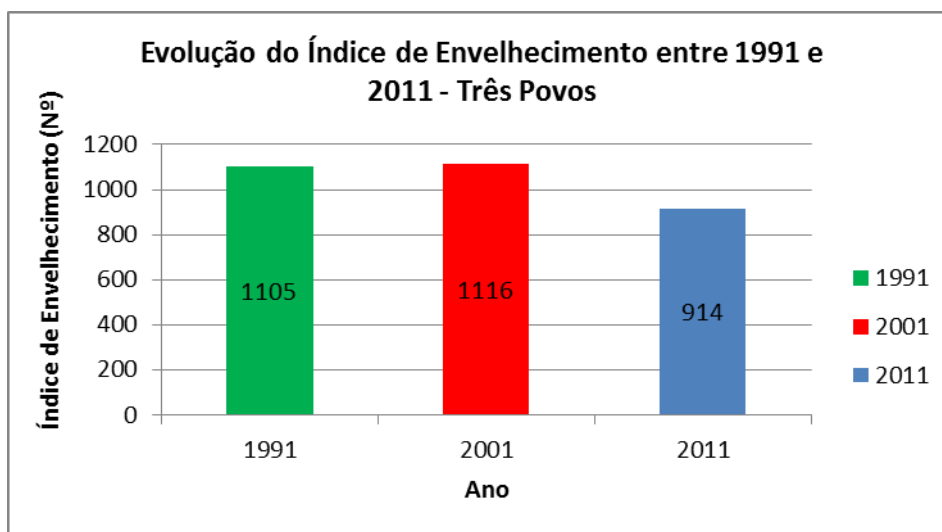


Figura 59 - Evolução do índice de envelhecimento Três Povos entre 1991 e 2011

3.3.23.U.F. Fundão

A U.F. Fundão, em 2011, 834 habitantes com 65 ou mais anos por 100 habitantes com idades entre os 0 e os 14 anos. Em 1991 o índice era igual a 418, tendo aumentado em 2001 para 590. Entre 1991 e 2011 registou-se, o aumento do índice de envelhecimento em 416 valores.

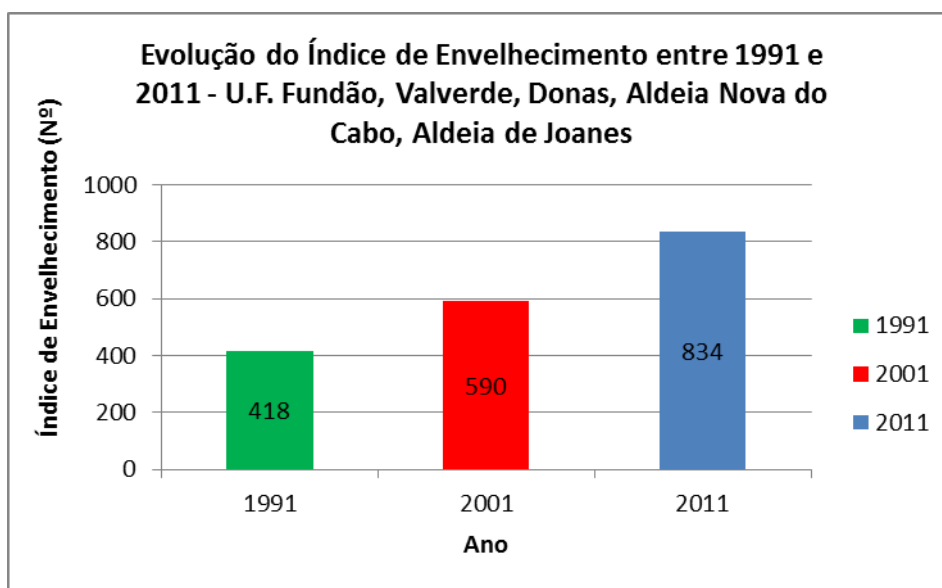


Figura 60 - Evolução do índice de envelhecimento na U.F. Fundão entre 1991 e 2011

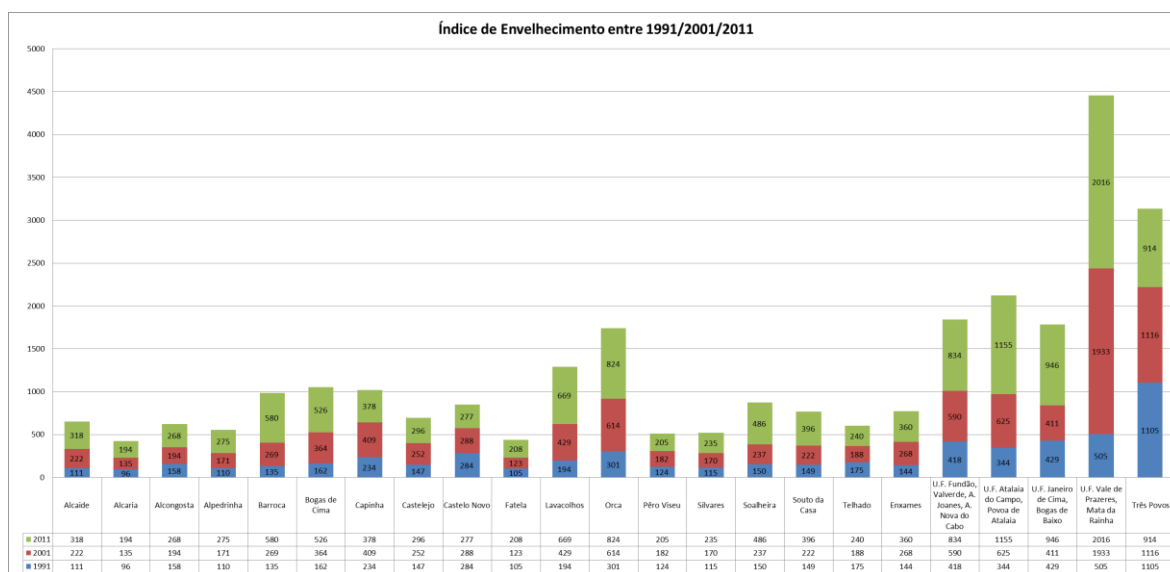


Figura 61 - Evolução do índice de envelhecimento na no Concelho entre 1991 e 2011

3.3.24. Evolução do Índice de Envelhecimento (1991-2011)

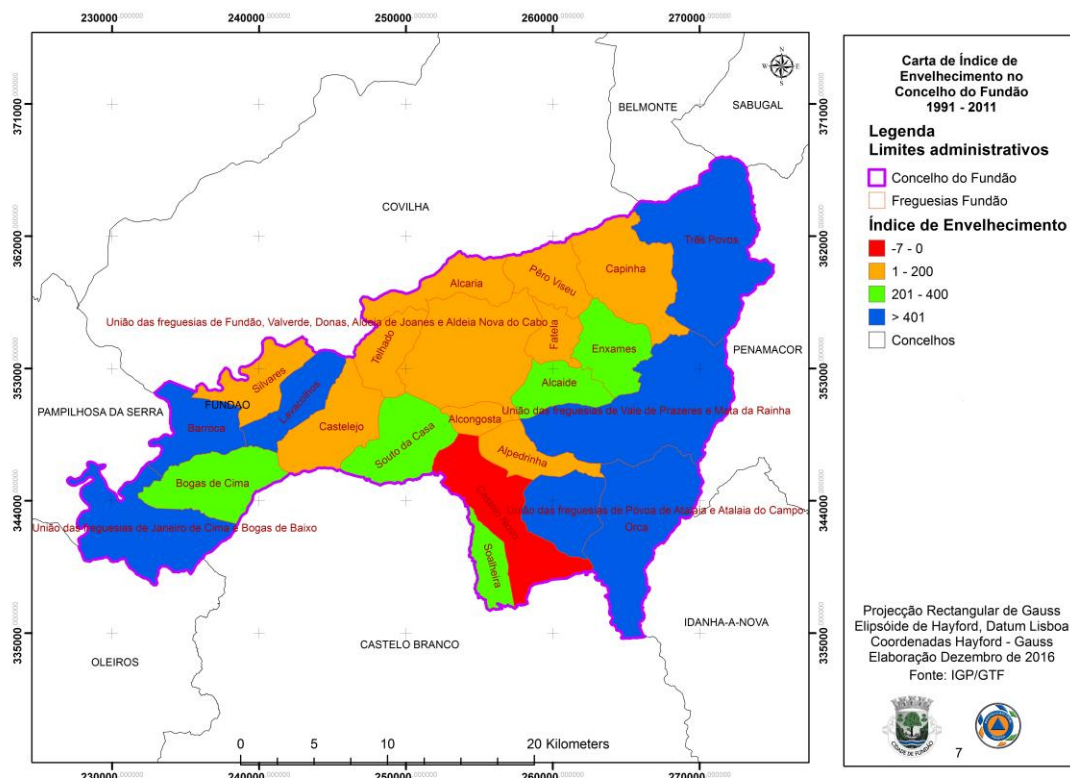


Figura 62 - Evolução do índice de envelhecimento no Concelho do Fundão entre 1991 e 2011

O mapa representativo da evolução do índice de envelhecimento nas freguesias do Concelho do Fundão traduz um cenário que há muito se tornou a realidade do Interior, como do próprio país e de todas as sociedades dos países ricos. Em boa verdade, a desertificação e o envelhecimento das populações não resulta somente da ausência de políticas e visão estratégica para o Interior, como também é resultado directo do aumento da qualidade de vida, de melhores cuidados de saúde, de dietas mais nutritivas, que provocou o aumento da esperança média de vida, assim como o facto de as realidades familiares se terem alterado substancialmente com a integração total da mulher no mercado laboral. Este último facto é responsável pela redução da taxa de natalidade nos países desenvolvidos, o que conjugado com o aumento da esperança média de vida nesses mesmos países provoca o envelhecimento progressivo da população. Esta

realidade tem, pois, como consequência a existência de freguesias no Concelho do Fundão em que por cada criança com menos de 14 anos existam mais de 50 idosos. Esta situação, conjugada com o abandono do Interior e consequente desertificação apenas vem contribuir negativamente para a questão dos incêndios, sendo que as populações idosas para além de serem mais frágeis e, portanto, mais expostas aos riscos que os incêndios acarretam, têm também menos capacidade de entender as directivas e recomendações em matéria de gestão florestal e de prevenção.

A freguesia de Castelo Novo a par com Três Povos foram as únicas do Concelho em que nos últimos 20 anos se assistiu a uma ligeira desaceleração no envelhecimento da população, sendo pouco provável que esta tendência se mantenha. A União de Freguesias de Janeiro de Cima e Bogas de Baixo, União de Freguesias de Vale de Prazeres e Mata da Rainha e União de Freguesias de Tês Povos apresentam-se como as que o índice de envelhecimento mais aumentou nas duas últimas décadas, havendo uma desproporção descomunal no número de idosos face ao número de crianças. Para se ter uma ideia mais global da situação, o índice de envelhecimento da região da Cova da Beira, em 2011, é igual a 236,8, o que reflecte bem o problema demográfico com que o Interior se debate.

Em suma, o índice de envelhecimento nas freguesias do concelho tem tendência para continuar a aumentar, ano após ano.

3.4. População por Sector de Actividade (2011)

3.4.1. Alcaide

A freguesia de Alcaide possuía, em 2011, 220 residentes empregados. 8,18% estavam empregados na Agricultura, 28,64% na Indústria, e 63,18% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

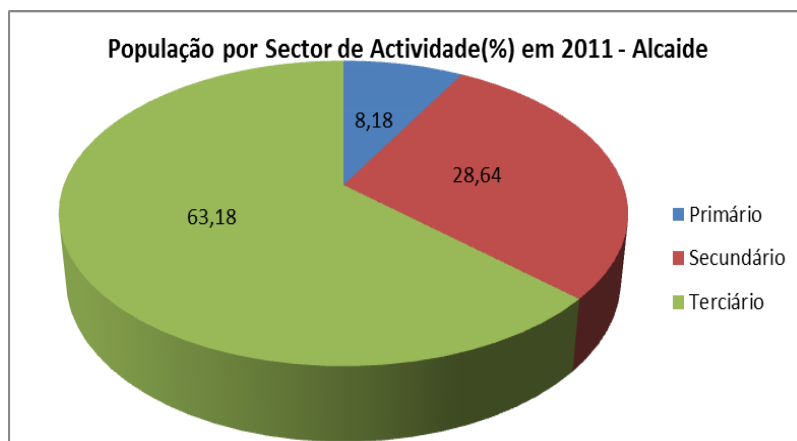


Figura 63 - População por sector de actividade na freguesia de Alcaide, em 2011

3.4.2.Alcaria

A freguesia de Alcaria possuía, em 2011, 480 residentes empregados. 3,6% estavam empregados na Agricultura, 35,83% na Indústria, e 60,21% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

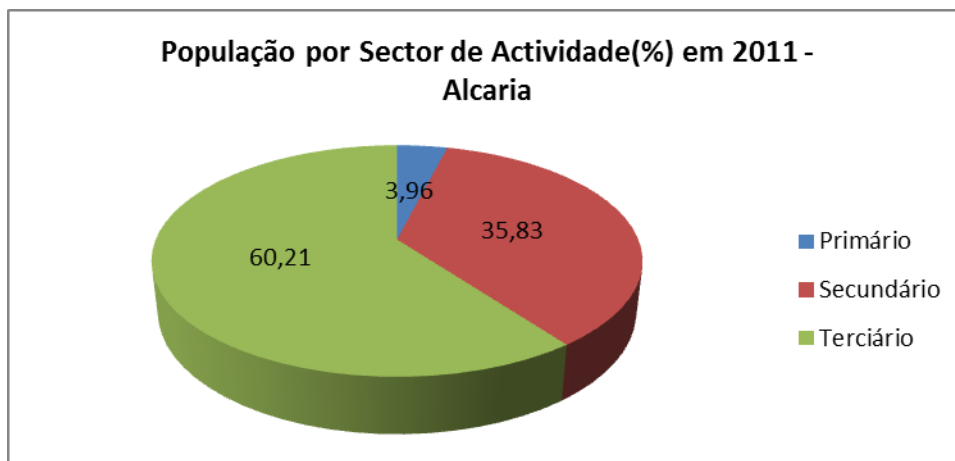


Figura 64 - População por sector de actividade na freguesia de Alcaria, em 2011

3.4.3. Alcongosta

A freguesia de Alcongosta possuía, em 2011, 186 residentes empregados. 22,58% estavam empregados na Agricultura, 21,51% na Indústria, e 55,91% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

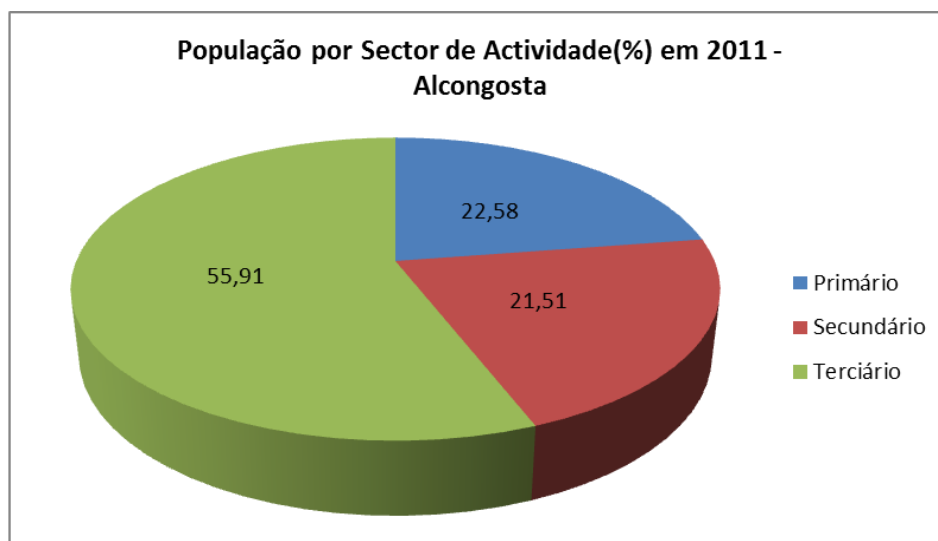


Figura 65– População por sector de actividade na freguesia de Alcongosta, em 2011

3.4.4. Alpedrinha

A freguesia de Alpedrinha possuía, em 2011, 387 residentes empregados. 14,21% estavam empregados na Agricultura, 27,65% na Indústria, e 58,14% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

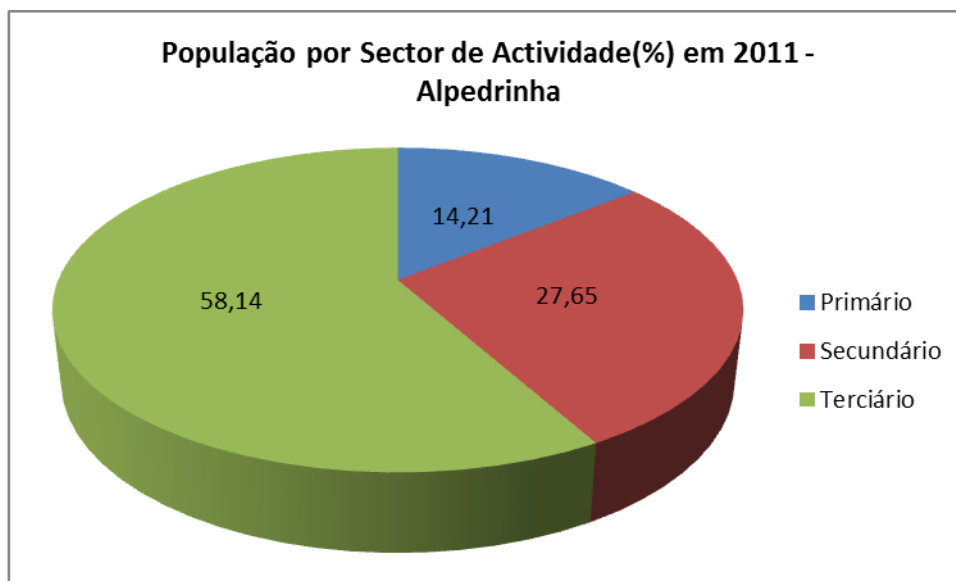


Figura 66 - População por sector de actividade na freguesia de Alpedrinha, em 2011

3.4.5.Barroca

A freguesia de Barroca possuía, em 2011, 110 residentes empregados. 0,91% estavam empregados na Agricultura, 55,45% na Indústria, e 43,64% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

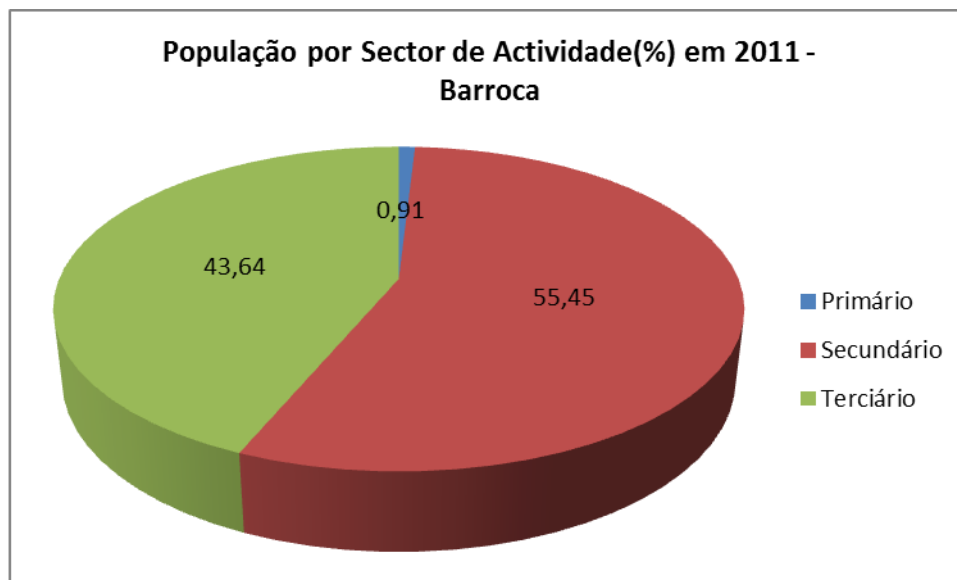


Figura 67 - População por sector de actividade na freguesia de Barroca, em 2011

3.4.6. Bogas de Cima

A freguesia de Bogas de Cima possuía, em 2011, 151 residentes empregados. 42,38% estavam empregados na Agricultura, 23,18% na Indústria, e 34,44% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

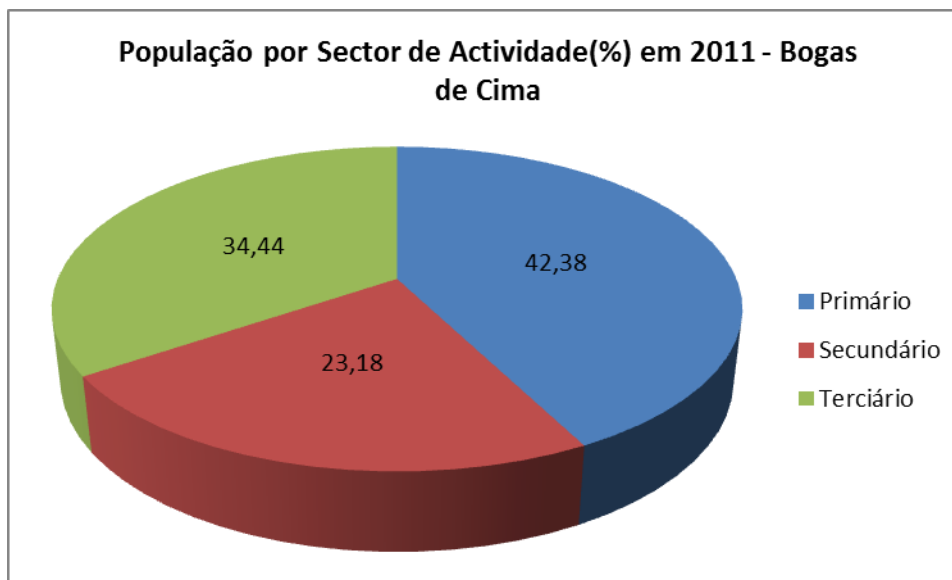


Figura 68 - População por sector de actividade na freguesia de Bogas de Cima, em 2011

3.4.7. Capinha

A freguesia de Capinha possuía, em 2011, 155 residentes empregados. 8,39% estavam empregados na Agricultura, 36,13% na Indústria, e 55,48% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

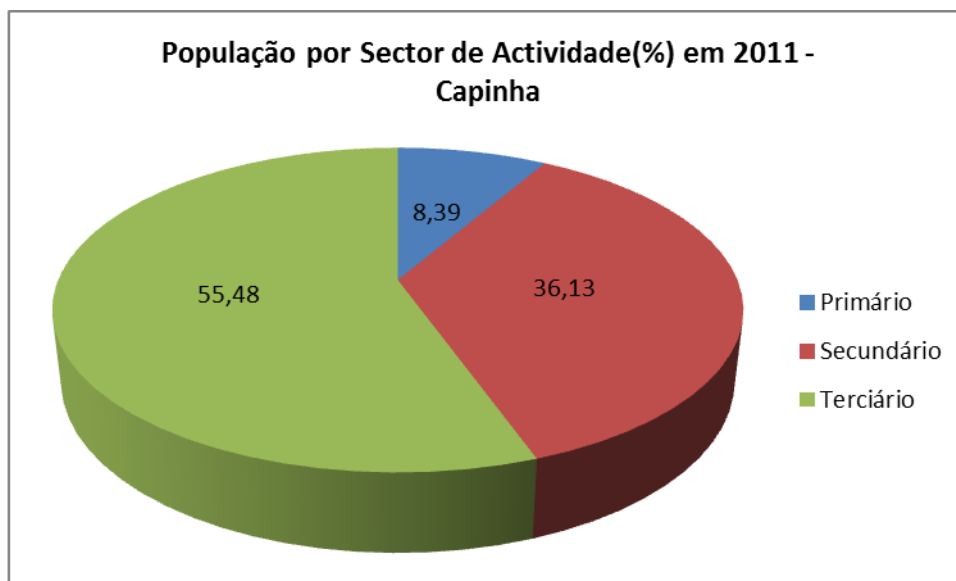


Figura 69 - População por sector de actividade na freguesia de Capinha, em 2011

3.4.8.Castelejo

A freguesia de Castelejo possuía, em 2011, 213 residentes empregados. 8,92% estavam empregados na Agricultura, 38,97% na Indústria, e 52,11% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

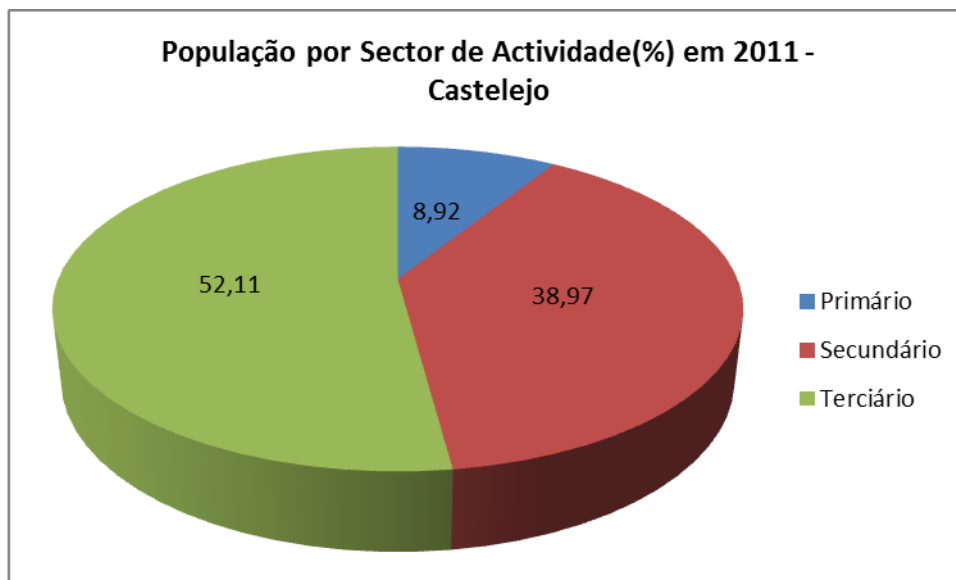


Figura 70 – População por sector de actividade na freguesia de Castelejo, em 2011

3.4.9.Castelo Novo

A freguesia de Castelo Novo possuía, em 2011, 140 residentes empregados. 26,43% estavam empregados na Agricultura, 17,14% na Indústria, e 56,43% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

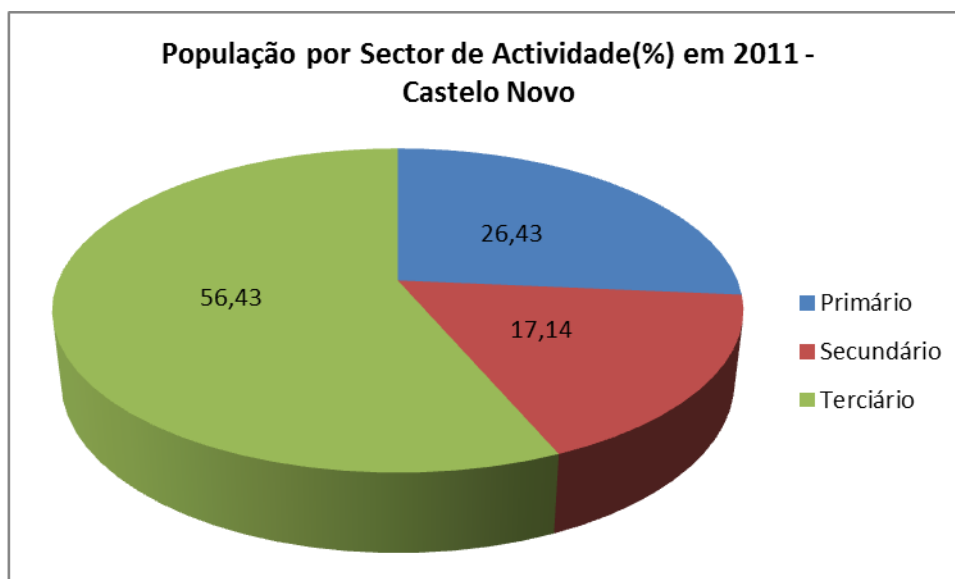


Figura 71 - População por sector de actividade na freguesia de Castelo Novo, em 2011

3.4.10.Enxames

A freguesia de Enxames possuía, em 2011, 154 residentes empregados. 4,55% estavam empregados na Agricultura, 40,91% na Indústria, e 54,55% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

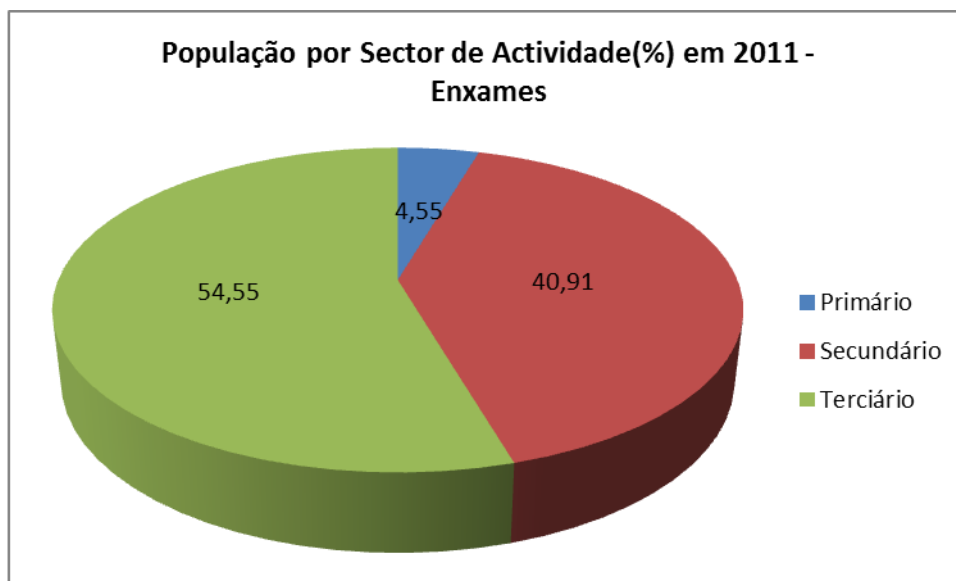


Figura 72 - População por sector de actividade na freguesia de Enxames, em 2011

3.4.11.Fatela

A freguesia de Fatela possuía, em 2011, 210 residentes empregados. 6,19% estavam empregados na Agricultura, 39,05% na Indústria, e 54,76% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

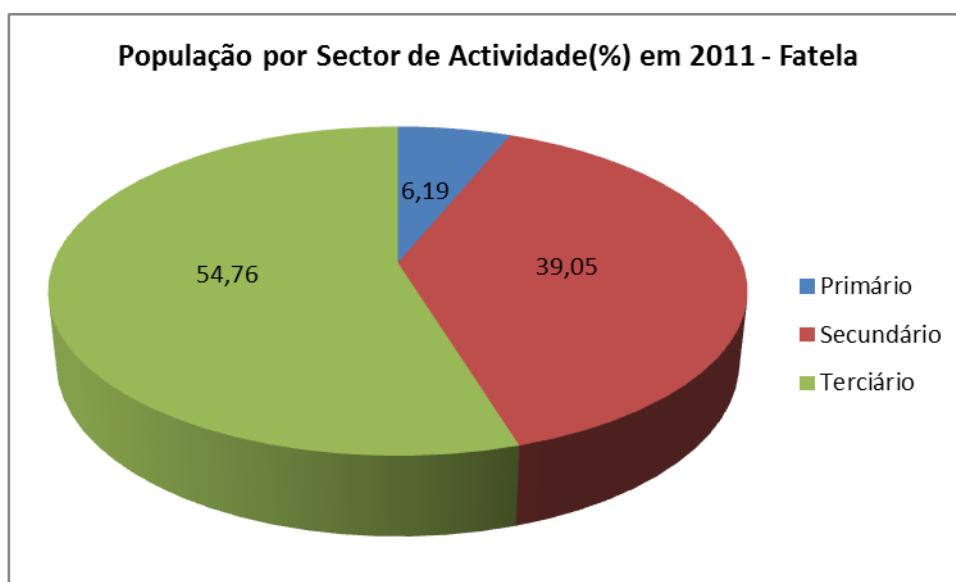


Figura 73 - População por sector de actividade na freguesia de Fatela, em 2011

3.4.12.Lavacolhos

A freguesia de Lavacolhos possuía, em 2011, 70 residentes empregados. 2,86% estavam empregados na Agricultura, 47,14% na Indústria, e 50% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

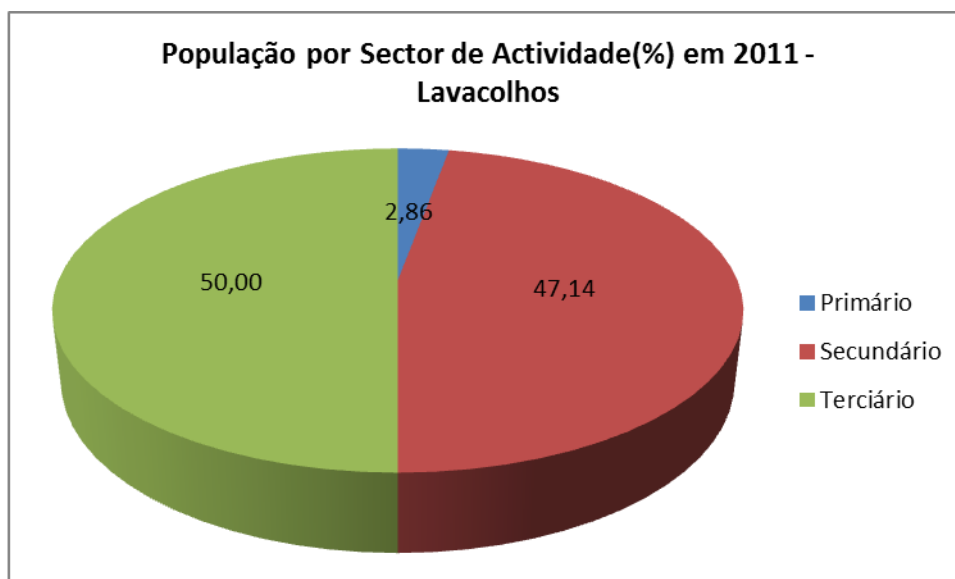


Figura 74 - População por sector de actividade na freguesia de Lavacolhos, em 2011

3.4.13.Orca

A freguesia de Orca possuía, em 2011, 140 residentes empregados. 20% estavam empregados na Agricultura, 24,29% na Indústria, e 55,71% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

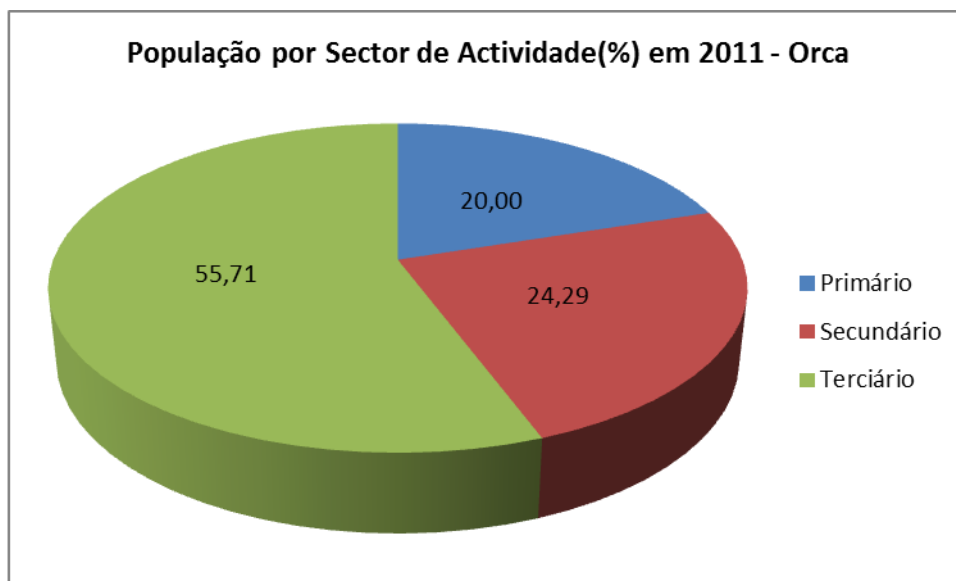


Figura 75 - População por sector de actividade na freguesia de Orca, em 2011

3.4.14. Pêro Viseu

A freguesia de Pêro Viseu possuía, em 2011, 256 residentes empregados. 9,38% estavam empregados na Agricultura, 35,55% na Indústria, e 55,08% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

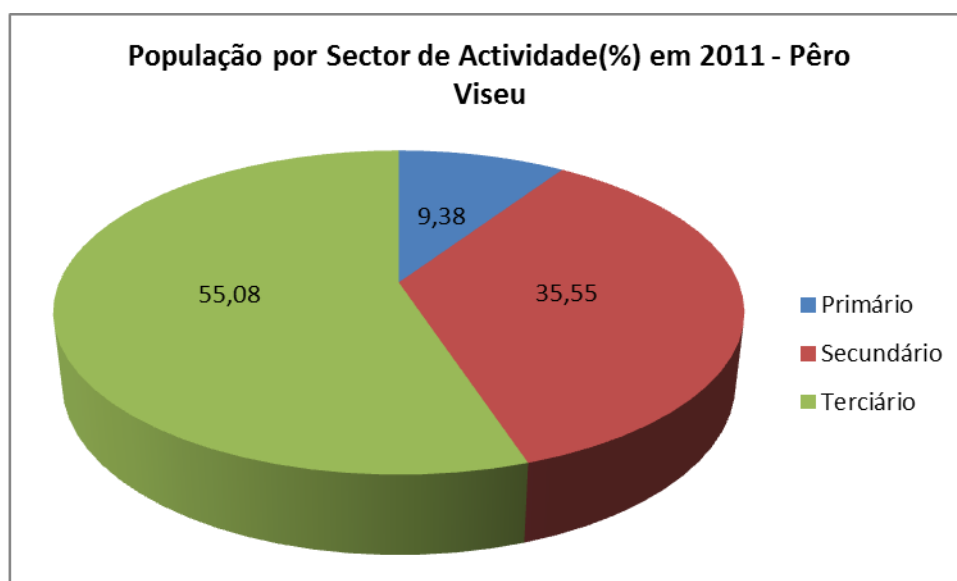


Figura 76 - População por sector de actividade na freguesia de Pêro Viseu, em 2011

3.4.15.Silvares

A freguesia de Silvares possuía, em 2011, 370 residentes empregados. 1,62% estavam empregados na Agricultura, 45,95% na Indústria, e 52,43% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

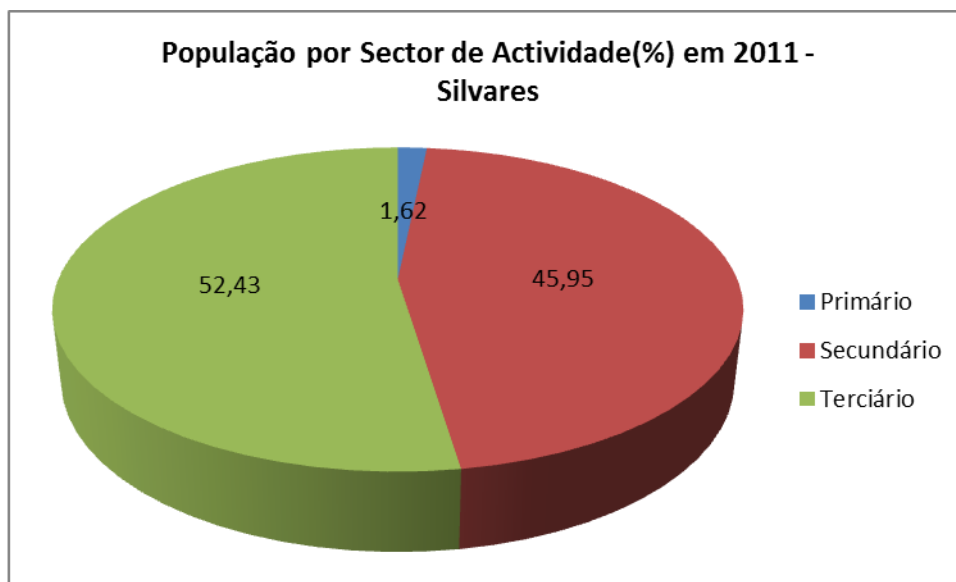


Figura 77 - População por sector de actividade na freguesia de Silvares, em 2011

3.4.16.Soalheira

A freguesia de Soalheira possuía, em 2011, 281 residentes empregados. 2,14% estavam empregados na Agricultura, 26,69% na Indústria, e 71,17% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

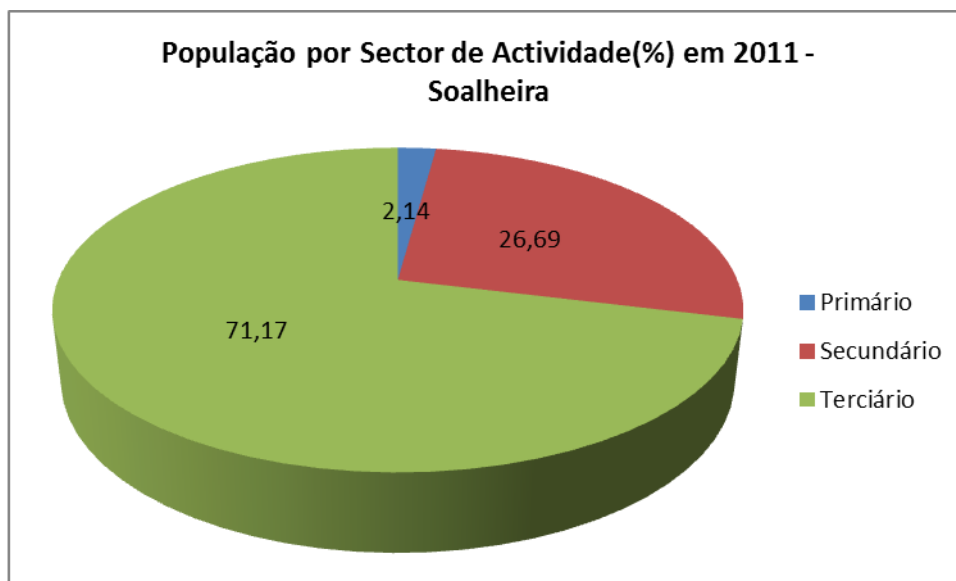


Figura 78 - População por sector de actividade na freguesia de Soalheira, em 2011

3.4.17.Souto da Casa

A freguesia de Souto da Casa possuía, em 2011, 254 residentes empregados. 2,76% estavam empregados na Agricultura, 32,28% na Indústria, e 64,96% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

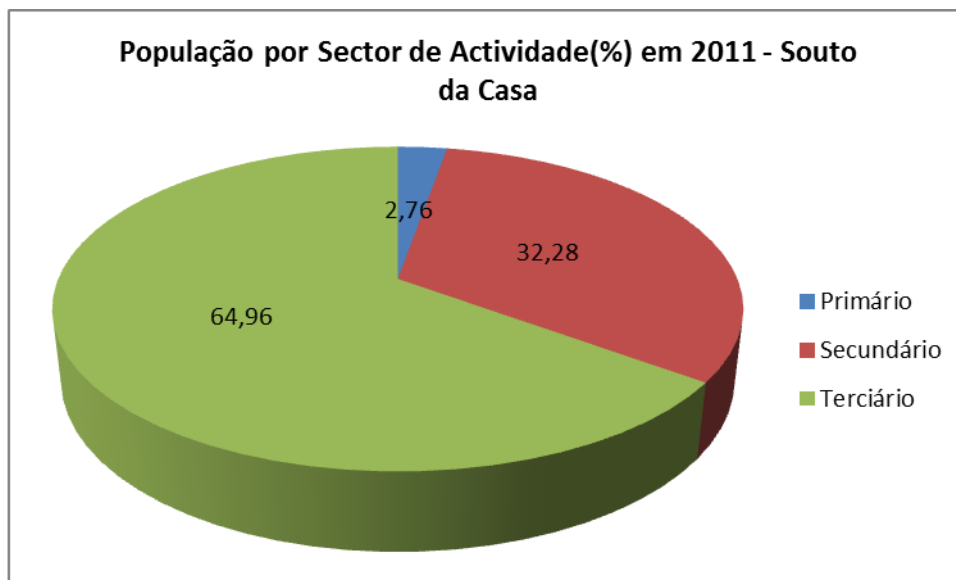


Figura 79 - População por sector de actividade na freguesia de Souto da Casa, em 2011

3.4.18.Telhado

A freguesia de Telhado possuía, em 2011, 210 residentes empregados. 8,57% estavam empregados na Agricultura, 25,71% na Indústria, e 65,71% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

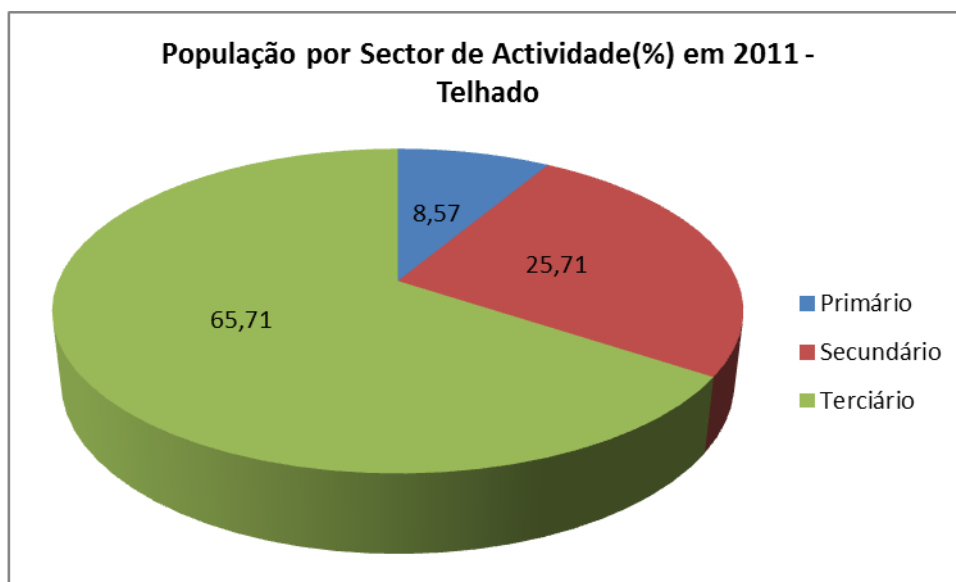


Figura 80 - População por sector de actividade na freguesia de Telhado, em 2011

3.4.19.U.F. Fundão, A.N. Cabo, A. Joanes, Donas e Valverde

A U.F. de Fundão, A.N. Cabo, A. Joanes, Donas e Valverde possuía, em 2011, 5626 residentes empregados. 2,83% estavam empregados na Agricultura, 21,93% na Indústria, e 84% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

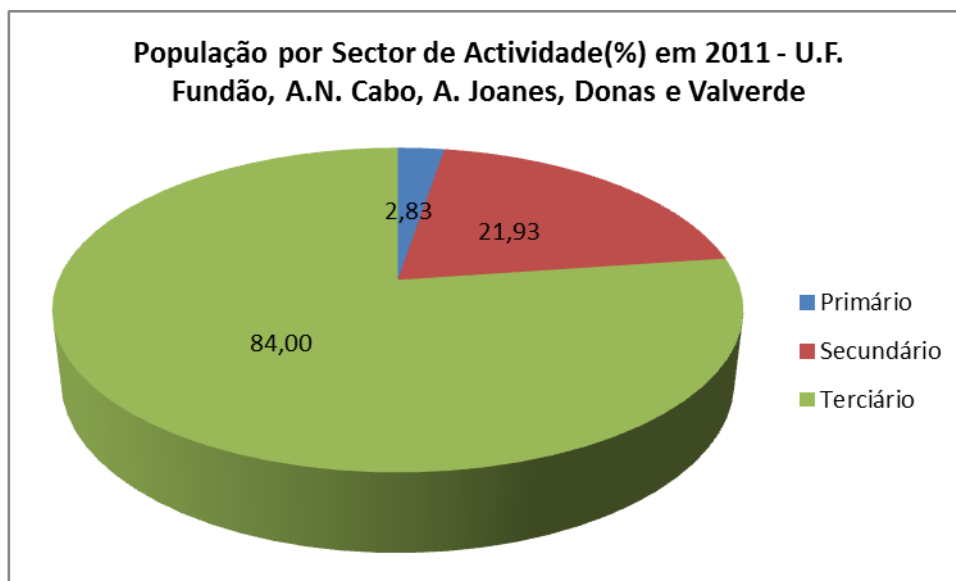


Figura 81 - População por sector de actividade na U.F. Fundão, A.N. Cabo, A. Joanes, Donas e Valverde, em 2011

3.4.20.U.F. Póvoa de Atalaia e Atalaia do Campo

A U.F. Póvoa de Atalaia e Atalaia do Campo possuía, em 2011, 296 residentes empregados. 4,73% estavam empregados na Agricultura, 11,82% na Indústria, e 17,01% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

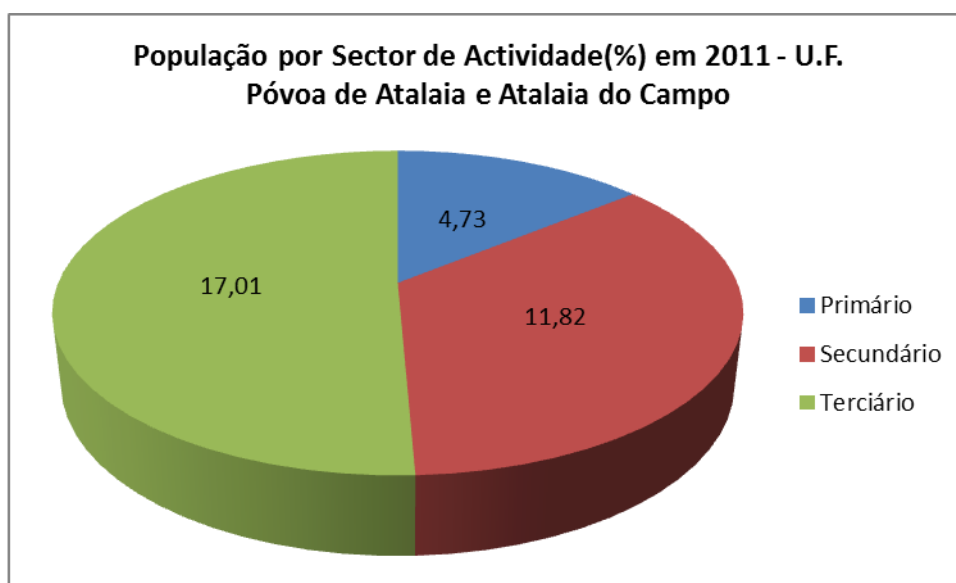


Figura 82 - População por sector de actividade na U.F. Póvoa de Atalaia e Atalaia do Campo, em 2011

3.4.21.U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo

A U.F. de Janeiro de Cima e Bogas de Baixo possuía, em 2011, 115 residentes empregados. 2,83% estavam empregados na Agricultura, 21,93% na Indústria, e 84% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

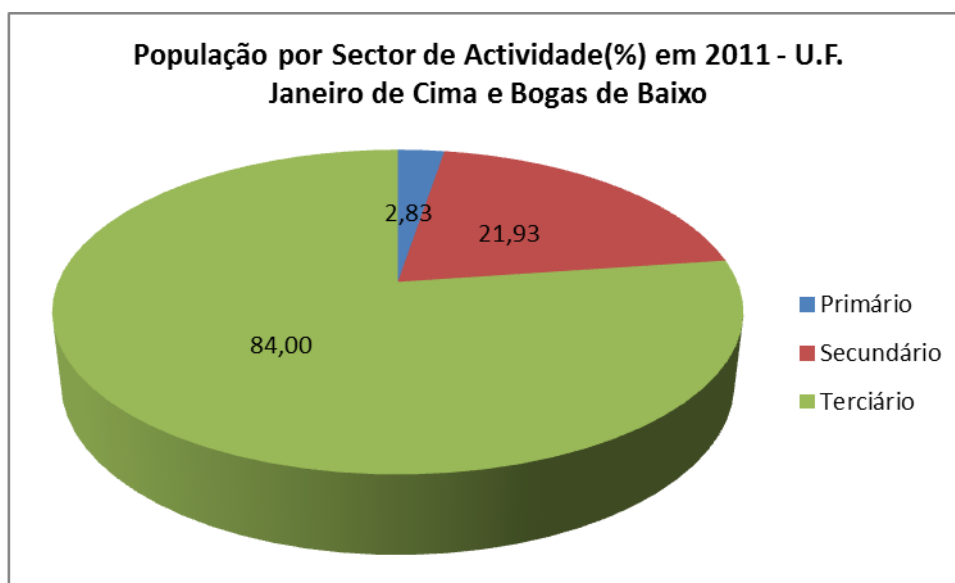


Figura 83 - População por sector de actividade na U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo, em 2011

3.4.22.U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha

A freguesia de Telhado possuía, em 2011, 284 residentes empregados. 7,94% estavam empregados na Agricultura, 8,93% na Indústria, e 18,35% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

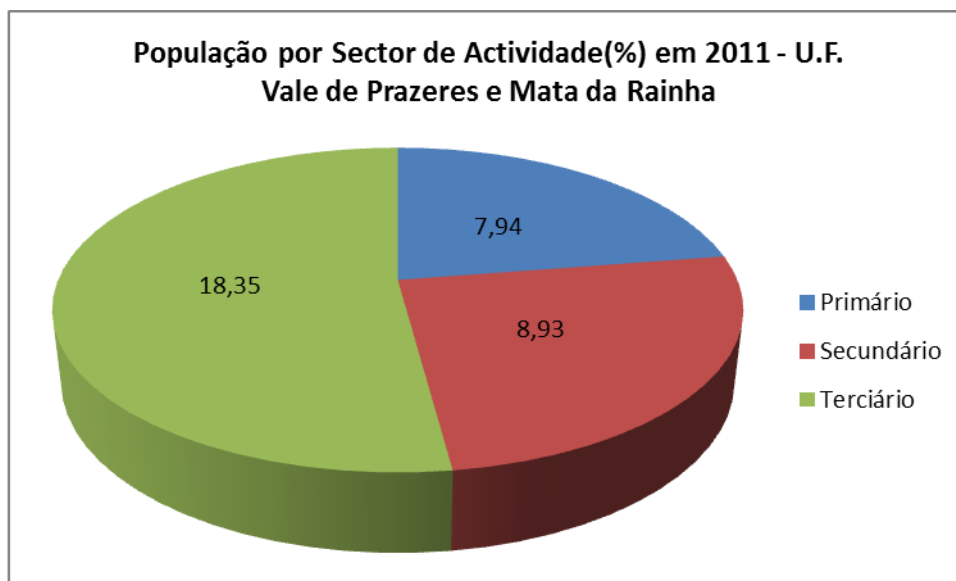


Figura 84 - População por sector de actividade na U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha, em 2011

3.4.23.Três Povos

A freguesia de Três Povos possuía, em 2011, 193 residentes empregados. 8,05% estavam empregados na Agricultura, 20,40% na Indústria, e 30,61% trabalhavam no sector do Comércio e Serviços.

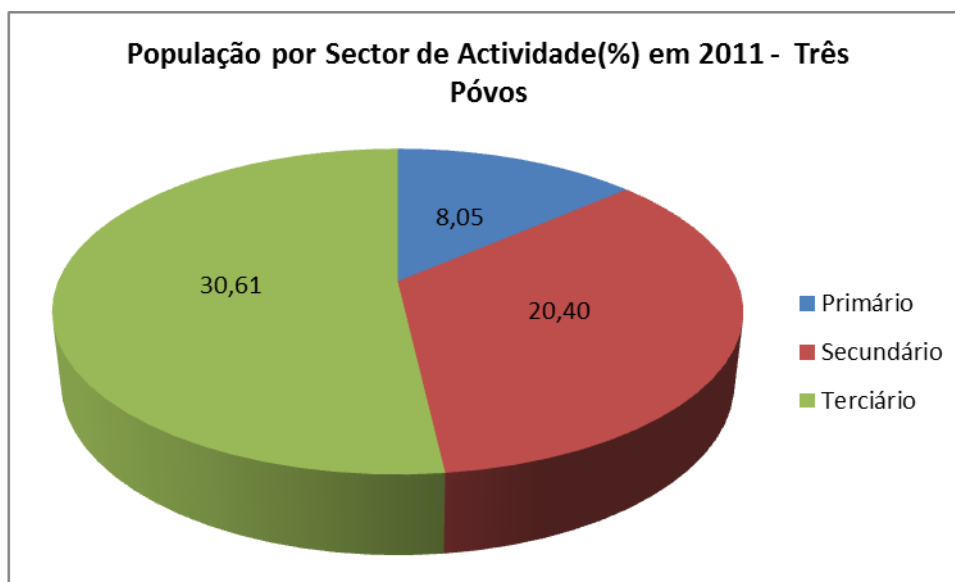


Figura 85 - População por sector de actividade na Três Povos, em 2011

Da observação dos gráficos ilustrativos da distribuição da população empregada pelos sectores de actividade pode-se concluir que o sector primário, outrora o motor do Interior, empregando dezenas de milhares de pessoas e alimentando outras tantas, é um sector cada vez menos importante, sendo óbvia a “migração” para o sector secundário, mas sobretudo para o sector terciário. A percentagem de população no sector terciário é também um indicador do desenvolvimento humano e social de um país, apesar de hoje ser notório que a verdadeira riqueza de um país, a sua auto-suficiência, a independência económica, provém da agricultura e da indústria.

A maioria das freguesias do Fundão tem nos sectores terciário e secundário os principais empregadores da população, sendo o sector primário pouco representativo. Existem algumas freguesias, como é o caso de Alcongosta, em que a Agricultura é a fonte de rendimento de 22,58% da população empregada, ressaltando-se que esta é na verdade uma freguesia em que o cultivo da Cereja é o motor económico local. Se quisermos ter uma noção mais global e representativa do abandono dos campos, atente-se à percentagem da população da região da Cova da Beira que trabalha no sector primário: 6,9%, contra 40,7% no sector secundário e 52,4 no terciário.

Posto isto, é altamente provável que o sector primário se vá tornando cada vez menos expressivo, quer devido ao desaparecimento da geração que se dedicava à agricultura familiar e de subsistência, quer devido à modernização progressiva da sociedade, sendo que a população do século XXI procura empregos mais “atractivos”.

Com o abandono dos campos agrícolas, o aumento do mato e o desordenamento florestal, o concelho do Fundão pode comprometer a salubridade dos estratos florestais, aumentando o risco de incêndio florestal.

3.5.Taxa de Analfabetismo (1991/2001/2001)

3.5.1.Alcaide

A freguesia de Alcaide apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 8,65%, da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 17,36 em 1991 para 8,5% em 2011.

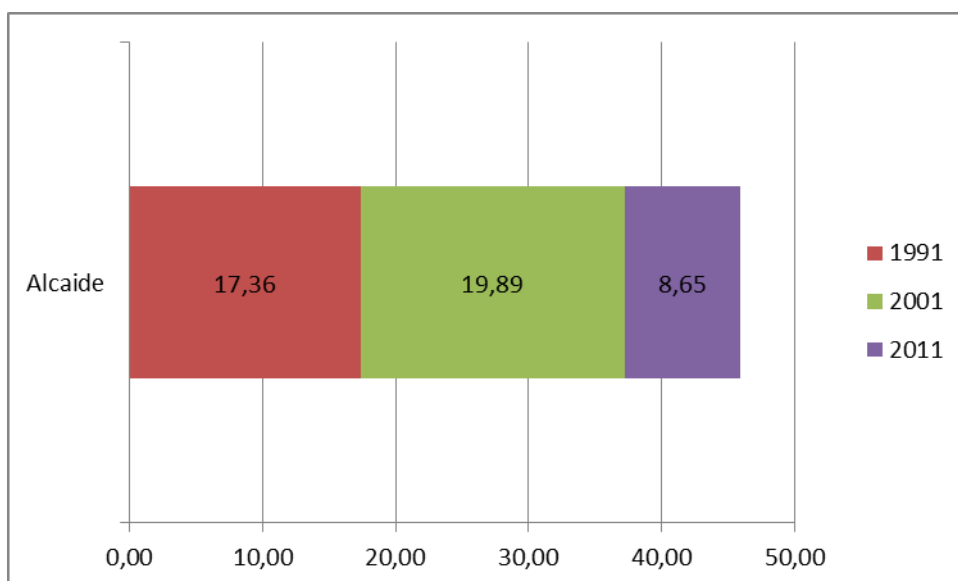


Figura 86 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Alcaide entre 1991 e 2011

3.5.2. Alcaria

A freguesia de Alcaria apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 9,07%, da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 13,16% em 1991 para 9,07% em 2011.

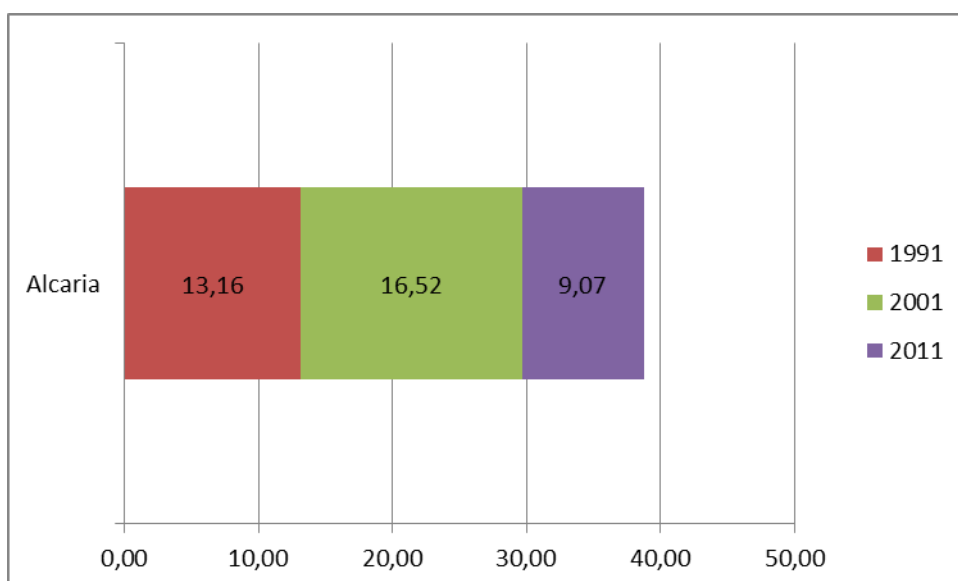


Figura 87 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Alcaria entre 1991 e 2011

3.5.3. Alcongosta

A freguesia de Alcongosta apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 10,61% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 15,44% em 1991, para 10,61% em 2001.

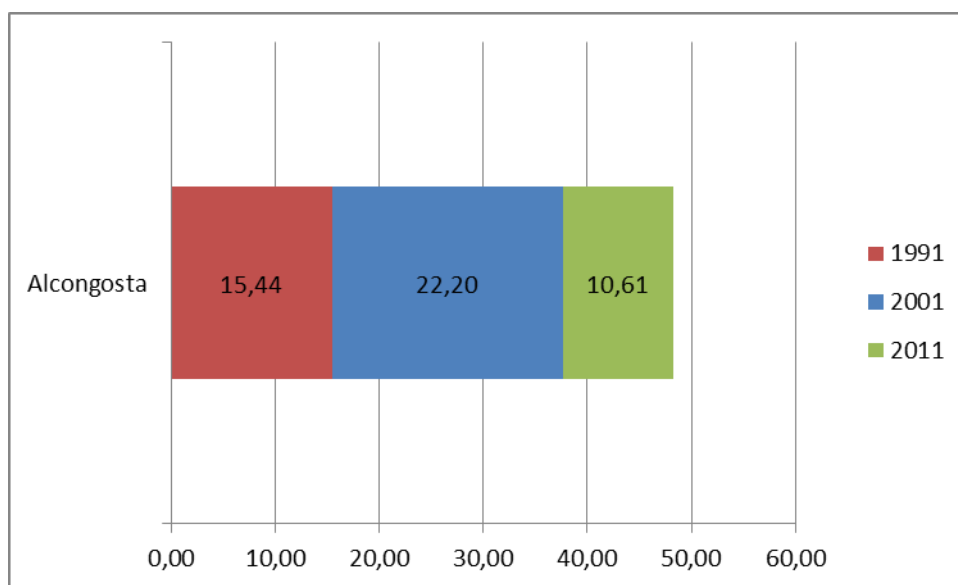


Figura 88 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Alcongosta entre 1991 e 2011

3.5.4. Alpedrinha

A freguesia de Alpedrinha apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 14,27% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 17,40% em 1991 para 14,27% em 2001.

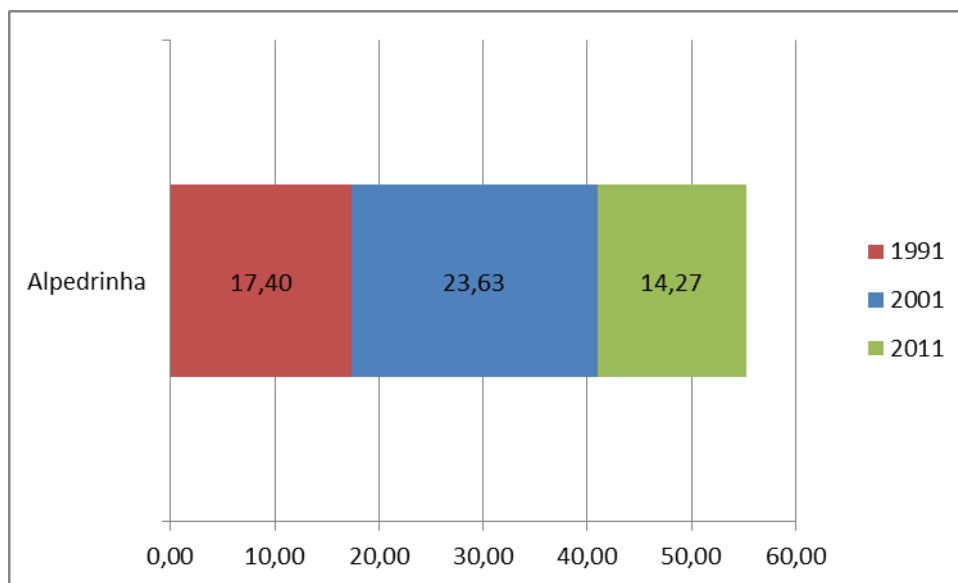


Figura 89 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Alpedrinha entre 1991 e 2011

3.5.5.Barroca

A freguesia de Barroca apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 11,23%, ou seja, 11,23% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Entre 1991 e 2011 a taxa diminuiu, tendo passado dos 20,74% para 11,23%

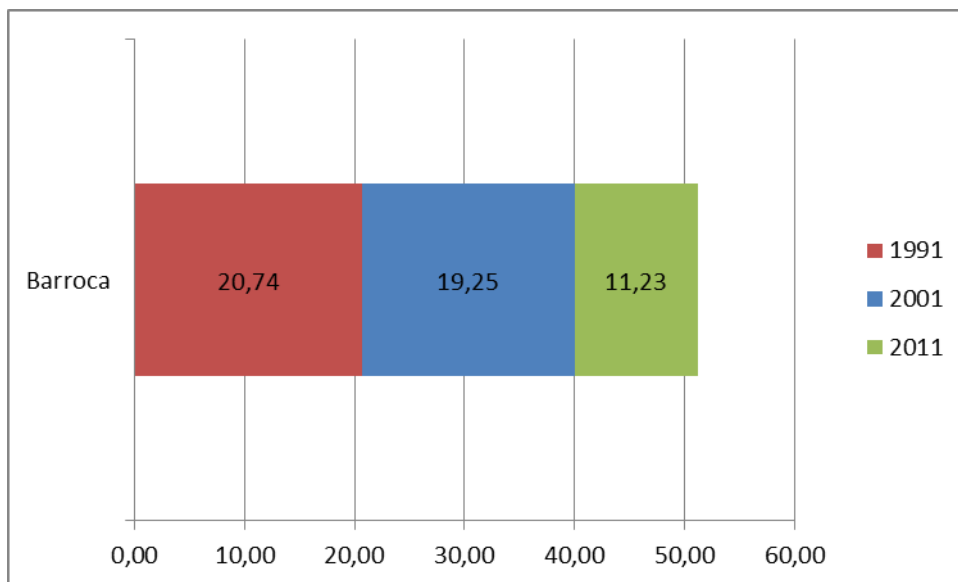


Figura 90 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Barroca entre 1991 e 2011

3.5.6. Bogas de Cima

A freguesia de Bogas de Cima apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 18,15%, ou seja, 18,15% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 25,95% para 18,15% em 2011.

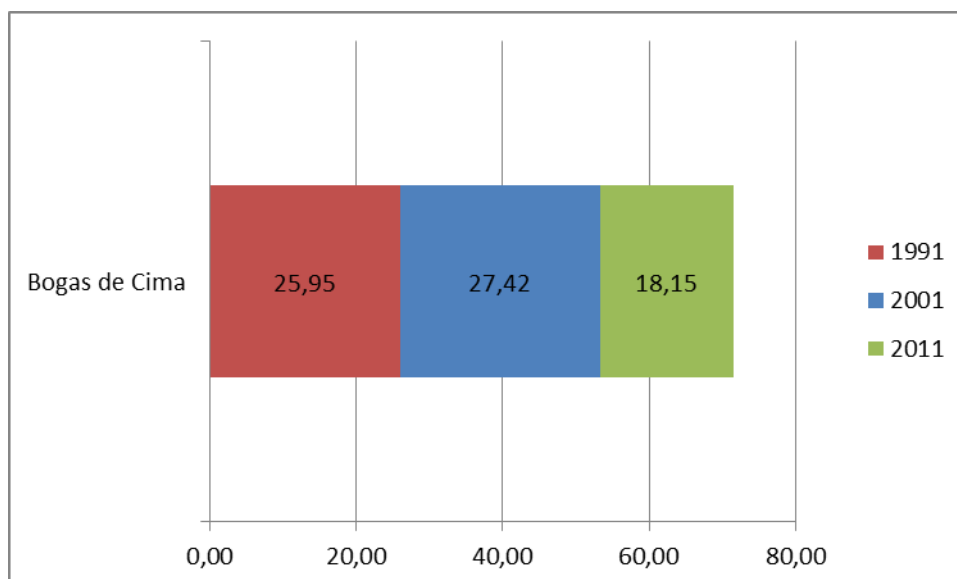


Figura 91 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Bogas de Cima entre 1991 e 2011

3.5.7. Capinha

A freguesia de Capinha apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 21,51%, ou seja, 21,51% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 34,42% em 1991 para 20,51% em 2011.

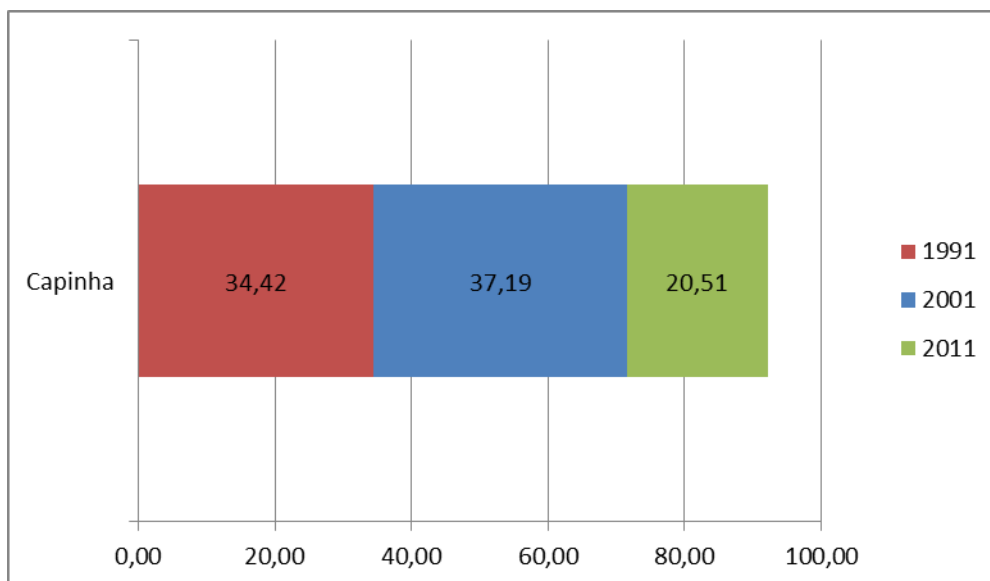


Figura 92 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Capinha entre 1991 e 2011

3.5.8.Castelejo

A freguesia de Castelejo apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 10,36%, ou seja, 10,36% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 15,56% em 1991 para 10,36% em 2011.

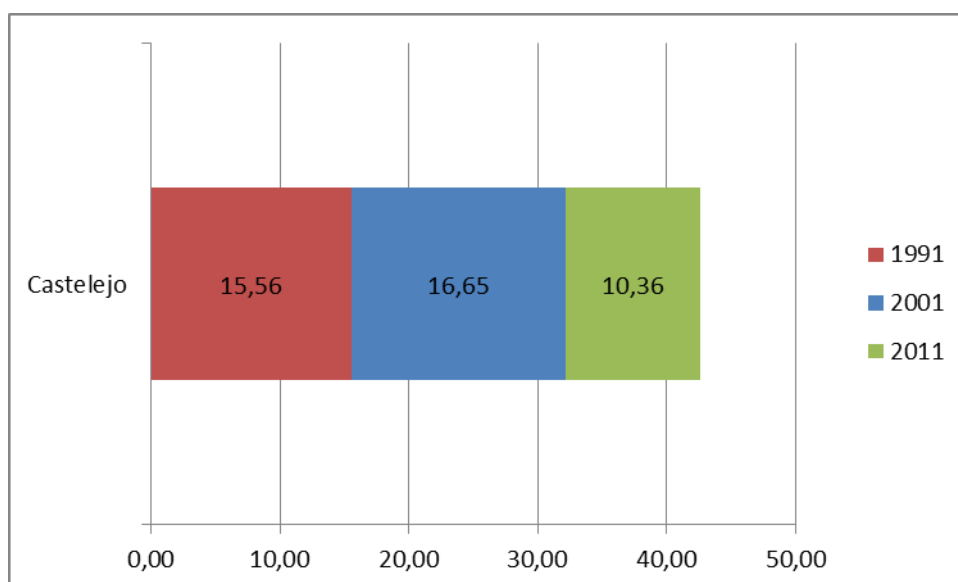


Figura 93 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Castelejo entre 1991 e 2011

3.5.9.Castelo Novo

A freguesia de Castelo Novo apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 10,61%, ou seja, 10,61% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1911 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 23,51% em 1991 para 10,61% em 2011.

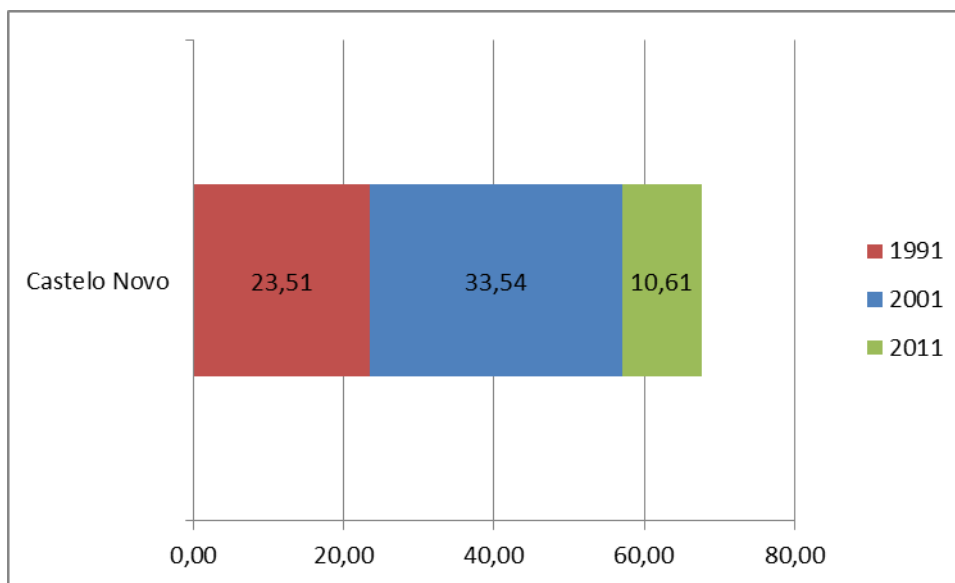


Figura 94 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Castelo Novo entre 1991 e 2011

3.5.10.Fatela

A freguesia de Fatela apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 10,44%, ou seja, 10,44% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 17,68% em 1991, e posteriormente para 10,44% em 2011.

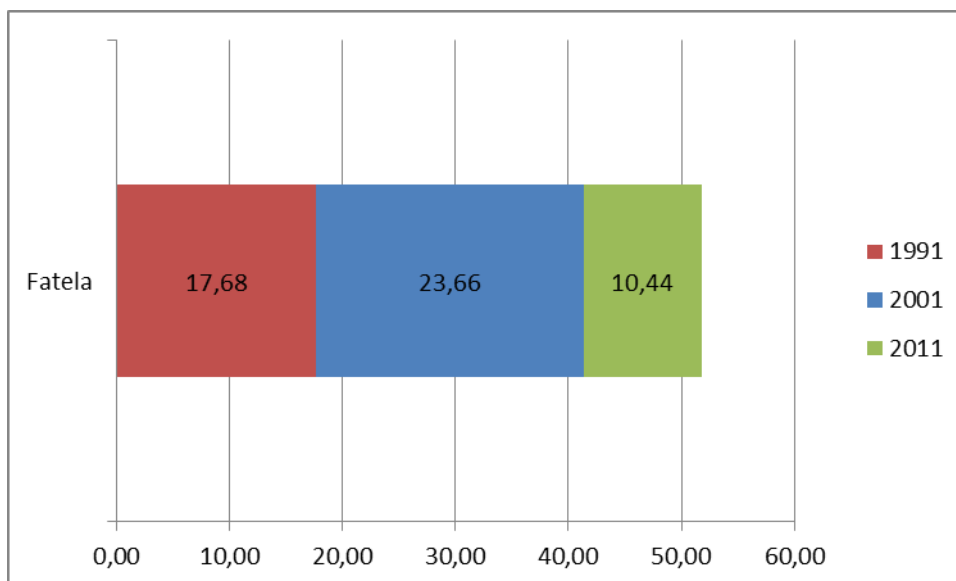


Figura 95 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Fatela entre 1991 e 2011

3.5.11.Lavacolhos

A freguesia de Lavacolhos apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 6,61%, ou seja, 6,61% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 15,38% em 1991 para 15,38% em 2011.

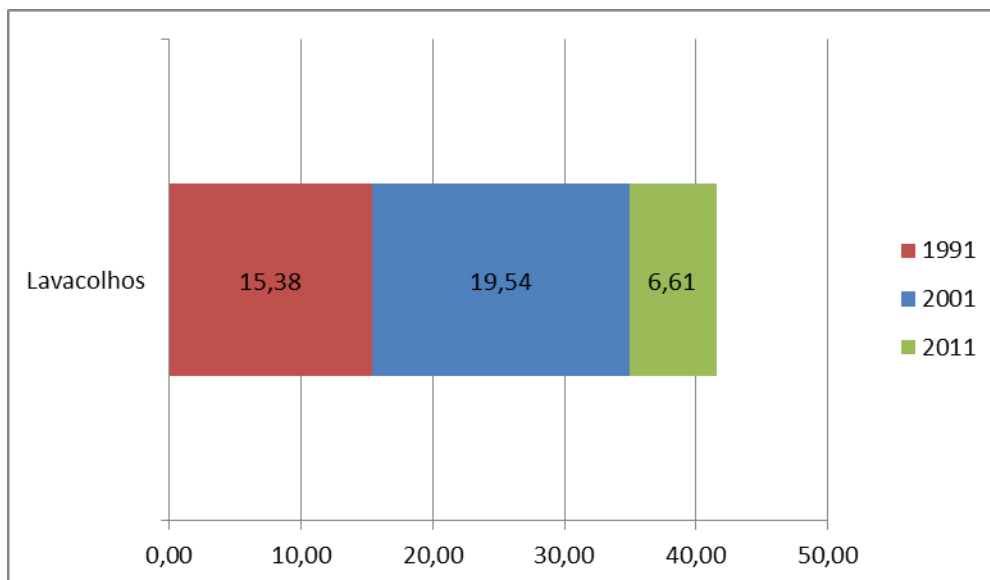


Figura 96 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Lavacolhos entre 1981 e 2001

3.5.12.Orca

A freguesia de Orca apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 24,49%, ou seja, 24,49% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 36,44% em 1991 para 24,49% em 2011.

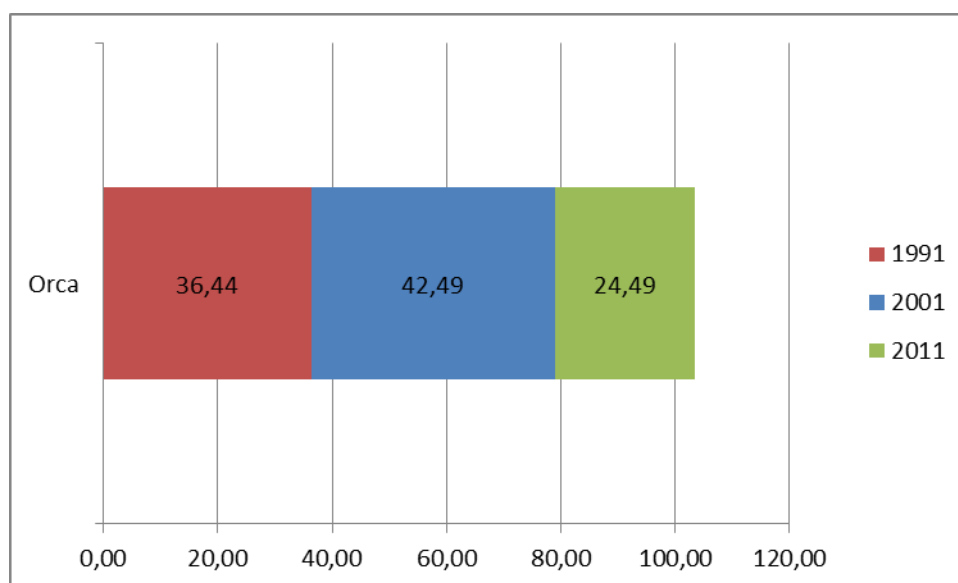


Figura 97 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Orca entre 1991 e 2011

3.5.13.Pêro Viseu

A freguesia de Pêro Viseu apresentava em 2001 uma taxa de analfabetismo igual a 8,52%, ou seja, 8,52% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 18,31% em 1991 para 8,52% em 2001.

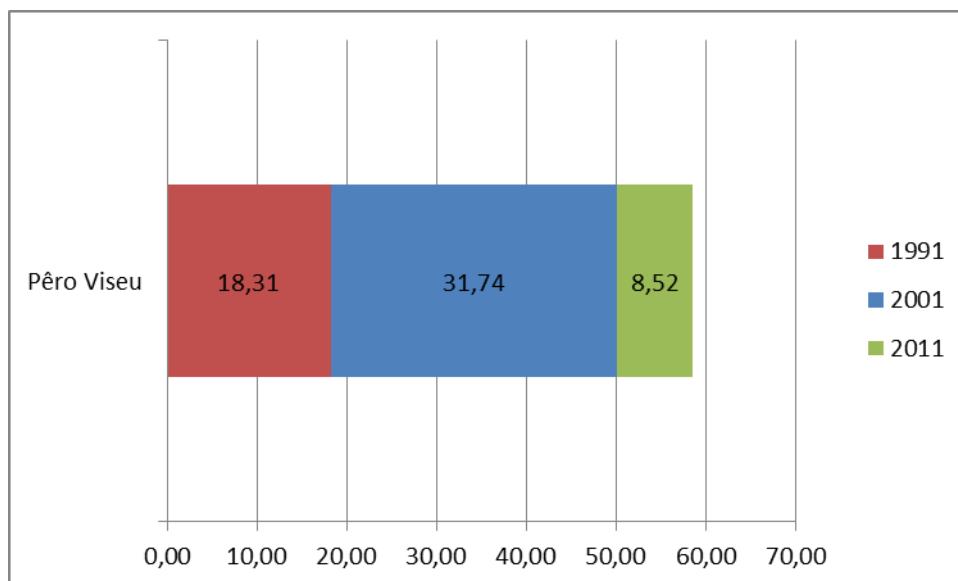


Figura 98 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Pêro Viseu entre 1991 e 2011

3.5.14.Silvares

A freguesia de Silvares apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 7,69%, ou seja, 7,69% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 13,84% em 1991 para 7,69% em 2011.

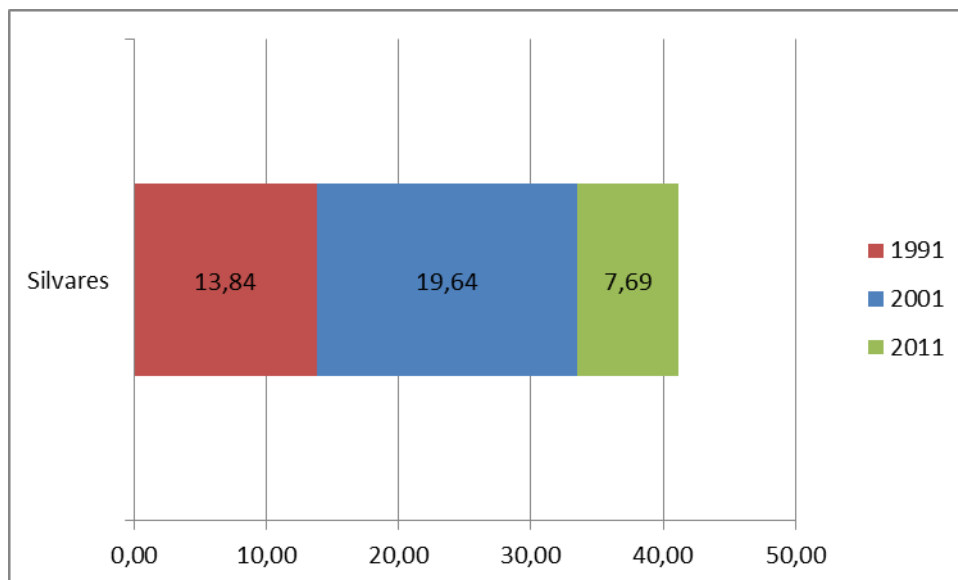


Figura 99 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Silvares entre 1991 e 2011

3.5.15. Soalheira

A freguesia de Soalheira apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 11,39%, ou seja, 11,39% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 16,44% em 1991 para 11,39% em 2011.

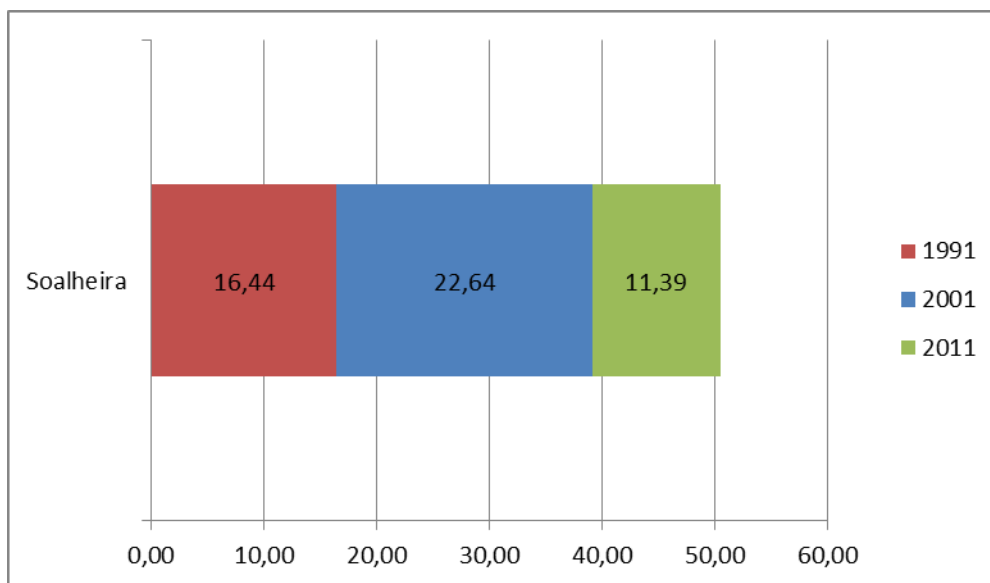


Figura 100 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Soalheira entre 1991 e 2011

3.5.16. Telhado

A freguesia de Telhado apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 9,08%, ou seja, 9,08% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado para 14,13% em 1991 e para 9,08% em 2011.

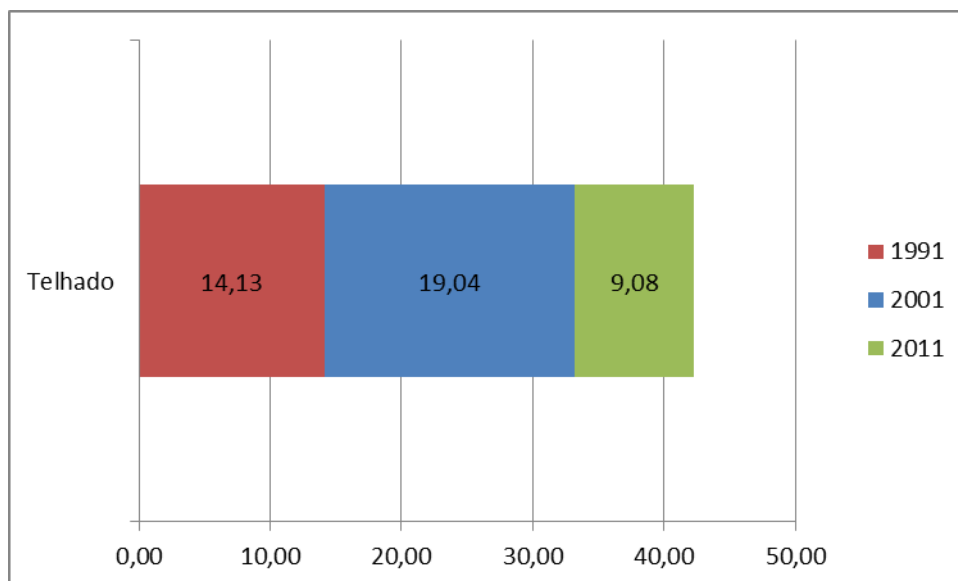


Figura 101 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Telhado entre 1991 e 2011

3.5.17.Souto da Casa

A freguesia de Souto da Casa apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 12,78%, ou seja, 12,78% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado para 18,87% em 1991e para 12,78% em 2011.

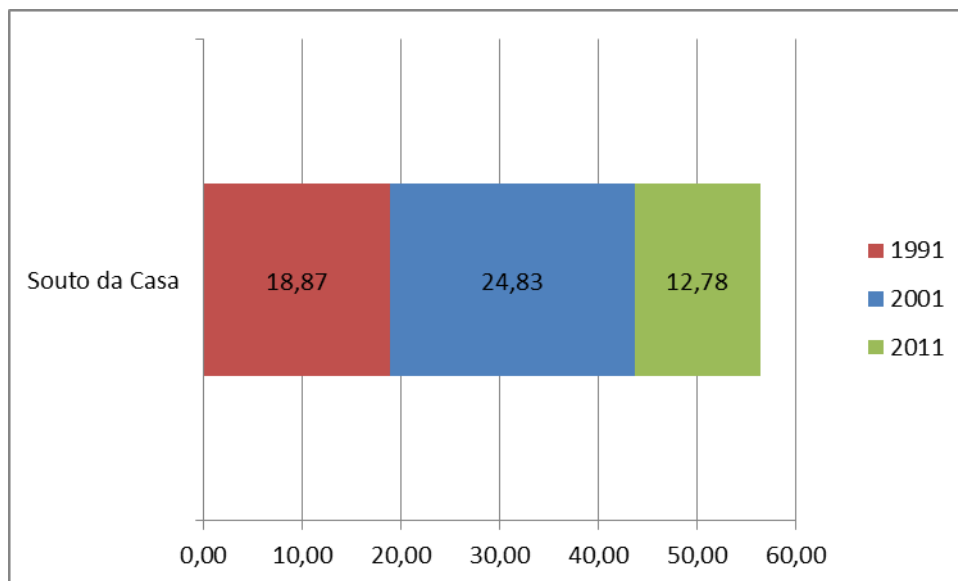


Figura 102 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Souto da Casa entre 1991 e 2011

3.5.18.Enxames

A freguesia de Enxames apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 19,19%, ou seja, 19,19% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1911 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado de 31,77% em 1991 para 19,19% em 2011.

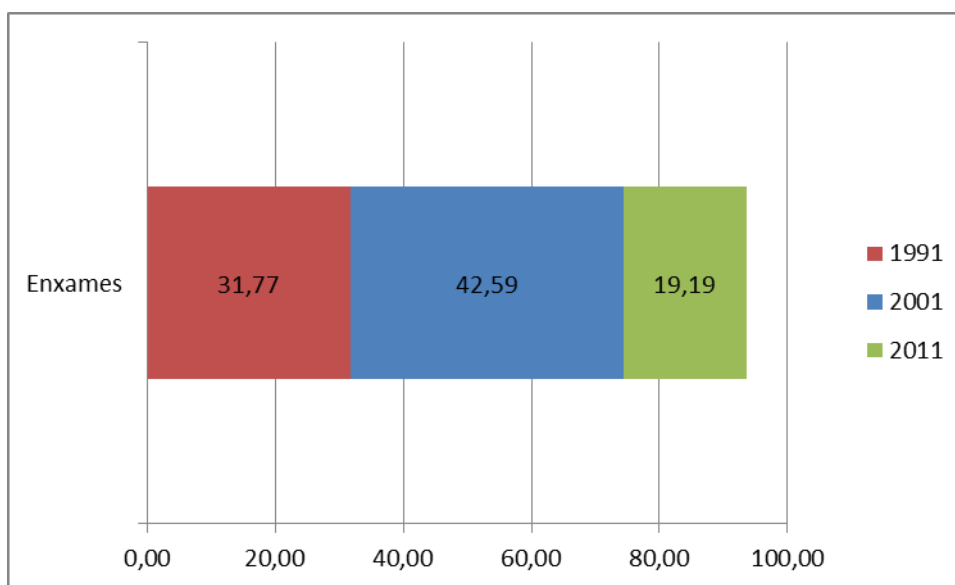


Figura 103 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia de Enxames entre 1991 e 2011

3.5.19.U.F. Fundão, A. Joanes, A. Nova do Cabo, Donas e Valverde

A U.F. Fundão, A. Joanes, A. Nova do Cabo, Donas e Valverde apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 37,75%, ou seja, 37,75% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado para 59,25% em 1991e para 37,75% em 2011.

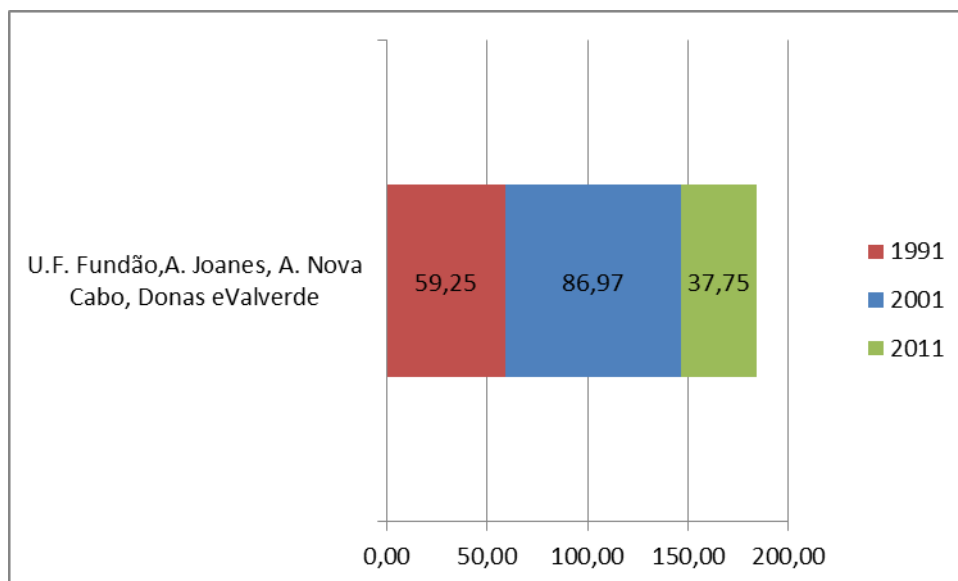


Figura 104 - Evolução da taxa de analfabetismo na U.F. Fundão, A. Joanes, A. Nova do Cabo, Donas e Valverde entre 1991 e 2011

3.5.20.U.F. Povia de Atalaia e Atalaia do Campo

A U.F. Povia de Atalaia e Atalaia do Campo apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 45,93%, ou seja, 45,93% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado para 68,64% em 1991 e para 45,93% em 2011.

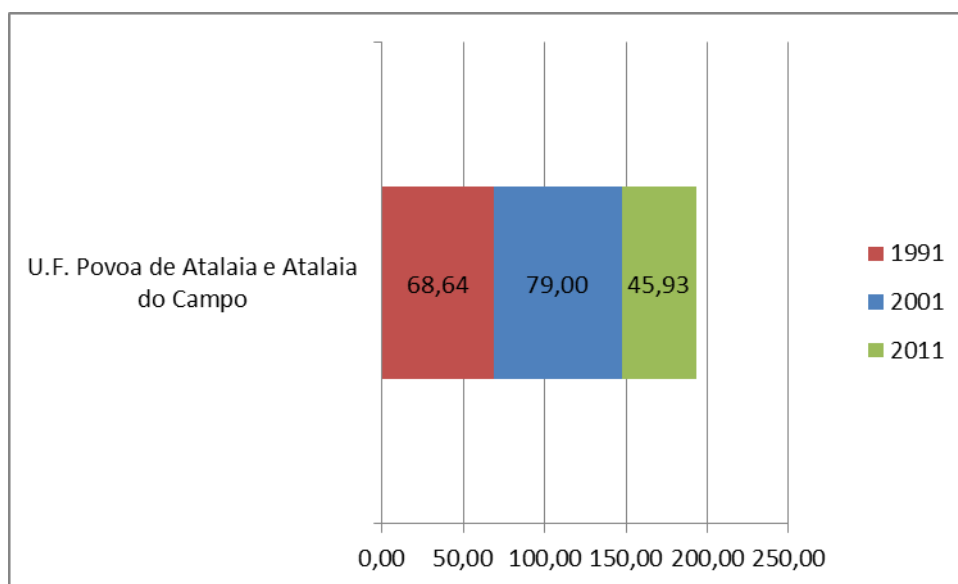


Figura 105 - Evolução da taxa de analfabetismo na U.F. Povia de Atalaia e Atalaia do Campo entre 1991 e 2011

3.5.21.U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo

A U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 39,04%, ou seja, 39,04% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado para 55,04% em 1991e para 39,04% em 2011.

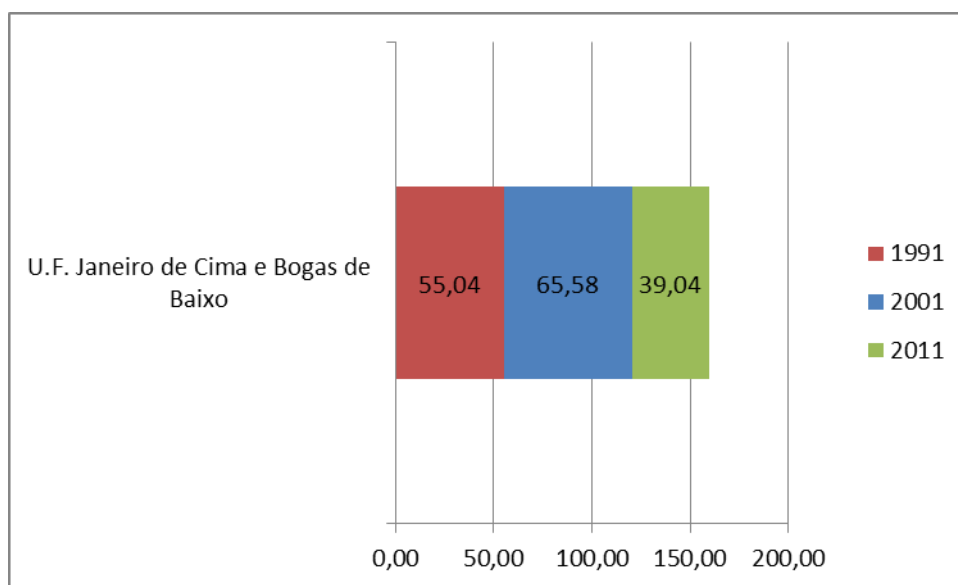


Figura 106 - Evolução da taxa de analfabetismo na U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo entre 1991 e 2011

3.5.22. Três Povos

A freguesia de Três Povos apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 41,50%, ou seja, 41,50% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado para 56,26% em 1991e para 41,50% em 2011.

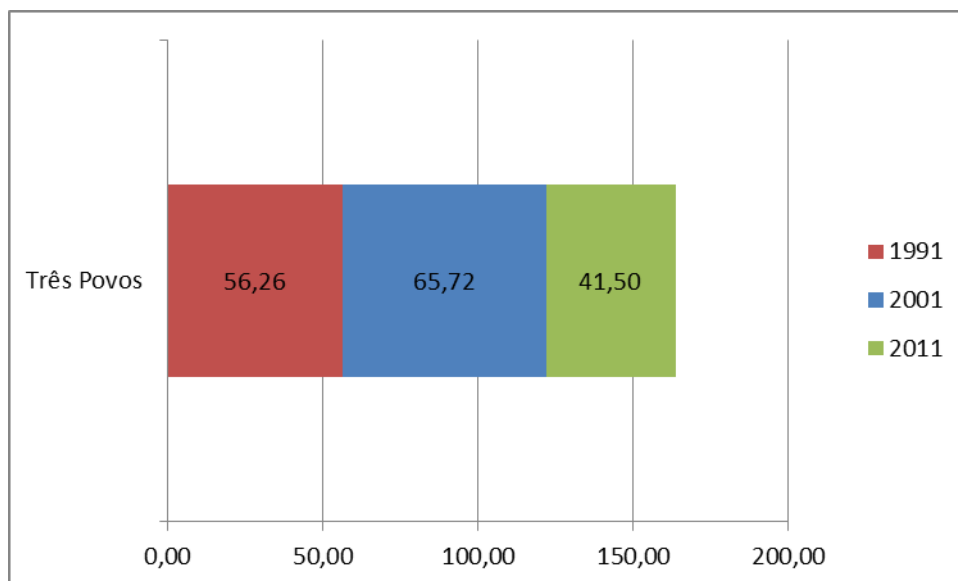


Figura 107 - Evolução da taxa de analfabetismo na freguesia Três Povos entre 1991 e 2011

3.5.23.U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha

A U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha apresentava em 2011 uma taxa de analfabetismo igual a 58,58%, ou seja, 58,58% da população residente com 10 ou mais anos de idade não sabe ler nem escrever. Desde 1991 que se assiste a uma redução progressiva da taxa de analfabetismo, tendo esta passado para 88,83% em 1991 e para 58,58% em 2011.

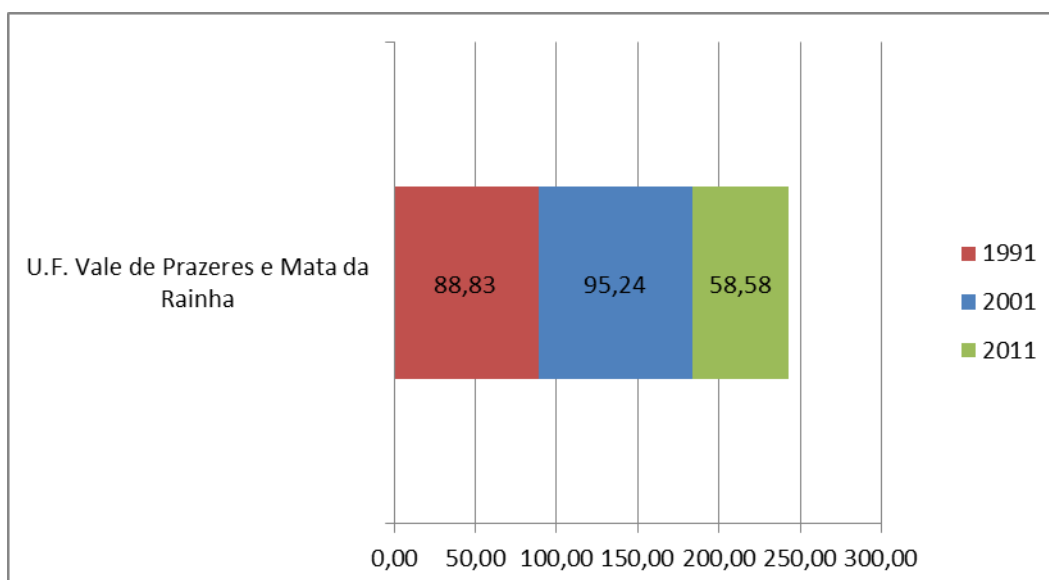


Figura 108 - Evolução da taxa de analfabetismo na U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha entre 1991 e 2011

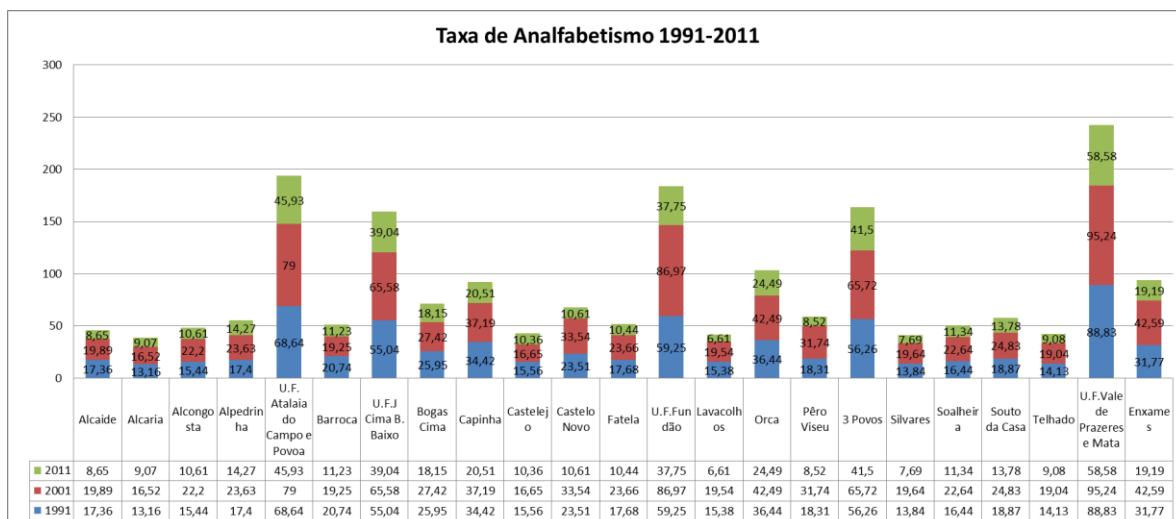


Figura 109 - Evolução da taxa de analfabetismo no Concelho entre 1991 e 2011

O sistema de ensino do concelho do Fundão é constituído por 3 agrupamentos de escolas: Serra da Gardunha, Terras do Xisto e João Franco. O agrupamento Serra da Gardunha é constituído pelas seguintes escolas: Alcaide, Alcongosta, Aldeia de Joanes, Aldeia Nova do Cabo, Alpedrinha, Atalaia do Campo, Castelejo, Donas, Fundão – Senhora da Conceição, Fundão – Tílias, Orca, Póvoa de Atalaia, Quintas de Monte Leal, Soalheira, Souto da Casa, Telhado e Vale Prazeres. O agrupamento Terras do Xisto é constituído por: Barroca, Janeiro de Cima e Silvares. O agrupamento João Franco é constituído por: Alcaria, Capinha, Enxames, Fatela, Pêro Viseu, Fundão – João Franco, Pêro Viseu, Salgueiro, Fundão – Santa Teresinha e Valverde. O concelho do Fundão possui ainda uma Escola Profissional.

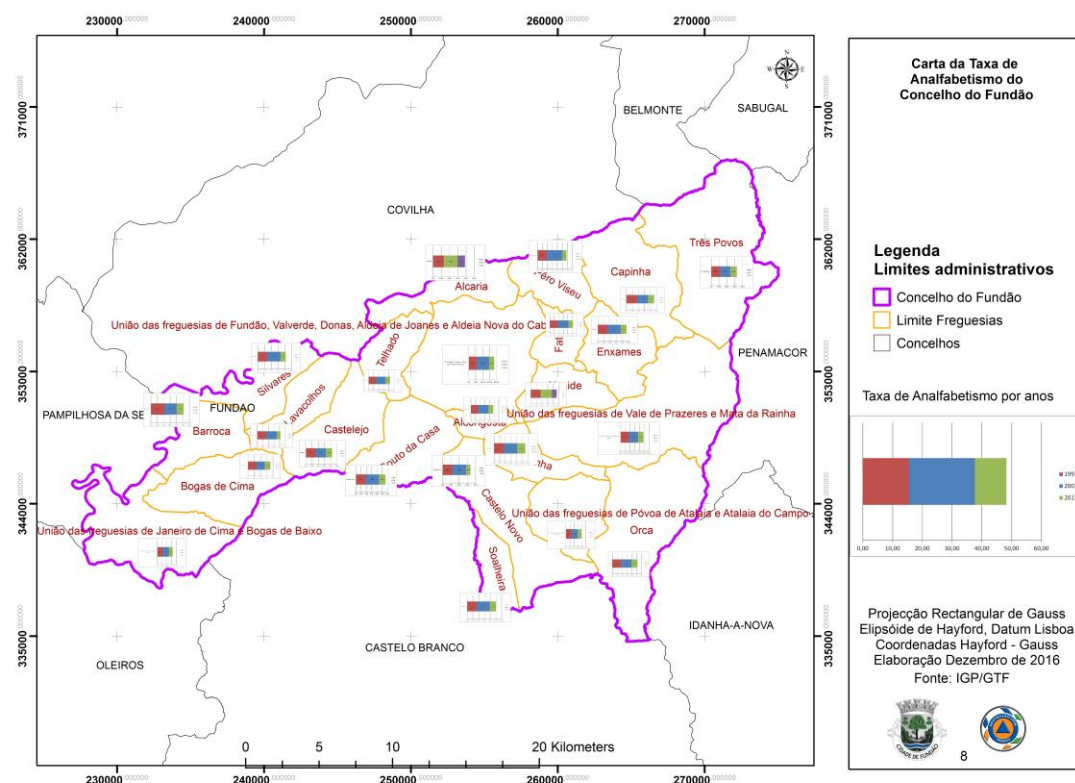


Figura 110 – Carta da taxa de Alfabetismo do Concelho do Fundão

4. Romarias e Festas

São as festas e romarias populares que constituem o principal factor de risco. Dessas listam-se as que ocorrem no período estival e na proximidade de espaços florestais:

Localidade	Festa	Data
Alcaide	Festa S.Macário	3º Domingo a seguir à Páscoa
	Festas de Verão da Liga dos Amigos do Alcaide	Mês de Agosto (marcado na altura)
Alcaria	Festa da N.Srª das Necessidades	1º Fim-de-Semana de Setembro
Anexa: Pesinho	Festa da N.Srª do Bom Parto	1º Domingo de Agosto
Alcongosta	Festa da N.Srª da Anunciação	2º Domingo de Setembro
	Festa do Espírito Santo	3º Domingo de Janeiro
	Festa de Santa Bárbara	2º Domingo de Junho
Aldeia De Joanes	Festa da N.Srª do Amparo	15 de Agosto
	Festa do Mártir S.Sebastião	1ª Semana de Junho
Aldeia Nova Do Cabo	Festa da N.Srª ao Pé da Cruz	1º Domingo de Maio

Alpedrinha	Festa de S.Sebastião	Domingo mais próximo do dia 20 de Janeiro
	Paixão de Cristo - ao Vivo	Domingo de Ramos
	Trévas-Concerto com Soprano(a) acompanhado com o órgão de tubos e do Coro de Alpedrinha	Quarta-Feira Santa
	Festa do Espírito Santo	40 dias a seguir à Páscoa
	Dia da Cultura	Em Junho 1 dia todas as semanas
	Festa de Stº António	Domingo mais próximo do dia 13 de Junho
	Encontro de Acordionistas	Em Julho
	Encontro de Folclore	1º Sábado de Agosto
	Festa do Anjo da Guarda	3º Domingo de Agosto
	Feira dos Chocalhos	3º Fim-de-Semana de Setembro
	Festival de Teatro	4/5 Fins-de-Semana entre Outubro/Novembro
	Encontro de Poetas	Novembro
	Exposição de Presépios	Natal
Anexa: Monte Da Touca	Festa da Aleluia	Segunda-Feira a seguir à Páscoa
Atalaia Do Campo	Festas de Verão - Stº António	2º Domingo de Agosto
Bogas De Baixo	Festa N.Srª das Dores	2º Domingo de Agosto
	Festa de S.Pedro	Domingo a seguir ao dia de S.Pedro
Anexa: Ladeira	Festa da Srª do Carmo	2º Domingo de Agosto
Bogas De Cima	Festa de S.Sebastião	1º Domingo de Agosto
Anexa: Malhada Velha E Boxinos		Último Domingo de Julho
Anexa: Bogas Do Meio		3º Fim-de-Semana de Agosto
Anexa: Descoberto		15 de Agosto
Barroca	Festa da Srª da Rocha	Domingo mais próximo ao dia 15 de Agosto
Anexa: Alqueidão	Festa de S.Lourenço e Srª da Nazaré	1º Domingo de Agosto

Anexa: S.Martinho	Festa de S.Martinho	Domingo mais próximo do 11 de Novembro
Capinha	Marcadas de um dia para o outro	Indefinida
Castelejo	Festa do Espírito Santo	7 Domingos depois da Páscoa
	Festa da N.Srª da Silva	15 de Agosto
	Festa de Stª Luzia	15 de Setembro
Castelo Novo	Festa de S.Brás	1º Domingo de Fevereiro
	Festa de N.Srª da Serra	Segunda-Feira a seguir à Páscoa
	Festa do Srº da Misericórdia	1º Fim-de-Semana de Setembro

Donas	Festa da Sr ^a do Souto	Segunda-Feira a seguir à Páscoa
	Festa do Espírito Santo	Domingo de Pentecostes
	Festa de St ^a Ana e S.Joaquim	1º Domingo de Setembro
Enxames	Festa da N.Sr ^a do Fastio	Domingo de Pascoela
	Festa da N.Sr ^a do Bom Parto	Segunda-Feira a seguir à Páscoa
	Festa de St ^o António	Domingo Gordo
	Festa do Santíssimo Sacramento	1º Fim-de-Semana de Agosto
	Festival de Folclore - Liga Amigos dos Enxames	Último Fim-de-Semana de Junho
	Festival de Folclore do Rancho da Alegria	Segundo fim-de-semana de Julho
Escarigo	Festa do Mártir S.Sebastião	20 de Janeiro e 2º Domingo de Agosto
	Festa do Espírito Santo	28 de Janeiro
	Festa do Povo	Domingo mais próximo do dia 13 de Setembro
Fatela	Festa do Mártir S.Sebastião-Festa das Chouriças	Domingo Magro - antes do Carnaval
	Festa do Espírito Santo	7º Domingo após a Páscoa
	Festa do Anjo da Guarda	2º Domingo de Agosto
Janeiro De Cima	Festa de S.Sebastião	20 de Janeiro
	Festa da N.Sr ^a da Saúde	Início de Maio
	Festa do Divino Espírito Santo	Dia de Pentecostes - Junho
	Festa N.Sr ^a Assunção	15 de Agosto
	Festa N.Sr ^a do Livramento	Semana a seguir ao 15 de Agosto
Lavacolhos	Festa de St ^o Amaro	15 de Janeiro
	Festa do Espírito Santo	Sete semanas após a Páscoa
	Festa N.Sr ^a da Saúde	3º Domingo de Agosto
Mata Da Rainha	Festa do Ramo das Chouriças	Domingo antes do Carnaval
	Festa de S.José	1º Domingo a seguir ao 19 de Março
	N.Sr ^a de Fátima	Domingo a seguir ao 13 de Maio
	Festa do Coração Sagrado de Jesus	Novembro - Festa Móvel
	Festa do Corpo de Deus	Dia de Corpo de Deus
	Festa do Domingo de Ramos	Dia de Ramos
	Festa dos Imigrantes	Agosto - Festa Móvel
Orca	Festa da N.Sr ^a da Oliveira	1º Fim de Semana de Agosto
Anexa: Zebras	Festa da Sr ^a da Cabeça	15 de Agosto
Anexa: Martianas	Festa da Sr ^a da Silva	Último Fim-de-Semana de Julho
Vales Da Pêro Viseu	Festa de S.Bartolomeu	24 de Agosto
Póvoa Da Atalaia	Festa de St ^o Estevão	3º Domingo Setembro
	Festa de S.Sebastião	3º Domingo de Janeiro
Salgueiro	Festa de S.Bartolomeu	24 de Agosto

Anexa: Quintãs	Festa N.Sr ^a do Rosário	3º Fim-de-Semana de Agosto
Silvares		
Soalheira	Festa N.Sr ^a Necessidades	Domingo a seguir à Páscoa
	Festa de St ^o António	13 de Junho
Souto Da Casa	Festa de St ^o António	Domingo mais próximo do dia 13 de Junho
	Festa da Sr ^a da Saúde	4º Domingo de Agosto
Telhado	Festa de St ^a Luzia	Julho
	Festa de S.Bartolomeu	Domingo mais próximo do 15 de Agosto
	Festas de Folclore	Agosto
	Festa da N.Sr ^a da Rosa	1º Domingo de Setembro

Tabela 3 - Festas e Romarias do Concelho do Fundão

Apesar da existência de várias festividades populares, a utilização de fogo-de-artifício praticamente desapareceu; nova legislação, acompanhada de uma forte campanha de sensibilização, tem provocado o abandono desta prática;

Por diversos motivos, deve continuar a ser reforçada a vigilância na celebração das festas mais tradicionais. No concelho existe um histórico de coincidência entre as ocorrências e as festividades.

O aumento de aglomerado de pessoas nestas festividades implica o aumento de vigilância no espaço rural e florestal devido a possíveis acções de negligência.

No seguinte mapa apresenta-se as respectivas romarias e festas por freguesia.

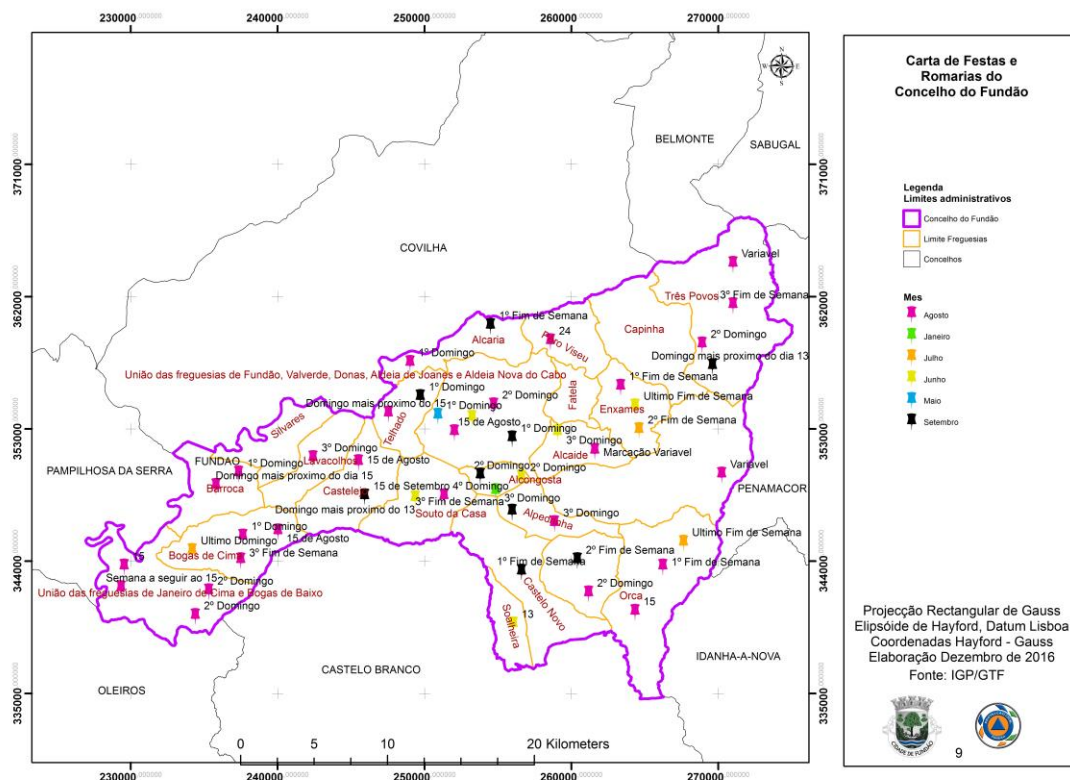


Figura 111 – Carta de Festas e Romarias do Concelho do Fundão

5.Caracterização do Uso do Solo e Zonas Especiais

Ocupação do Solo

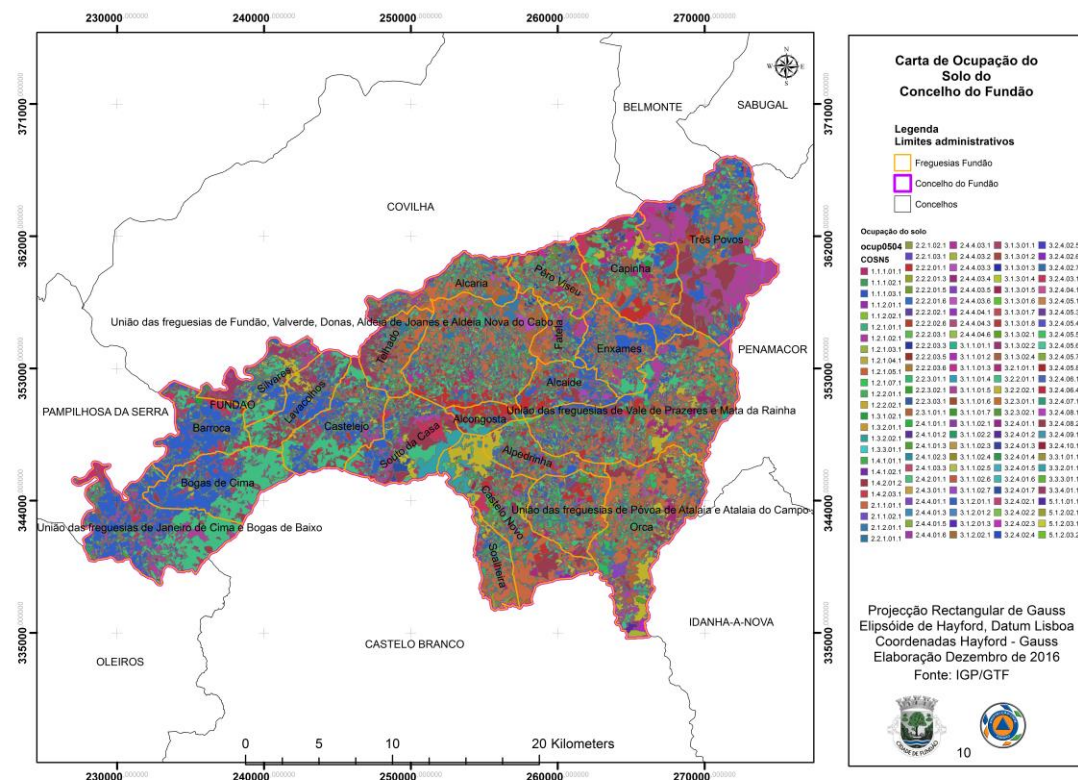


Figura 112 - Carta de Ocupação do Solo do Concelho do Fundão

5.1.Áreas (ha) por Ocupação do Solo por Freguesia

Freguesia	Agricultura	Áreas Sociais	Floresta	Improdutivos	Incultos	Superfícies Aquáticas
Alcaide	581,19	21,08	1066,79			2,47
Alcaria	1077,12	151,06	646,80	1,21	242,65	29,34
Alcongosta	249,28	21,02	372,77	87,99		
Alpedrinha	833,05	46,17	708,10	5,07	24,14	2,19
Bogas de Cima	174,01	42,47	2907,87			
Barroca	155,89	55,87	2061,83	7,71		28,59
Capinha	1266,04	37,89	2417,78	20,01	201,53	20,40
Castelejo	471,48	64,83	2355,38	49,45	10,74	

Castelo Novo	1621,41	66,75	1805,09	393,74	150,06	14,11
Enxames	919,62	19,92	1239,69		69,20	
Escarigo	303,71	14,76	572,57	0,26	21,77	2,29
Lavacolhos	120,70	15,43	1766,36	81,69	2,39	
Fatela	332,94	17,00	595,99		179,09	1,57
Orca	2666,95	30,02	2151,47	14,62	610,46	24,91
Pêro Viseu	682,22	48,94	1003,67	4,59	180,69	
Silvares	219,16	74,76	1407,11	286,98	9,58	26,99
Soalheira	746,67	64,58	299,72		76,20	55,14
Souto da Casa	423,00	39,39	2042,75	428,86	2,99	
Telhado	902,69	18,38	444,48	187,36	208,46	2,81
U.F. Fundão	3960,4	525,53	753,06	3,57	536,18	4,48
U.F. Povia Atalaia A.C	1605,34	45,22	715,02		46,97	5,96
U.F. Janeiro Cima B. Ba	278,41	50,59	4260,37	1,98		44,83
U.F. Três Povos	1707,8	45,48	4541,31	0,26	277,34	23,61
U.F. V. Prazeres, Ma	3330,65	48,45	3316,73	39,21	524,13	9,86
Totais	24325,97	1550,84	38880,14	1614,28	3352,80	296,98

Área (%)	34,8	2,2	55,5	2,3	4,8	0,4
----------	------	-----	------	-----	-----	-----

Tabela 4 - Distribuição das classes de ocupação do solo por freguesia do Concelho do Fundão

As ocupações de solo com maior expressão no território municipal são a Agricultura e a Floresta, representando, respectivamente, 34,8% e 55,5% da área do Concelho. A actividade agrícola representa uma defesa contra os incêndios, na medida em que os terrenos tratados constituem barreiras “naturais” à sua propagação. No entanto, pode dizer-se que é uma faca de dois gumes, na medida em que associado à Agricultura estão as queimadas rurais, uma das principais causas dos incêndios a nível nacional, resultado quer de negligência e irresponsabilidade, como de falta de civismo e, acima de tudo, de pouca sensibilização para o problema. Neste aspecto, as acções de sensibilização por parte das autoridades e serviços municipais assumem particular

enfoque, ainda que enfrentando, em muitos casos, desinteresse e algum “provincianismo”.

A riqueza florestal do Concelho é por demais evidente, representando, simultaneamente, um importante activo económico e social mas também um risco acrescido para pessoas e bens. Com excepção do Fundão, todas as restantes freguesias são de natureza rural, e como tal, apresentam interfaces floresta-áreas sociais, traduzindo-se numa maior vulnerabilidade aos incêndios. Para agravar a situação, ainda se verifica o incumprimento maciço das obrigações legalmente estipuladas em matéria de limpeza de terrenos e matas, sendo este um problema central na problemática dos incêndios florestais.

Como principais espécies florestais de porte arbóreo, é de salientar o pinheiro bravo, o castanheiro e o carvalho negral; como principais problemas que afectam os espaços florestais e respectivo património natural identificam-se os incêndios florestais, a proliferação de povoamentos de monocultura, a introdução de espécies exóticas e infestantes, os problemas fitossanitários e as inadequadas mobilizações e preparações do solo.

5.1.2. Povoamentos Florestais

Da análise efetuada à carta de povoamentos florestais do concelho do Fundão (mapa 12) podemos concluir que da sua mancha florestal fazem parte Pinhais, Eucaliptais, Montados de Sobro e Azinho e áreas com outras folhosas nas quais estão incluídas as espécies ripícolas (salgueiros, amieiros, freixos), sendo que a sua maior representatividade assenta em áreas com Pinheiro.

5.1.2.1.Registo da área (ha) florestal total e das áreas ocupadas por tipo de espécies/povoamentos florestais, por freguesia

	Azinheira	Carvalho	Castanheiro Bravo	Castanheiro Manso	Eucalipto	Outras Folhosas	Outras Resinosas	Pinheiro Bravo	Pinheiro Manso	Sobreiro	% por Freguesia
Alcaide		14,02	26,16	2,63		1,34	0,07	646,97		0,17	41,3
Alcaria		151,44				50		86			13,38
Alcongosta		26,74	73,08	14,15		10,61		140,59			36,27
Alpedrinha			0,17		3,43	12,63		108,75		12,44	8,48
Bogas de Cima					20,86			1565,92			50,78
Barroca					5,51	6,85		1547,89			67,54
Capinha		426,15		34,52	179,45	42,67		583,28	1,18	1,77	32,01
Castelejo		1,53		6,03		7,84		1115,57			4,3
Castelo Novo				2,6	59,38	14,36		257,27		83,03	10,28
Enxames					69,98	14,12	2,93	838,71		0,77	41,17
Lavacolhos		13,29			37,14			681,23			36,83
Fatela		75,22		12,7	82,66	6,81		220,29		34,86	38,39
Orca	184,61	54,46			311,97	15,84		156,25		177,44	16,37
Pêro Viseu		58,11		7,82		13,85		228,18		29,75	17,58
Silvares		8,31			12,09			1247,32			62,61
Soalheira					3,03	1,27		126,68		1,84	10,69
Souto da Casa		16,34		2,51		4,48		844,06			29,53
Telhado		29,04		1,63		1,4		92,37		46,67	9,69
U.F.Vale de Prazeres			1,82		321,17	18,99	12,57	1125,83		156,42	22,51
U.F.Fundão		424,7	69,17	9,84		42,18		101,48		57,99	12,16
U.F. Povoação A.		14,81			21,38			144,27			7,46
U.F. Janeiro C				78,07	27,49			2630,51			59
Três Pov	6,98	70,3		7,64	2498,12	30,91		924,89		1,55	53,67
Totais	191,59	1384,44	170,4	102,07	3704,64	323,62	15,57	15414,97	1,18	604,69	
Área (%)	0,87	6,32	0,78	0,47	16,91	1,48	0,07	70,35	0,01	2,76	

Tabela 5 – Distribuição dos povoamentos florestais por freguesia do Concelho do Fundão

Área total – 22.235,63 hectares

O Concelho do Fundão é extremamente rico do ponto de vista dos valores florestais que apresenta, para além dos valores humanos, ambientais e paisagistas que possui, os quais se interrelacionam.

A espécie mais representativa é o pinheiro bravo, ocupando cerca de 70% da área florestal total do concelho, pelo que existe um grande risco de propagação das chamas e grande perda de solo, posteriormente à passagem do fogo. Apesar de podermos considerar esta mancha florestal de pinheiro bravo como um importantíssimo activo económico do Concelho, terá obrigatoriamente de se reduzir progressivamente quer a área total quer a sua continuidade espacial, aliás conforme estipulado no Plano Nacional de Defesa da Floresta Contra Incêndio (DL n.º 124/2006 de 28 de Junho), com vista à diminuição da incidência de incêndios e aumento da resiliência do território. Deverá também proceder-se à sua substituição por espécies folhosas, mais resistentes ao fogo. Estas directrizes também estão contempladas no Plano Regional de Ordenamento Florestal da Beira Interior Norte, de que o Concelho faz parte.

Outra situação preocupante do ponto de vista ambiental é a extensa área de eucalipto existente no concelho, sobretudo na freguesia do Salgueiro. O eucalipto tornou-se um favorito da indústria madeireira nacional, por possibilitar um lucro rápido e contínuo, dado o seu rápido crescimento e regeneração. Apesar de ser uma folhosa, é uma das espécies arbóreas de maior combustibilidade, potenciando incêndios de enormes dimensões, também por culpa da condução cultural dos povoamentos.

Existem áreas significativas de folhosas e de povoamentos mistos que constituem uma barreira à rápida propagação das chamas, que no entanto deverão ser aumentadas, criando-se faixas de folhosas em redor das manchas contínuas de resinosas, sobretudo orientadas à produção, reduzindo-se consideravelmente o risco de incêndio e mitigando-se a sua propagação.

5.3. Áreas Protegidas, Rede Natura 2000 (ZPE+ZEC) e Regime Florestal

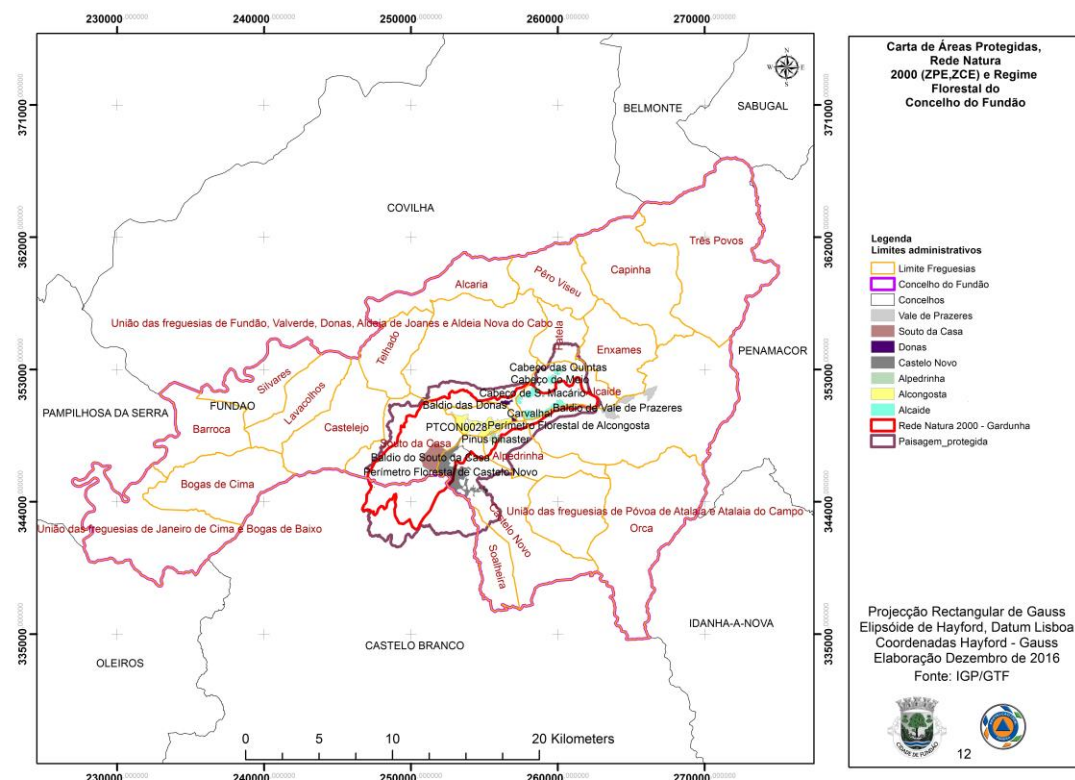


Figura 113 - Rede Natura 2000 – Gardunha e Regimes Florestais

A Rede Natura 2000¹, segundo o “Manual de Interpretação dos Habitats da União Europeia”, é um instrumento legislativo comunitário que define um quadro comum para a conservação da flora e da fauna silvestre e dos habitats² de interesse comunitário. Essa mesma Directiva prevê o estabelecimento de uma rede de zonas especiais de conservação, chamada Natura 2000, destinada à manutenção ou ao restabelecimento,

¹ Este é um programa comunitário que visa criar um conjunto de áreas representativas da biodiversidade dos países membros. A Rede Natura 2000 divide-se em duas Directivas: a Directiva Aves (79/409/CEE) e a Directiva Habitats (92/43/CEE). A primeira contempla zonas de interesse para a preservação da avifauna – ZPE (Zonas de Protecção Especial). Já a segunda, estabelece uma listagem dos habitats, comportando flora e fauna a conservar, classificando ainda dentro deste âmbito espécies prioritárias, e estabelecendo normas de conservação e medidas de gestão – ZEC (Zonas Especiais de Conservação).

² Apesar de complexo, o conceito “Habitat” pode definir-se com base na legislação portuguesa, do Decreto-Lei n.º 140/99 de 24 de Abril. O habitat de uma espécie é, portanto, “o meio definido pelos factores mesológicos (abióticos e bióticos) próprios onde essa espécie ocorre em qualquer das fases do seu ciclo biológico” (art.º 3.º, alínea a). Ainda se definem habitats naturais como sendo “zonas terrestres ou aquáticas naturais ou semi-naturais que se distinguem pōe características geográficas abióticas e bióticas” (art.º 3.º, alínea c).

num estado de conservação favorável, dos habitats naturais e/ou das populações das espécies de interesse comunitário.

A Serra da Gardunha possui diferentes tipos de habitats naturais de interesse comunitário, constantes no anexo BI do decreto-lei n.º140/99 de 24 de Abril (Directiva Habitats: 92/43/CEE, anexo I), cuja conservação é importante, exigindo a criação de zonas especiais de conservação (ZEC); Deste modo, apresenta-se a listagem dos principais habitats encontrados no concelho:

5.3.1.Habitats Naturais e Semi-naturais

Código	Habitat
4030	Charnechas secas europeias
4090	Charnechas oromediterrânicas endémicas com giestas espinhosas
6310	Montados de Quercus spp.de folha perene
91B0	Freixiais termófilos de Fraxinus angustifolia
91E0*	Florestas aluviais de Alnus glutinosa e Fraxinus excelsior (Alno-Padion, Alnion incanae, Salicion albae)
9230	Carvalhais galaico-portugueses de Quercus suber e Quercus pyrenaica
9260	Florestas de Castanea sativa
9330	Florestas de Quercus suber

Tabela 12 - Habitats naturais e semi-naturais

*: habitats prioritários

Estas áreas classificadas, ao abrigo de programas específicos de ordenamento do território, contribuem decisivamente para a manutenção da biodiversidade que integram, assumindo papel de relevo na Defesa da Floresta contra Incêndios quando se cumprem todas as directivas de protecção.

No que diz respeito ao regime florestal, existem no concelho do Fundão baldios que se situam na Serra da Gardunha, sendo eles o Perímetro Florestal de Alcongosta e o

Perímetro Florestal de Castelo Novo de Castelo Novo sob a gestão do ICNF em parceria com a Freguesia. Os baldios de Donas, Vale de Prazeres, Alcaide e Souto da Casa são geridos pela assembleia de compartes de cada um.

Estes baldios têm na sua gestão a preocupação de preservação da floresta pública e conservação dos ecossistemas associados.

5.4. Instrumentos de Planeamento Florestal

Os PGF são regulados por legislação própria cujo objectivo é estabelecer instrumentos que permitam regular, no tempo e no espaço, as intervenções de exploração que visam a produção sustentada, dos bens ou serviços originados em espaços florestais, determinada por condições de natureza económica, social e ecológica. Os PGF são instrumentos de ordenamento florestal destinados a explorações florestais, em que um correcto planeamento da gestão florestal no espaço rural é um factor chave para o sucesso e a viabilidade financeira do investimento. A sua elaboração pressupõe uma análise da situação actual, definição de objectivos, análise de alternativas de gestão e conjecturação de um plano de acção, nomeadamente no que diz respeito à defesa da floresta contra incêndios.

Existe a necessidade de se incluírem, no plano de defesa da floresta, os projectos florestais afectos a particulares ou a organismos públicos, para se conhecer a vulnerabilidade que esses espaços possam conter e de modo a que se definam os responsáveis pelas intervenções previstas nos planos de gestão dos mesmos.

No concelho, as áreas correspondentes às Associações de Compartes, sob regime florestal parcial, possuem planos de gestão que deverão ser cumpridos e/ou actualizados.

As zonas de intervenção florestal também são um factor importante na compartimentação e desenvolvimento florestal do concelho, as Zif de Lavacolhos, Enxames e U.F. Vale de Prazeres e Mata da Rainha englobam áreas de elevado risco de incêndio florestal. As medidas de gestão têm como função desenvolver o espaço florestal e diminuir o risco de incêndio florestal.

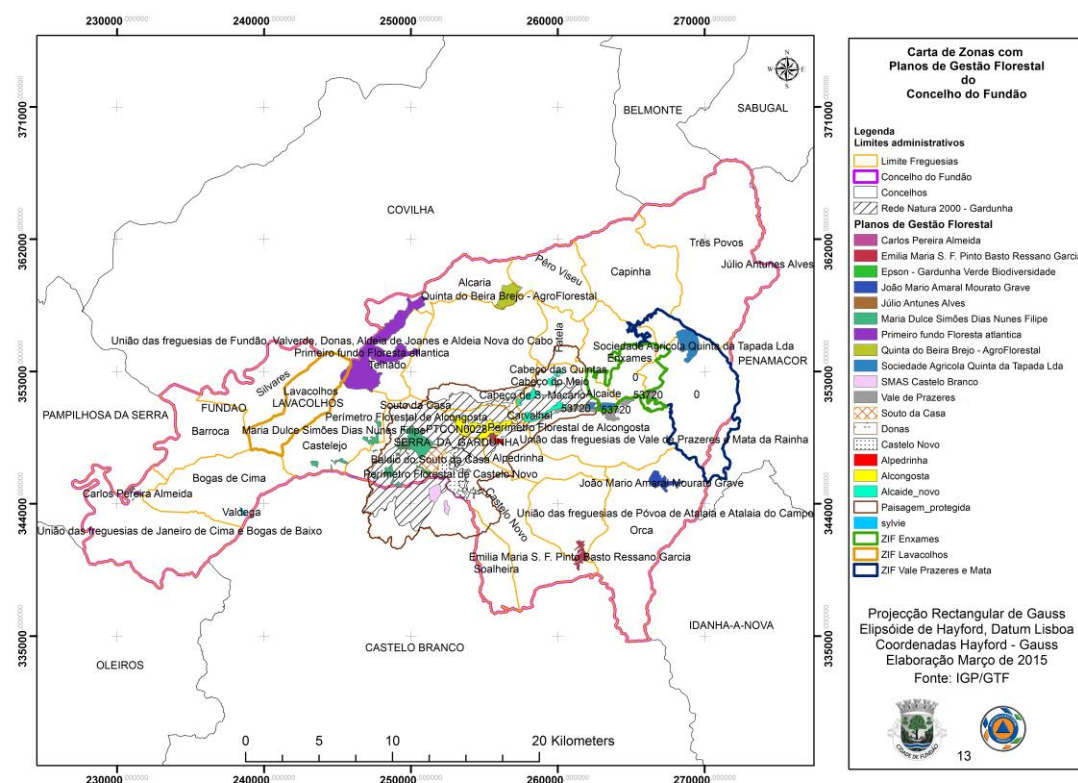


Figura 114 – Planos de gestão Florestal

5.5.Equipamentos Florestais de Recreio, Zonas de Caça e Pesca

5.5.1.Recreio

O turismo florestal está bem representado ao nível cinegético e da pesca, uma vez que a maior parte deste se encontra sob regime ordenado de caça e pesca.

O valor dos espaços florestais para o recreio e lazer tem a ver directamente com a qualidade paisagística que oferecem, com a sua acessibilidade e com a capacidade de acolhimento que proporcionam. A sua gestão deverá ser conduzida no sentido de minimizar impactes visuais negativos, criar diversidade e valor estético e providenciar acessos e infra-estruturas de acolhimento.

No concelho verifica-se que alguns espaços florestais são actualmente procurados como áreas de lazer e já fornecem enquadramento a actividades recreativas, pelo que a sua gestão deverá ser orientada no sentido de manter ou melhorar os aspectos paisagísticos e naturais que os caracterizam.

5.5.2.Caça

Os recursos cinegéticos são o suporte da actividade da caça, importante factor de desenvolvimento rural de uma região, dadas as sinergias que geram nas economias locais.

A criação e adequada gestão de uma ZCA põem cobro à actividade cinegética exercida de um modo desordenado e excessivo, conduzindo à debilitação das populações selvagens de espécies cinegéticas e à degradação do património natural. A Zona de Caça Associativa constitui, pois, uma mais-valia para o concelho, permitindo conciliar as expectativas dos caçadores locais com a sua capacidade de intervenção, nomeadamente através da aplicação de algumas medidas de recuperação e gestão de recursos naturais renováveis, manejo do habitat e manutenção de uma actividade cinegética sustentável. As zonas de caça municipais (ZCM) assumem-se, actualmente, como um instrumento muito importante no ordenamento de todo o território cinegético porque proporcionam um exercício organizado da caça a um grande número de caçadores em condições especialmente acessíveis.

5.5.3.Pesca

Os recursos aquícolas constituem um valioso recurso natural renovável, do ponto de vista económico, ambiental, social e cultural. A pesca em águas interiores, enquanto actividade exploradora destes recursos, é capaz de proporcionar benefícios directos (consumo e venda de peixe capturado) e indirectos (oferta de recreio e lazer, desenvolvimento turístico, exploração económica em concessão ou reservas de pesca com a geração de receitas e criação de postos de trabalho). O correcto ordenamento dos recursos aquícolas é por isso de grande importância, podendo a pesca constituir um elemento significativo no âmbito do uso múltiplo dos espaços florestais, especialmente devido ao facto do concelho do Fundão ser percorrido pelo Rio Zêzere e por a Ribeira da Meimoa.

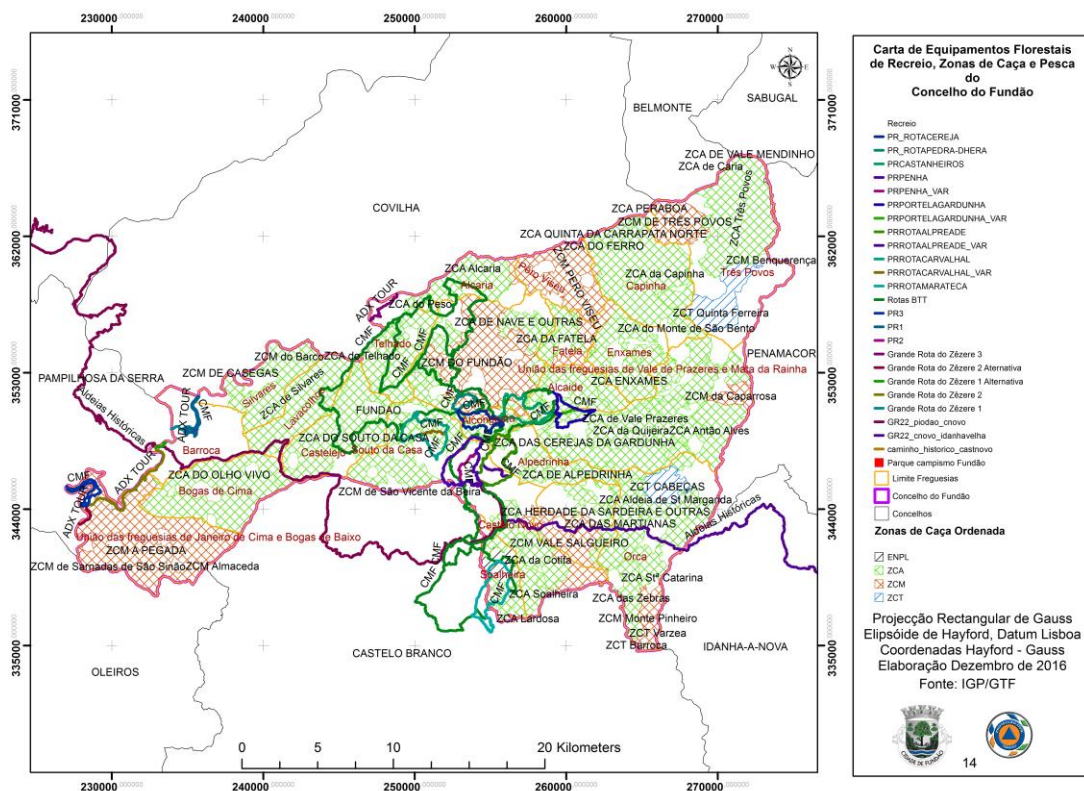


Figura 115 – Equipamentos Florestais, Recreio, Zonas de Caça e Pesca

Com a tendência de migrações para meios urbanos os meios rurais tendem a ficar com a população mais idosa, população esta que por vezes perde a capacidade de agir activamente no que concerne à própria defesa da floresta contra incêndios.

As actividades inerentes ao recreio e lazer florestal irão promover uma “vigilância activa” pelo que teremos pessoas a circular em meio florestal e poderão de alguma forma dissuadir algumas práticas negligentes de cidadãos menos formados no âmbito de DFCI.

6. Análise do Histórico e Causalidade Dos Incêndios Florestais

Área ardida e número de ocorrências – Distribuição anual

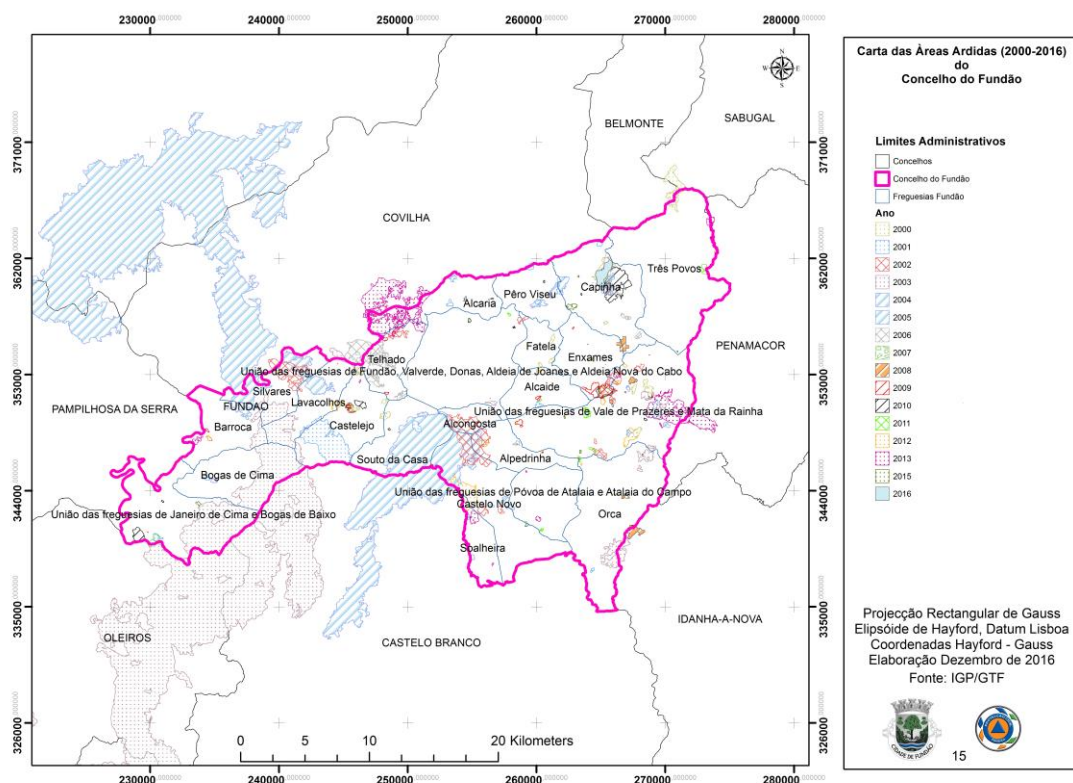


Figura 116 - Áreas ardidas no Concelho do Fundão entre 2000 e 2016

6.1. Representação das áreas ardidas, por ano, entre 2000 e 2016

Da observação do mapa que representa as áreas ardidas entre 2000 e 2016 no Concelho do Fundão pode-se constatar que os quadrantes Oeste e Sul do Concelho têm sido os mais fustigados pelos incêndios florestais, facto que estará intimamente relacionado com a presença de zonas de maior declive, menor densidade populacional, envelhecimento da população e, logicamente, maior ocupação do solo por florestas e matos. É bastante perceptível que o Leste do Concelho tem sido muito menos afectado pelos incêndios florestais, reconhecendo-se a sua grande ocupação agrícola.

As freguesias que, no período 2000 a 2016, foram mais afectadas por incêndios florestais são Souto da Casa, U.F. Janeiro de Cima e Bogas de Baixo, Bogas de Cima, Alcongoستا, Castelejo, U.F. Fundão Aldeia J. Aldeia N. Cabo Donas e Valverde e

Lavacolhos. Os anos em que se registaram maiores áreas ardidas e, portanto, em que o problema dos incêndios florestais assumiu particular severidade, foram 2003 e 2005. É importante ressaltar que também a nível nacional estes dois anos se revelaram absolutamente catastróficos. Também a Serra da Gardunha, pertencente à Rede Natura 2000, tem sido bastante fustigada por incêndios florestais no período considerado.

Denota-se uma tendência para ocorrências cíclicas, tanto ao nível do número de incêndios como da área ardida, fenómeno que deve ser entendido como natural e previsível. Existe uma correlação forte entre os anos com temperaturas máximas e médias mais elevadas, com verões secos e o valor de área ardida.

Os anos de 2003, 2005 foram os mais relevantes com área ardida e nº de ocorrências muito acima da média dos últimos 10 anos.

6.1.2. Apresentação dos valores anuais de área ardida e do número de ocorrências no período 2000-2016

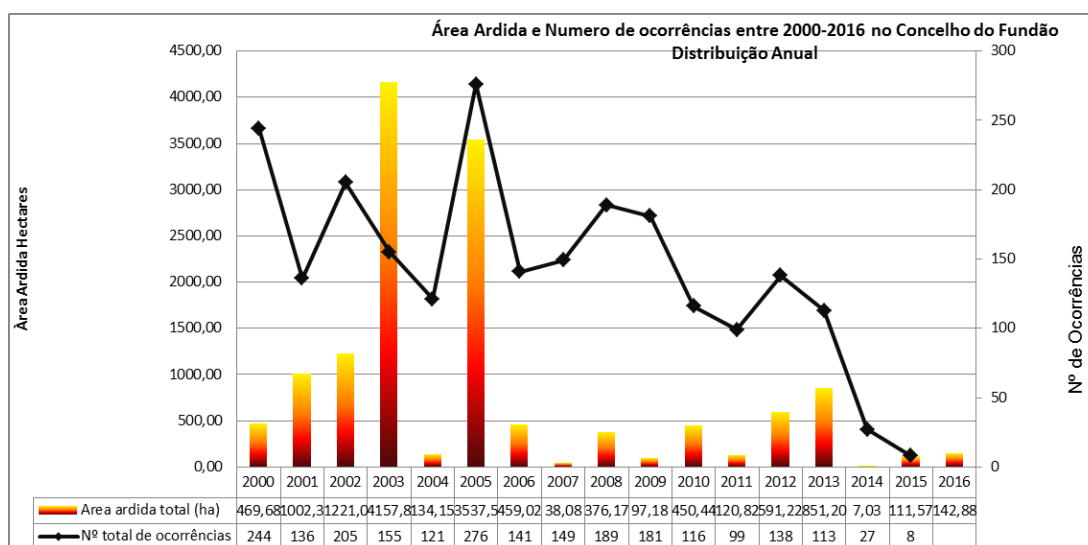


Figura 117 - Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão entre 2000 e 2016 – Distribuição anual

Nos últimos 17 anos os anos de 2003 e 2005 representaram uma verdadeira catástrofe ao nível dos incêndios florestais, tanto a nível nacional como no próprio concelho do Fundão. Em 2003 arderam, no concelho, perto de 4158 hectares de área florestal e em 2005 cerca de 3538 hectares. Somando os dois valores, obtém-se um valor de área ardida igual a 7696 ha, o que corresponde a mais de metade do valor total para o período 2000-2015. Nestes dois anos os Verões foram particularmente secos,



com vários dias em que as temperaturas máximas chegaram perto dos 40 ° C. As vagas de calor e os Invernos com pouca pluviosidade originaram situações de seca meteorológica a que se juntou a seca hidrológica, com consequências especialmente graves ao nível do combate aos incêndios florestais. A falta de água provocou um problema adicional às corporações de Bombeiros, que para além de terem de combater as chamas, desdobraram-se no abastecimento das populações. Ficam ainda na memória as várias mortes de bombeiros em serviço e os elevadíssimos prejuízos materiais.

A área ardida total para o período 2000-2016 cifrou-se nos 13911,09 ha de floresta, registando-se 2341 ocorrências. Depois de 2005 tem-se vindo a registar um número comparativamente baixo de área ardida no concelho, o que se ficará a dever principalmente ao reforço dos meios operacionais e à melhoria de todo o sistema nacional de combate aos incêndios, sobretudo no que concerne à coordenação de meios e pessoal.

Os anos com maior área ardida correspondem aos anos em que houve grande número de ocorrências. No entanto o ano de 2003 teve mais área ardida e menos ocorrências que o ano de 2005, sendo este ano o ano que obteve o maior número de ocorrências.

6.1.3. Apresentação dos valores anuais de área ardida e do número de ocorrências em 2016 e respectivos valores médios no último quinquénio, por freguesia

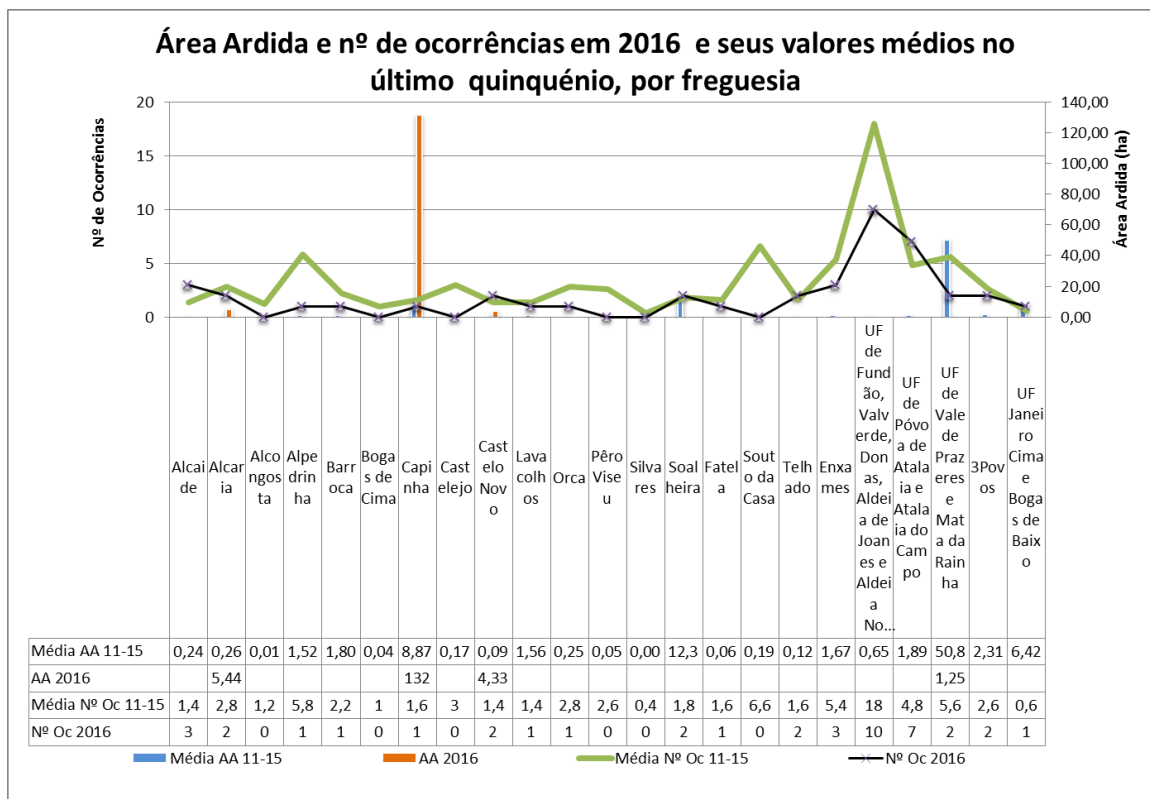


Figura 118 – Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão em 2016 e respectivas médias no último quinquénio, por freguesia

Em 2016 verificou-se a existência de 42 ocorrências na qual se verificaram 4 incêndios com área superior a 1 hectare, sendo a Freguesia da Capinha afectada por um incêndio de 132 hectares. O ano de 2016 teve um total de área ardida de 142 hectares.

Verifica-se que as freguesias mais atingidas pelos incêndios florestais em 2016 foram a união de freguesias de Fundão com 10 ocorrências e união de freguesias de Póvoa de Atalaia e Atalaia do Campo. O Numero de ocorrências tem vindo a baixar progressivamente ao longo do último quinquénio, não só pelas condições atmosféricas mais favoráveis, mas também pelo facto do Município ter apostado na última década em acções de silvicultura preventiva, sensibilização e fiscalização em espaço florestal.

Em 2016 a freguesia mais afectada foi Capinha com 130 hectares ardidos.

6.1.4. Apresentação dos valores de área ardida em 2016 e média do último quinquénio, por hectares de espaços florestais e por freguesia em cada 100 hectares.

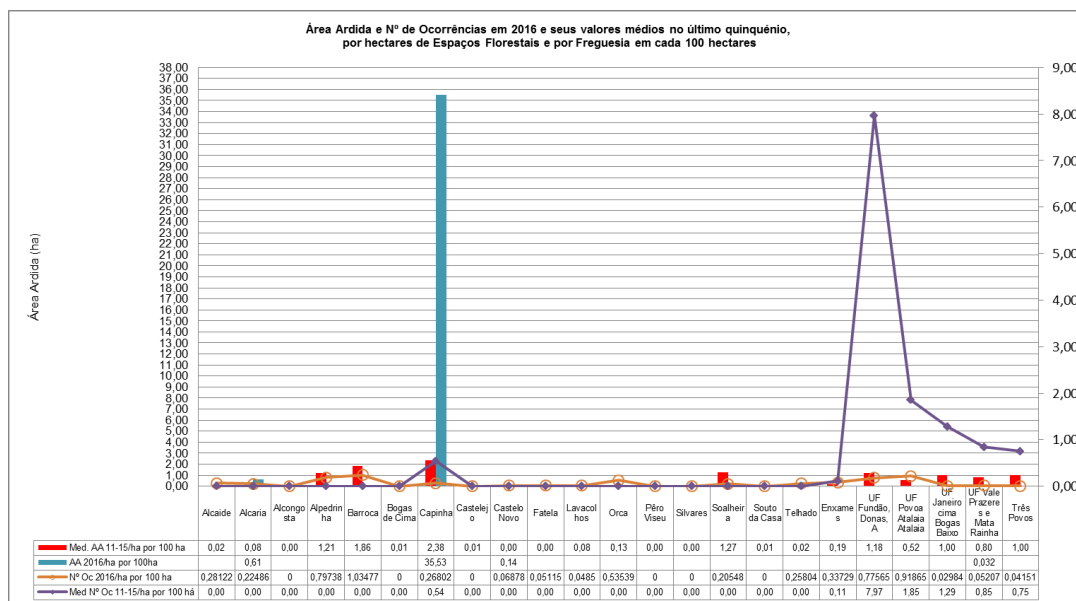


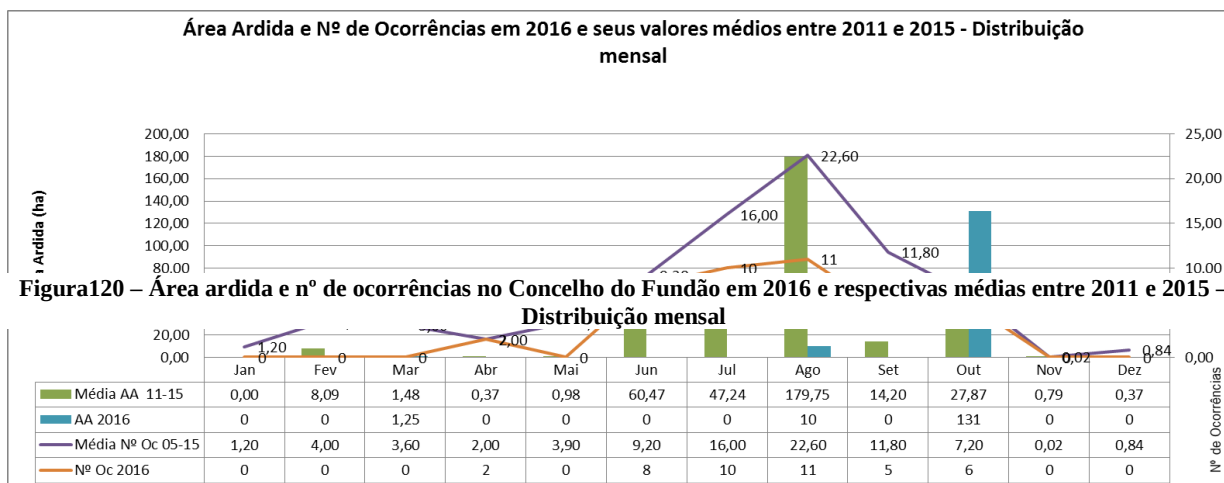
Figura 119 – Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão por hectares de espaços florestais e por freguesia em cada 100 hectares em 2016 e média do último quinquénio

No ano de 2016 a área ardida por hectares de espaços florestais por freguesia em cada 100 hectares, destaca-se a freguesia da Capinha, que este ano foi a única freguesia afectada por um incêndio superior a 100 hectares.

No que diz respeito à média da área ardida entre 2001 e 2015 por hectares de espaços florestais por freguesia em cada 100 hectares, destacam-se as freguesias da Capinha, Barroca e Soalheira, onde embora o valor absoluto de área ardida seja relativamente reduzido, como representam freguesias de reduzida dimensão e possuem alguma área florestal, os valores destoam em relação às restantes freguesias, maiores e com mais floresta. No que diz respeito à área ardida/ha por 100 ha em 2016, observa-se que os valores são maiores na freguesia de Capinha. Ao nível do nº de ocorrências/ha em cada 100 ha de freguesia no ano de 2016, destacam-se a U.F. Fundão, U.F. de Povoa de Atalaia e Atalaia do Campo e freguesia de Barroca.

6.2.Área ardida e número de ocorrências – Distribuição mensal

6.2.1.Apresentação dos valores mensais de área ardida e do número de ocorrências em 2016 e respectivas médias para o período 2011-2016



Da observação do gráfico acima pode-se concluir que o ano de 2016 foi um ano bastante calmo no que diz respeito a incêndios florestais no concelho do Fundão, tendo ocorrido um incêndio superior a 100 hectares no mês de Outubro. Anormalmente, o mês de Agosto apenas registou 10 hectares de área ardida, quando este é por norma o mês mais problemático. No respeitante à média no período 2011-2015, verifica-se sem qualquer surpresa que os meses mais severos foram Junho, Julho e Agosto, com 60.47; 47.24 e 179.75 ha de área ardida em média, respectivamente. Surpreendentemente, o mês de Novembro destaca-se de outros, inclusive do mês de Junho, para o que contribuirá os anos de seca severa, 2003 e 2005. De um modo geral e considerando todas as variáveis, os meses de Junho e Agosto têm sido os meses com maior incidência de incêndios florestais.

A nível de ocorrências os meses da época estival Junho, Julho e Agosto são os mais críticos devido às condições climatéricas favoráveis a estas ocorrências, bem como

pela época das festividades onde o aglomerado de pessoas se faz sentir nos espaços rurais.

6.3.Área ardida e número de ocorrências – Distribuição semanal

6.3.1.Apresentação dos valores de área ardida e do número de ocorrências distribuídos pelos dias da semana em 2016 e média entre 2011 e 2015

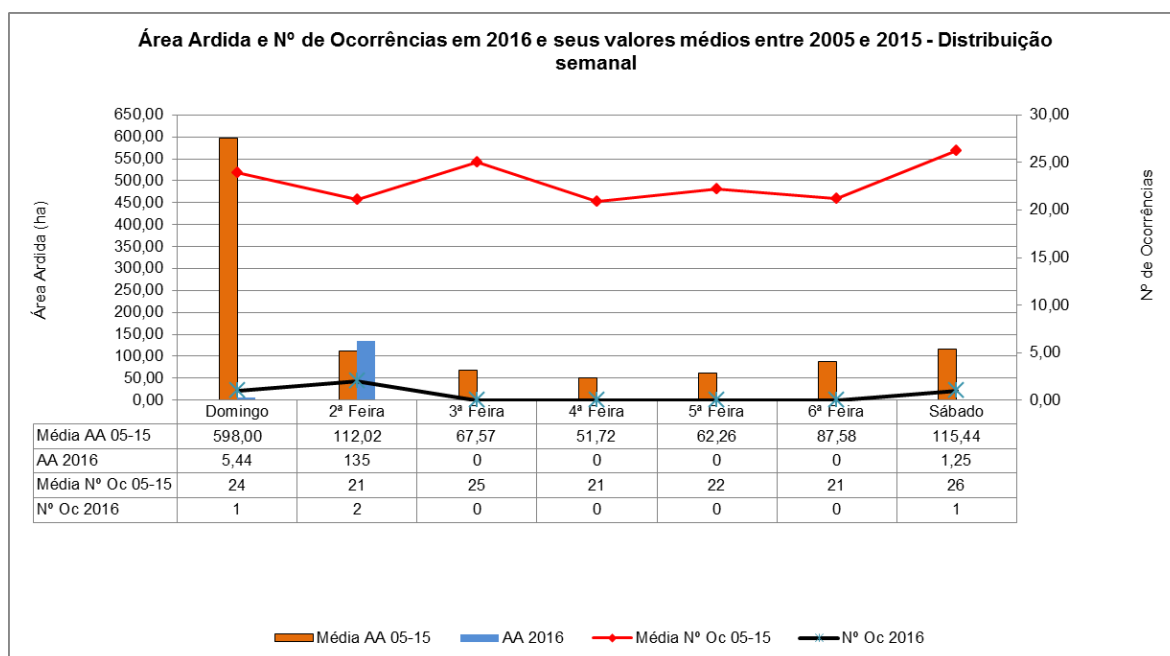


Figura 121 – Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão em 2016 e respectivas médias entre 2005 e 2015 – Distribuição semanal

Em 2016 os dias mais problemáticos foram Sábado, Domingo e Segunda-feira, dias que correspondem a fins-de-semana onde muitas vezes as actividades rurais e romarias levam a comportamentos negligentes.

Da análise do gráfico acima constata-se que a média do nº de ocorrências entre 2005 e 2015 o dia da semana mais problemático foi a Terça-feira e o Sábado. O Sábado é um dia de descanso para a maioria das pessoas, isto se pensarmos na disponibilidade para atear um fogo nos casos premeditados, mas é também um dia aproveitado pelos agricultores e pastores para a realização de queimadas, sendo esta a causa de muitos

incêndios. Para além disso, o Sábado é um dia bastante importante ao nível das festas e romarias populares, muito embora o clímax das festividades corresponda ao Domingo. Grande parte das festas populares começa, pois, ao Sábado, lançando-se foguetes e deflagrando-se engenhos pirotécnicos ao arrepio da lei, que nos últimos anos se tornou cada vez mais restritiva, e bem. Em relação à média da área ardida entre 2005 e 2015, o Domingo destaca-se claramente dos restantes dias da semana, sendo este, conforme já referido, o dia de celebração das festas populares e romarias. Ao nível do nº de ocorrências em 2015, Domingo, Sexta e Sábado assumem-se como os meses mais gravosos, pelas razões já apresentadas. A inclusão da Sexta-feira dever-se-á à transição para o fim-de-semana. Olhando para a média do nº de ocorrências entre 2005 e 2015, o Sexta-feira, a Terça-feira e o Sábado foram os dias em que se registaram valores mais elevados. Mais uma vez, a presença da Terça-feira será coincidência e poderá dever-se a um único ano em que um grande incêndio deflagrou nesse dia da semana.

6.4.Área ardida e número de ocorrências – Distribuição diária

6.4.1.Apresentação dos valores diários acumulados da área ardida e do número de ocorrências no período 2000-2016

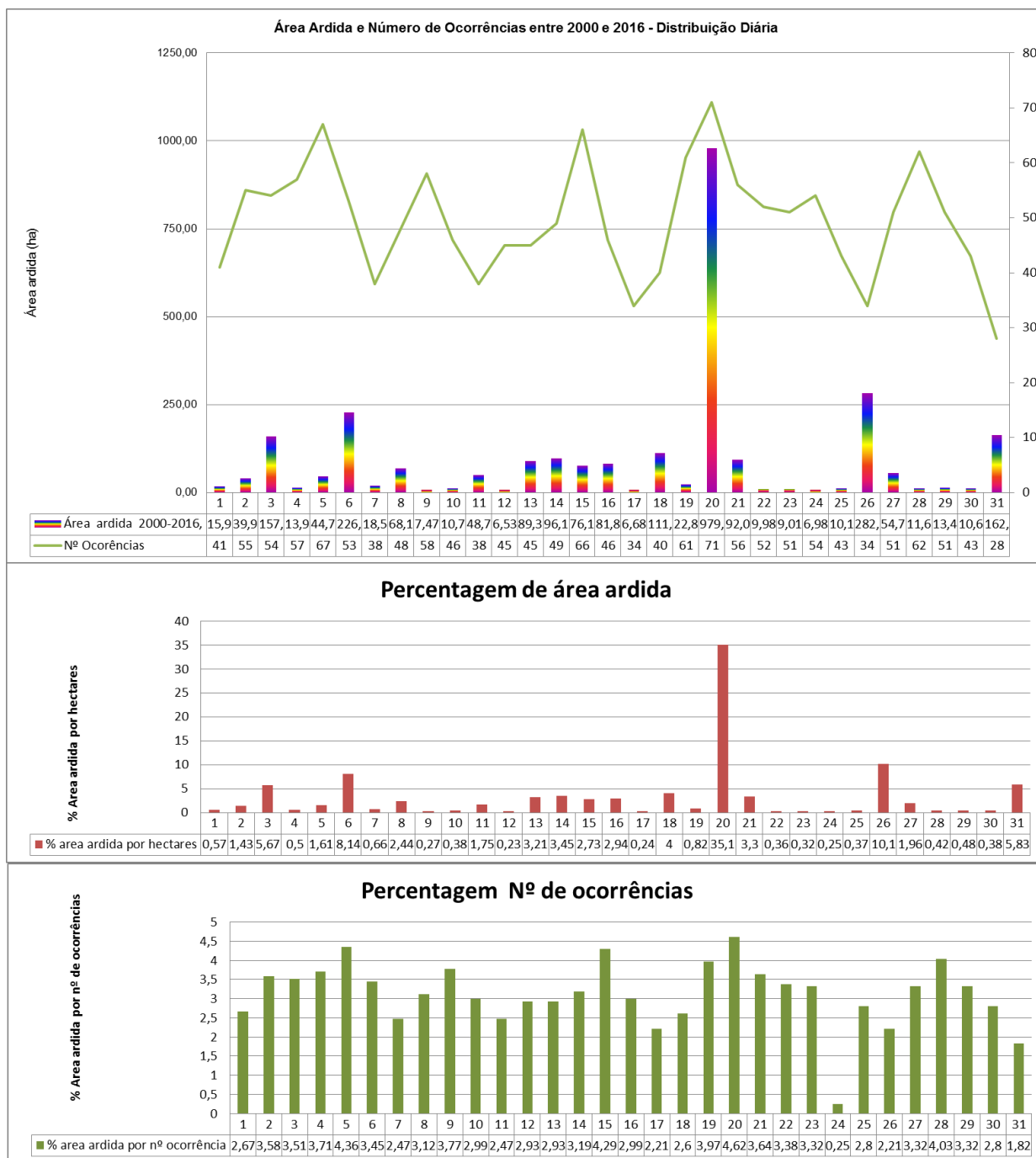


Figura 122 – Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão entre 2000 e 2016 – Distribuição diária e % área ardida por dia em hectares e nº de ocorrências

Em 2016 apenas ocorreram 4 incêndios com área superior a 1 hectare. Os dias em que ocorreram os incêndios foram 7 e 12.

Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios – Município do Fundão

Da observação do gráfico conclui-se que existem claramente dois dias do mês que se destacam dos restantes, em termos de área ardida. O dia 20 é o que maior área ardida apresenta, aproximadamente 980 ha desde 2000 até ao ano de 2016. O dia 26, com pouco mais de 282 ha é o segundo dia mais representativo em termos de área ardida. Para se ter uma ideia, só nestes dois dias do mês ardeu quase a totalidade de toda a área ardida no período considerado. Em relação ao nº de ocorrências, sobressaem os dias 6, 15, 20 e 29, representando 16% do nº total de ocorrências registadas entre 2000 e 2016. *A priori* não parece existir nenhum tipo de padrão de recorrência de incêndios.

Muitos dos incêndios florestais ocorrem pela necessidade de os pastores fazerem renovação de pastos e queimadas sem licenciamento próprio.

Algumas vezes a realização de queima de sobrantes e renovação de pastagens por parte dos pastores também não é feita com a devida precaução, fazendo com que se dê a propagação dos incêndios florestais.

Os dias de maior ocorrência correspondem também a dias de festividades no Concelho, festividades essas que podem causar actos negligentes.

Verificou-se que no dia 20 foi quando a percentagem de área ardida foi maior com 35,1% de representatividade.

Quanto à percentagem do nº de ocorrências, esta já está mais dividida em relação aos dias do mês, sendo identificados os dias 5 com 4,36%, 15 com 4,29% e 20 com 4,62%.

6.5.Área ardida e número de ocorrências – Distribuição horária

6.5.1.Apresentação dos valores da área ardida e do número de ocorrências por hora, entre 2000 e 2016

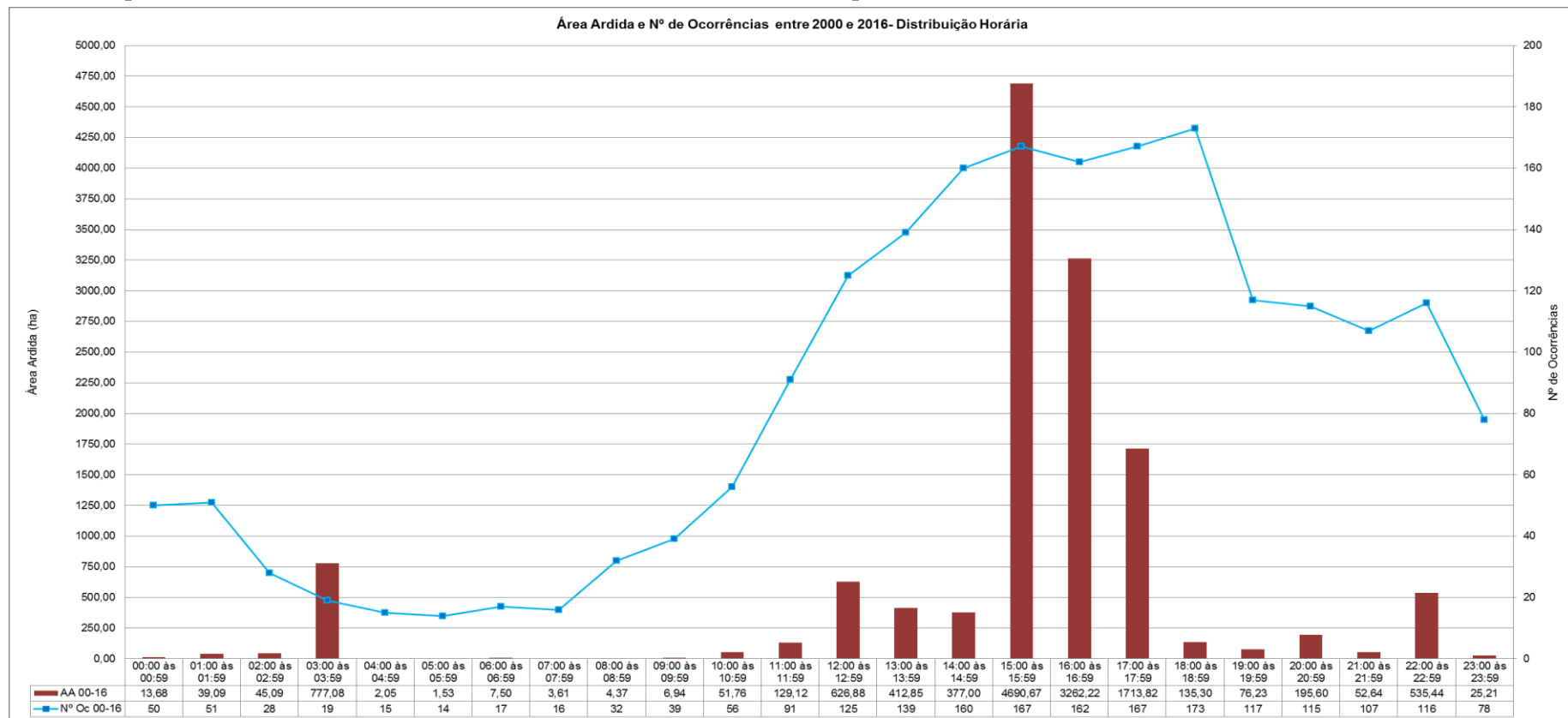


Figura 123 – Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão entre 2000 e 2016 – Distribuição horária

Analisando o gráfico relativo à distribuição diárias dos incêndios entre 2000 e 2016, podemos verificar que o período mais crítico está compreendido entre as 12h e 17h. Entre as 12h00m e as 17h00m a área ardida totaliza mais de 10.000 ha, sendo esta a hora mais fustigada pelo fogo no compêndio dos 15 anos em análise. Depois verifica-se uma diminuição progressiva na incidência de incêndios até às 18h, tanto a nível de área ardida com no nº de ocorrências. Embora as 16h estejam já fora do período crítico da radiação solar, definido entre as 12h30m e as 14h30m, esta é ainda bastante forte, potenciado quer a ocorrência de incêndios naturais (raros) como dos incêndios provocados pelo Homem, negligentes ou premeditados. As altas temperaturas associadas à elevada radiação solar própria do período estival, principalmente em Agosto, favorecem a ignição e a propagação das chamas, havendo um pré-aquecimento dos combustíveis florestais, já bastante secos. Na parte da manhã a área ardida é pouco significativa, sendo certo que mesmo no Verão até as 9h00m, as temperaturas se mantêm relativamente moderadas, para além de que o período imediatamente antes de o sol nascer é o mais frio do dia.

Relativamente ao nº de ocorrências, genericamente o período mais crítico coincide com o apresentando para as áreas ardidas, registando-se cerca de 154 ocorrências entre as 14h00m e as 14h59m, um pouco mais entre as 15h00m e as 15h59m, aproximadamente 160 entre as 16h00m e as 16h59m, 156 na hora seguinte, e cerca de 169 entre as 18h00m e as 18h59m. A partir daí verifica-se uma queda do nº de ocorrências registadas.

As horas compreendidas entre as 12:00 e 17:59 é o espaço de tempo em que a percentagem de área ardida é maior, cerca de 40% da área florestal ficou afectada no horizonte 2000-2016.

O nº de ocorrências é maior no espaço de tempo compreendido entre as 12:00 e as 18:59 e corresponde a 53,21% do total das ocorrências.

As festividades nas também podem ser indicador de algumas ocorrências, nomeadamente nocturnas pelo facto de se usar fogo de artifício, bem como algumas vezes o efeito de álcool poderá levar a comportamentos de risco menos impróprios no que concerne ao uso do fogo.

6.6.Área ardida em espaços florestais

6.6.1.Apresentação dos valores de área ardida em espaços florestais, entre 2011 e 2016

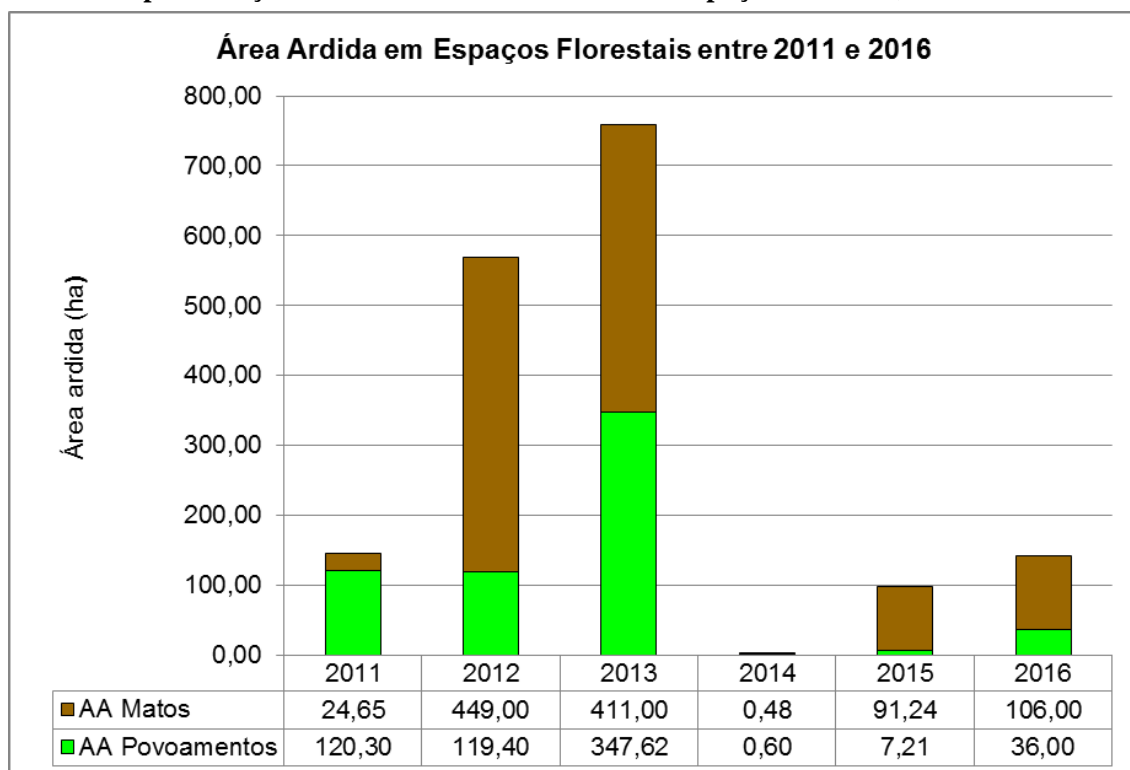


Figura 124 – Área ardida em espaços florestais no Concelho do Fundão entre 2011 e 2016

Nos 6 anos em análise a área ardida de matos foi superior à área ardida de povoamentos. Arderam cerca de 620 hectares de mato contra aproximadamente 462 hectares de povoamentos. Em 2011, a situação foi diferente, tendo ardido mais povoamentos que matos. No ano seguinte, ardeu mais mato que povoamentos, 449 e 119.40 hectares, respectivamente. Já no ano de 2013, a situação voltou a manter-se, ardendo mais área de mato que de povoamentos florestais. Em 2014, a diferença de área ardida nos dois espaços florestais foi abismal, tendo a área ardida ser praticamente nula. No último ano do período em análise, 2016, a área ardida de aumentou relativamente ao ano anterior, mas no entanto não chegou aos 100 hectares na totalidade.

O incêndio ocorrido na capinha totalizou praticamente toda a área ardida deste ano 132 hectares, sendo a área de matos correspondente a 99,6 hectares e povoamentos florestais a área de 32,18 hectares.

De seguida demonstra-se a percentagem de área ardida em espaços florestais.

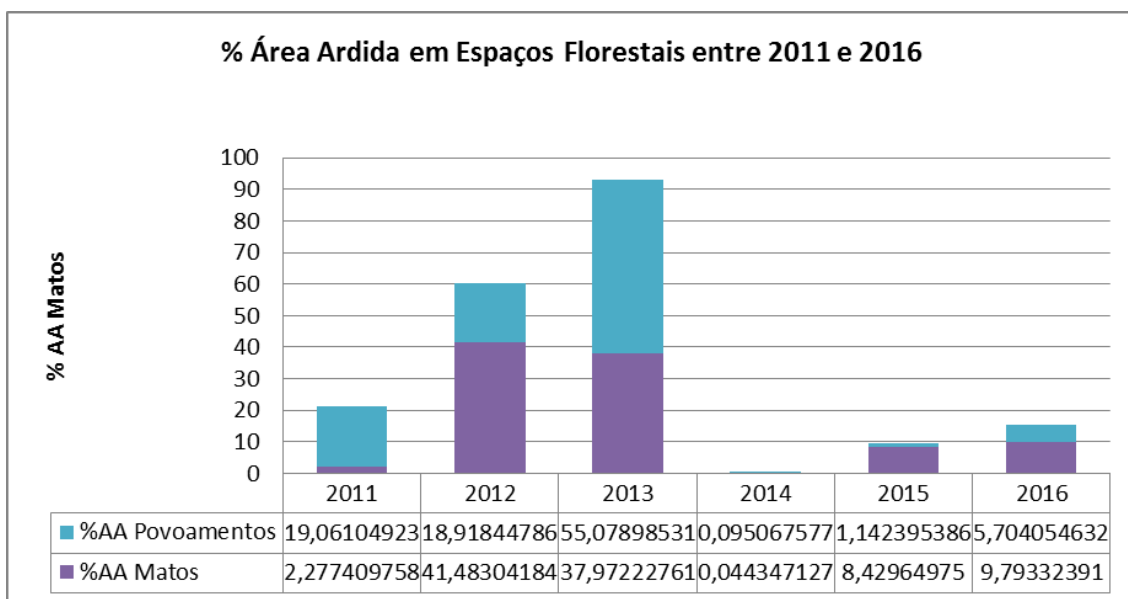


Figura 125 – % de área ardida em espaços florestais no Concelho do Fundão entre 2011 e 2016

Em 2012 e 2013 foram os anos em que ocorrerem maiores incêndios para o espaço de tempo em análise.

Verifica-se que em 2012 arderam 18,9% de povoamentos e 41% de matos, em relação ao ano de 2013 arderam 55% de povoamentos e 37,9% de matos.

O ano de 2014 foi um ano em que as classes de espaços não chegaram a 1% de área ardida.

6.7.Área ardida e nº de ocorrências por classes de extensão

6.7.1.Apresentação dos valores totais de área ardida e do nº de ocorrências por classes de extensão (0-1;> 1-10;> 10-20;> 20-50;> 50-100;> 100 ha), entre 2011 e 2016

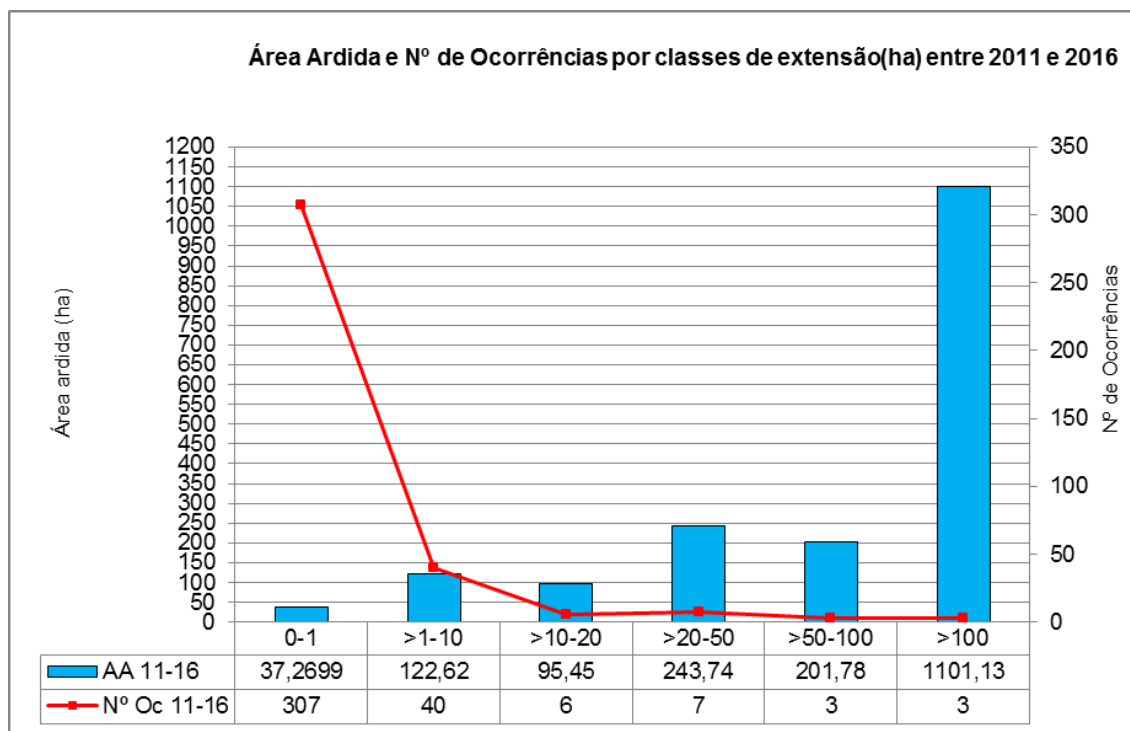


Figura 126 – Área ardida e nº de ocorrências por classes de extensão no Concelho do Fundão entre 2011 e 2016

A classe de extensão dominante em termos de área ardida é a última, que representa áreas superiores a 100 ha. Esta classe corresponde a 702 ha de área ardida em 2013 e 267 ha em 2012. Na classe 0-1 ha arderam 37,3 ha, na classe >1-10 arderam 111,6 ha, na classe >10-20, 95,45. Já na classe >20-50 a área ardida totaliza 243,74 ha enquanto que na classe >50-100 a área ardida chegou aos 201,78 ha. Em relação ao nº de ocorrências, destaca-se claramente a 1ª classe de extensão, com cerca de 307 registos. A 2ª classe apresenta 40 ocorrências, a 3ª com 6, a 4ª possui 7 registos, a 5ª com 3 ocorrências, enquanto a última classe regista duas ocorrências. Como seria de esperar a esmagadora maioria das ocorrências corresponde a pequenos incêndios, sendo que os grandes incêndios são uma minoria em termos de registos.

A classe que representa > 100 ha apresenta 61,11% de área ardida enquanto que a classe de 0-1 apresenta 83,1% do nº de ocorrências, conforme se apresenta na seguinte figura

Os pequenos incêndios provêm muito das vezes de actos negligentes na realização de queimas de sobrantes e realização de queimadas ilegais.

As actividades silvícolas também têm tido algum significado nos incêndios devido ao manuseamento negligente das ferramentas motorizadas.

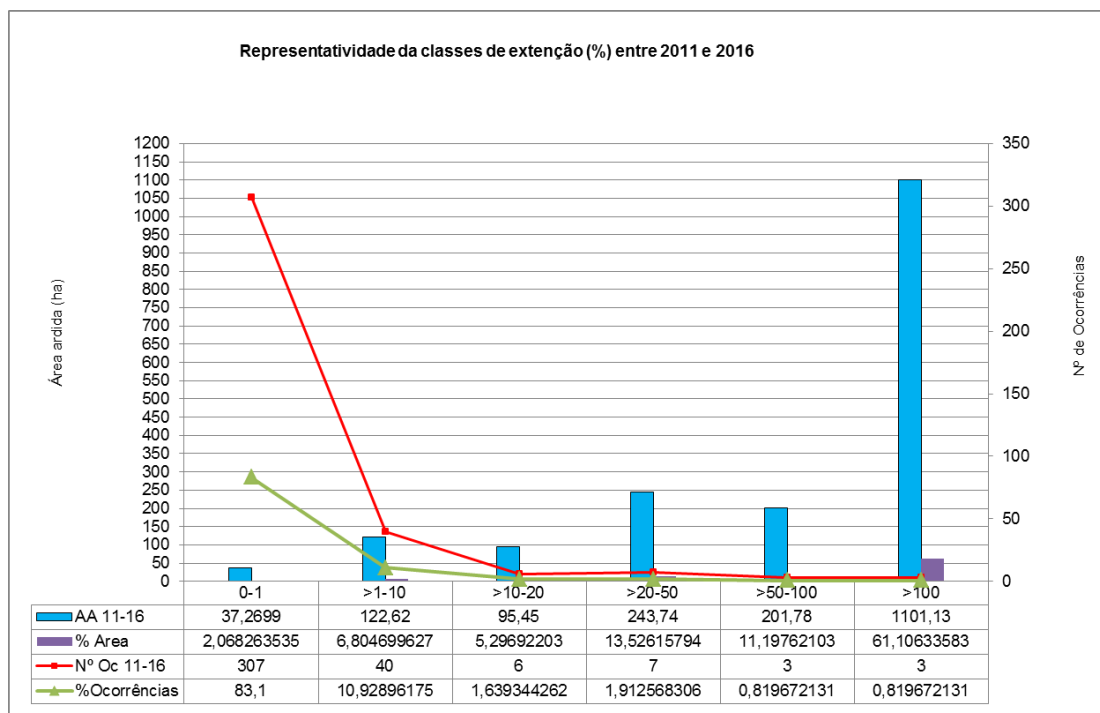


Figura 127 – Representatividade % das diferentes classes de extensão no Concelho do Fundão entre 2011 e 2016

6.8. Pontos prováveis de início e causas

6.8.1. Representação dos pontos prováveis de início dos incêndios, por ano, associados às respectivas causas, para o período 2011-2016

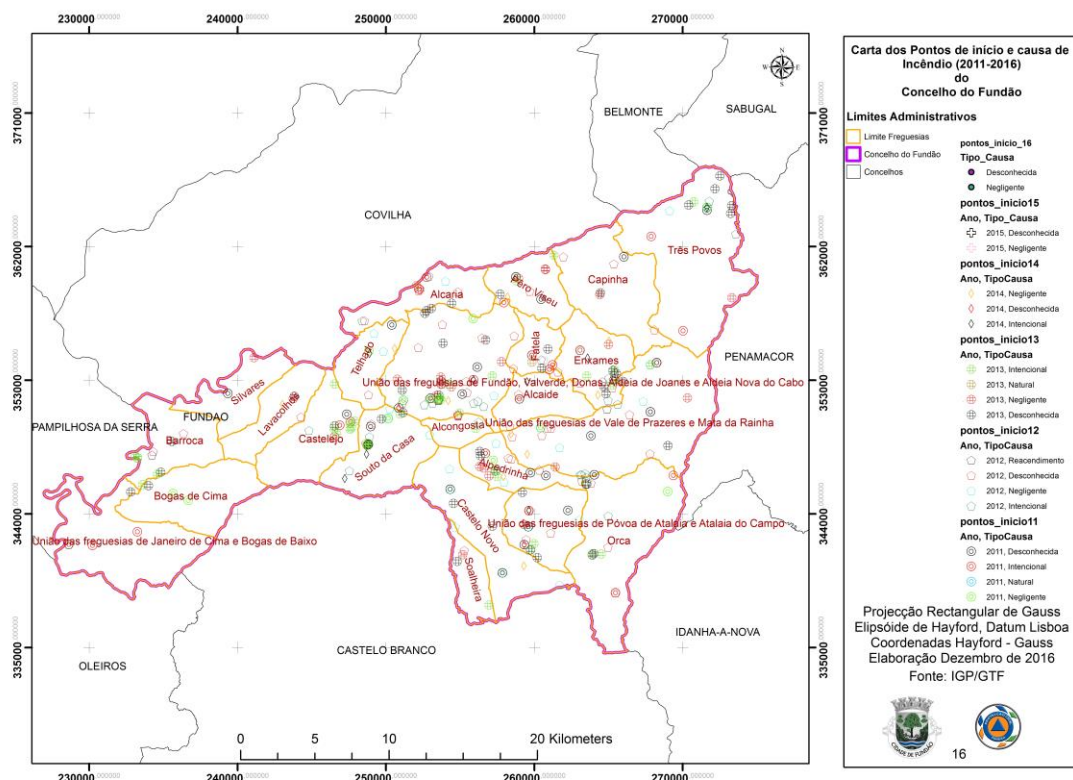


Figura 128 – Localização dos pontos prováveis de início dos incêndios e respectivas causas entre 2011 e 2016 no Concelho do Fundão

Analisando o mapa dos pontos prováveis de início dos incêndios florestais e suas causas, podemos verificar a existência de uma mancha de concentração de pontos na área central do Concelho, compreendendo a sede do Município e freguesias circundantes, e uma segunda mancha delimitada pelas U.F Vale de Prazeres e Mata da Rainha, Alcongosta, U.F Fundão Aldeia Nova do Cabo Aldeia de Joanes Donas e Valverde e Alpedrinha. Estas freguesias possuem uma forte tradição agrícola, essencialmente pequena exploração familiar e de subsistência, sendo esta uma das principais causas subjacentes aos incêndios florestais, sobretudo devido à realização de queimadas de sobrantes e para criar pasto para o gado. A freguesia do Fundão, embora sede do Município e ao mesmo tempo possuidora da única povoação marcadamente urbana do Concelho, a cidade do Fundão, tem dentro dos seus limites não área florestal, mas uma área agrícola significativa e como tal sujeita à ocorrência de pequenos

incêndios. Já a U.F de Vale de Prazeres e Mata da Rainha, para além da área geográfica considerável, sendo uma das maiores do Concelho, tem um importante perímetro florestal composto por pinheiro bravo e eucalipto, e ainda uma grande actividade agrícola, quer sejam explorações familiares como também explorações de média e grande dimensão. Como tal, está sujeita à ocorrência de incêndios com alguma frequência.

A grande maioria das ocorrências dentro do Concelho entre 2011 e 2016 foram classificadas nas categorias Desconhecida, 515 num Universo de 1133 registos oficiais. Sabe-se todavia que uma grande parte dos incêndios de causa desconhecida tiveram origem criminosa, não se conseguindo no entanto identificar o(s) autor(es). Estes incêndios de origem dolosa poderão ser divididos em várias subcausas, nomeadamente os provocados por pirómanos e indivíduos mentalmente desequilibrados, os provocados por vinganças e contendas pessoais, e ainda os provocados por interesses privados, essencialmente indústria madeireira e urbanismo.

6.8.2. Quadro com o número total de ocorrências e causas por freguesia, entre 2011 e 2016

	Período 2011-2016					
	Tipo de Causa					Nº Total de Ocorrências
	Negligente	Desconhecida	NULL (em branco)	Intencional	Natural	
Alcaide	2	2	4	2	1	11
Alcaria	3	37	10	9	1	60
Alcongosta	0	9	4	2	0	15
Alpedrinha	8	39	8	7	0	62
Barroca	1	11	5	5	0	22
Bogas de Cima	2	4	8	1	0	15
Capinha	1	43	13	0	0	57
Castelejo	0	6	5	13	0	24
Castelo Novo	7	8	15	0	0	30
Fatela	9	43	9	12	1	74
Lavacolhos	1	12	8	0	0	21
Orca	2	22	15	7	0	46
Pêro Viseu	4	40	12	4	0	60
Silvares	1	6	7	0	0	14
Soalheira	4	25	15	1	0	45
Souto da Casa	9	20	3	11	0	43
Telhado	2	19	8	1	0	30
Valverde	5	32	1	1	0	39
U.F. Fundão, Aldeia d	22	101	52	16	0	191
U.F.Povoa de Atalaia	7	39	11	4	0	61
U.F.Janeiro de Cima e	2	10	14	3	1	30
U.F. Três Povos	2	30	16	4	1	53
U.F. Vale de Prazeres	15	82	23	8	2	130
Totais	107	636	268	132	6	1133

Tabela 6 – Nº total de ocorrências e causas por freguesia entre 2011 e 2016, no Concelho do Fundão

Observando a tabela que contém a discriminação das ocorrências registadas no Concelho por tipo de causa, a na análise feita no ponto anterior sai reforçada, no sentido em que podemos constatar que as freguesias que tiveram mais ocorrências entre 2011 e 2016 foram U.F.Vale de Prazeres e Mata da Rainha e U.F.Fundão, Aldeia Nova do Cabo, Aldeia de Joanes, Donas e Valverde, 130 e 191 respectivamente. Quanto à classificação dessas mesmas ocorrências, é clara a prevalência da classe “Desconhecida”, tanto para estas duas freguesias como no total geral. Em sentido oposto, as duas freguesias com menor nº de ocorrências foram Alcaide e Silvares, com 11 e 14 registos respectivamente. Convém, todavia, ressaltar que um menor nº de ocorrências não significa que as freguesias sejam pouco afectadas pelos incêndios florestais. Na verdade, a U.F.Jaqueiro de Cima e Bogas de Baixo, por exemplo, apenas registou 30 ocorrências mas foi onde a área ardida foi maior no ano de 2011.Os totais de cada uma das categorias/causas das ocorrências, Negligente, Desconhecida, NULL, Intencional e Natural, foram respectivamente: 107, 636, 268, 132 e 6.

6.9.Fontes de Alerta

6.9.1.Apresentação do nº de ocorrências e respectiva %, dos vários tipos de fonte de alerta, entre 2011 e 2016

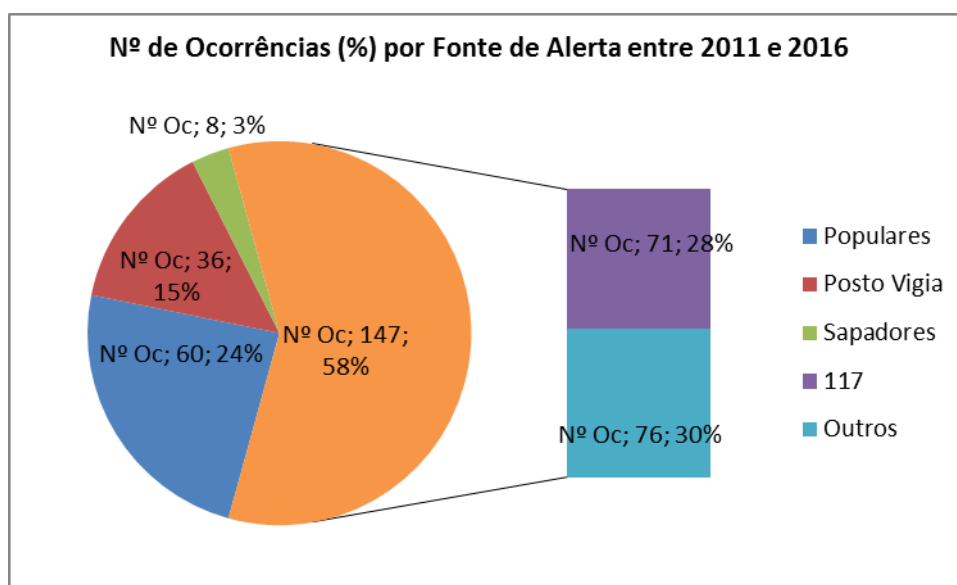


Figura 129 - Nº de ocorrências e respectiva % dos vários tipos de fonte de alerta entre 2011 e 2016, no Concelho do Fundão

6.9.10. Apresentação do nº de ocorrências, por hora e fonte de alerta, para período 2011 a 2016

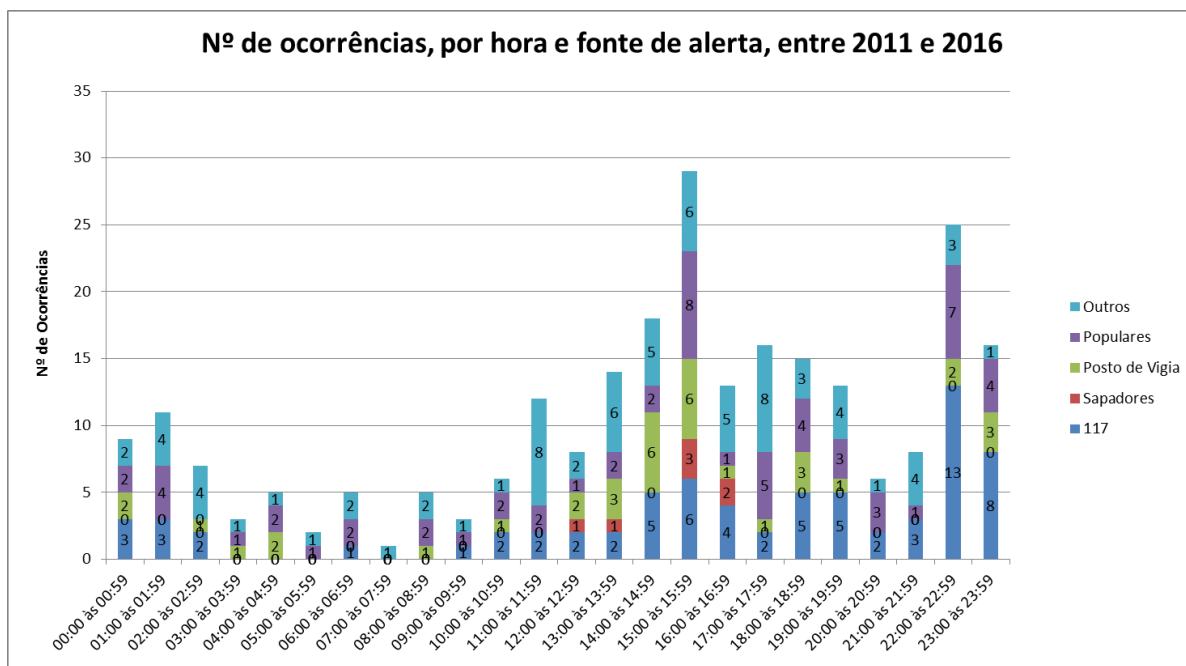


Figura 130 – Nº de ocorrências no Concelho do Fundão por hora e fonte de alerta

Da análise do gráfico conclui-se que no período em que se registam maior nº de ocorrências, entre as 14h e as 19h, a maioria dos alertas foram dados por outras fontes de alerta não discriminadas, seguida da linha 117 e depois os populares. Os postos de vigia apresentam uma contribuição semelhante para o alerta. Claramente em inferioridade surgem as equipas de sapadores florestais. Os populares constituem desde sempre uma importante ajuda na detecção e combate aos incêndios florestais, por motivos sociais, a comunidade como espaço colectivo e o dever de entreajuda que caracteriza a ruralidade portuguesa, e também por motivos económicos, pois são eles os principais afectados. Os postos de vigia constituem uma rede de plataformas de vigilância extremamente valiosa pela sua posição estratégica em sítios elevados, com visão periférica a longas distâncias. O nº de emergência 117 assumiu-se, desde a sua criação, como uma excelente ferramenta de comunicação do alerta pelas populações às autoridades. Os sapadores florestais aparecem numa posição inferior em termos de contributo para o alerta de incêndio pelas razões óbvias de desempenharem as suas funções ao nível do terreno, não tendo a mesma capacidade de localização de focos de incêndio, sendo certo que a sua principal função será a realização das operações silvícolas tendentes à minimização do risco de incêndio nos espaços florestais onde actuam.

7. Grandes incêndios – Área ardida e nº de ocorrências – Distribuição anual

Nos anos mais recentes assistiu-se a uma diminuição do número dos grandes incêndios.

A ocorrência dos grandes incêndios no Concelho do Fundão, coincidiu com fenómenos meteorológicos anormais, traduzidos por ondas de calor e ventos superiores à média, associado por vezes com a simultaneidade de ocorrências e comportamentos extremos no desenvolvimento do incêndio.

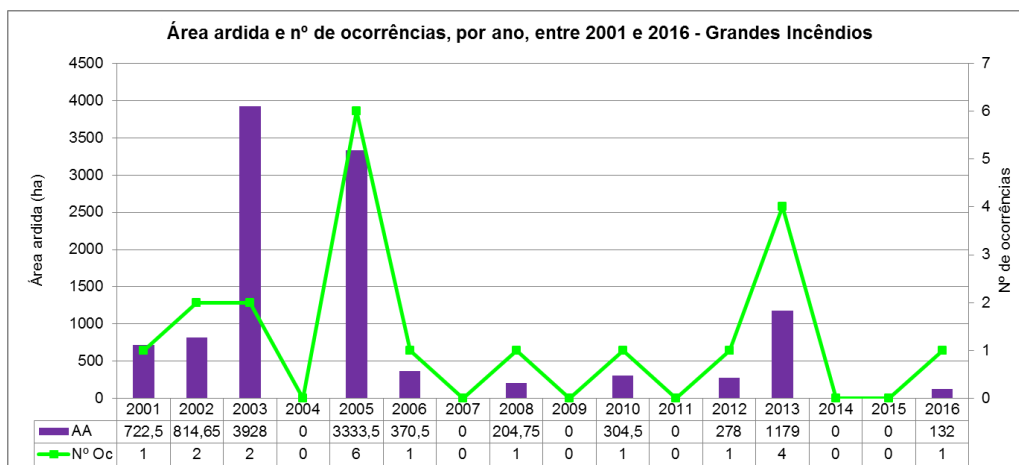


Figura 131 – Área ardida e nº de ocorrências, por ano, entre 2001 e 2016 – Grandes incêndios

Os anos de 2003 e 2005 foram os anos mais críticos a nível de grandes incêndios, bem como do número de ocorrências. O facto deveu-se em grande parte às condições atmosféricas adversas. Também o ano de 2013 foi um ano à semelhança dos últimos dois, um ano adverso em termos de incêndios florestais, embora com menos área ardida, os incêndios ocorridos nesse ano foram incêndios que evoluíram com extrema violência e em pouco espaço de tempo já tinham percorrido áreas superiores a 100 hectares.

As temperaturas elevadas associadas à baixa humidade relativa e vento forte “Temp >30°C, HRA <30% e Vel Vento > 30Km/h” trem as condições perfeitas para a deflagração de incêndios florestais.

7.1.Representação das áreas ardidas, por ano, entre 2000 e 2016

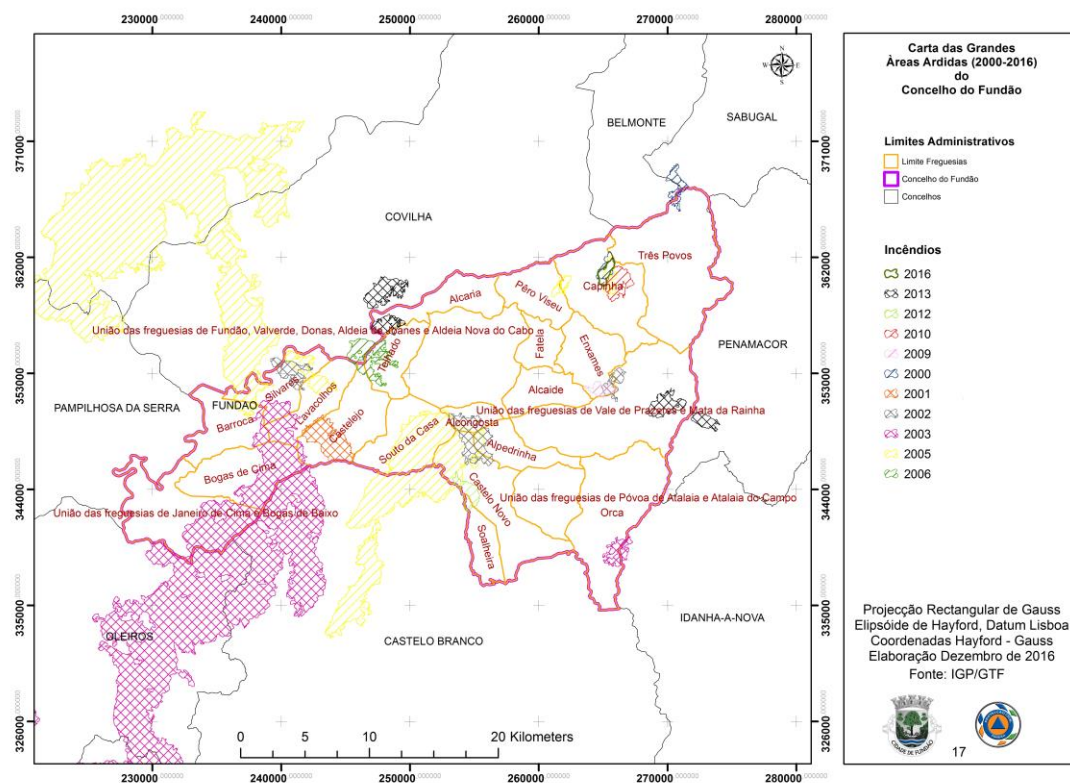


Figura 132 – Áreas ardidas no Concelho do Fundão entre 2001 e 2016 – Grandes incêndios

O mapa das áreas ardidas entre 2000 e 2016 relativo aos grandes incêndios permite observar que em 15 anos, apenas em 6 não se registaram incêndios com área maior ou igual a 100 hectares, mais especificamente em 2004, 2007, 2008, 2011, 2014, 2015 e 2016. Os anos de maior severidade foram 2003 e 2005, como já referido os anos catastróficos, sendo que o 1º afectou sobretudo as U.F Janeiro de Cima, Bogas de Baixo e Bogas de Cima enquanto o 2º atingiu principalmente a freguesia de Souto da Casa. Os restantes anos com grandes incêndios registaram áreas ardidas de menor dimensão. No último ano do período em análise, e reforçando a ideia da diminuição da incidência e severidade dos incêndios depois de 2005, os grandes incêndios registados no território concelhio foram de menor dimensão mas com grande poder explosivo na sua progressão.

7.2. Apresentação dos valores anuais de área ardida e do nº de ocorrências entre 2001 e 2016

Grandes Incêndios		
Ano	AA	Nº Oc
2001	722,5	1
2002	814,65	2
2003	3928	2
2004	0	0
2005	3333,5	6
2006	370,5	1
2007	0	0
2008	204,75	1
2009	0	0
2010	304,5	1
2011	0	0
2012	278	1
2013	1179	4
2014	0	0
2015	0	0
2016	132	1

Figura 133 – Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão entre 2001 e 2016 – Grandes incêndios

Corroborando o que foi dito no ponto anterior, observando o gráfico pode-se concluir que os anos de 2003 e 2005 foram os anos em que a área ardida associada a grandes incêndios foi maior, 3928 e 3334 hectares, respectivamente. Nessas mesmos anos registaram-se 2 e 6 ocorrências, respectivamente. Pode-se também verificar que a partir de 2006 a área ardida em resultado de incêndios com 100 ou mais hectares passou para valores muitíssimo mais reduzidos, havendo anos em que pura e simplesmente não se registaram grandes incêndios. O ano de 2005 foi o ano em que se registaram mais ocorrências enquanto nos anos 2004, 2007, 2009, 2011, 2014 e 2015 não se verificou nenhum grande incêndio.

A percentagem de área ardida tem vindo a diminuir ao longo dos anos conjuntamente com o número de ocorrências, muito tem influenciado as acções de defesa da floresta contra incêndios que se têm desenvolvido a nível nacional. A criação de faixas de gestão e mosaicos de combustível, acções de fiscalização e sensibilização têm contribuído para que estas percentagens tenham diminuído.

7.3. Apresentação dos valores anuais de área ardida e do nº de ocorrências por classes de extensão, entre 2001 e 2016

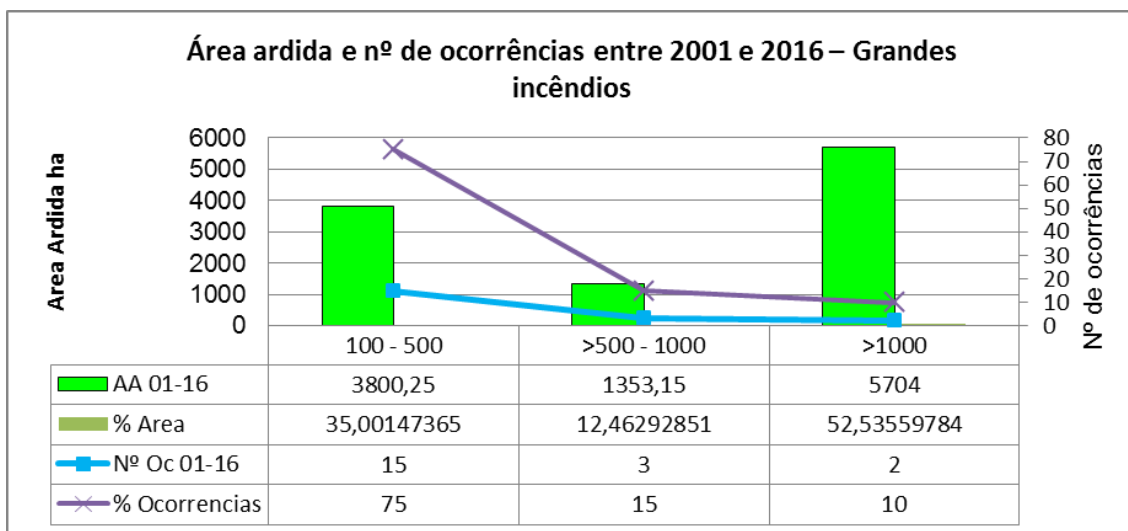


Figura 134 – Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão entre 2001 e 2016 – Grandes incêndios

Das três classes de extensão utilizadas para classificar os grandes incêndios ocorridos no Concelho entre 2001 e 2016, a que mais área ardida regista é a classe >1000 ha com 35 %, seguida a classe 100-500 ha e, por último, a classe >500-1000 ha. A área ardida da classe >1000 ha perfaz 5704 ha e a classe 100-500 ha cerca de 3800 ha. Já a classe >500-1000 ha totaliza à volta de 2055,15 ha. Em relação ao nº de ocorrências a situação é diferente, registando-se uma prevalência da 1ª classe com 15 ocorrências representando 75%, a classe >500-1000 com três, e a classe >1000 com duas ocorrências.

7.3.1. Apresentação dos valores mensais da área ardida e do nº de ocorrências em 2016 e respectivas médias entre 2001 e 2015

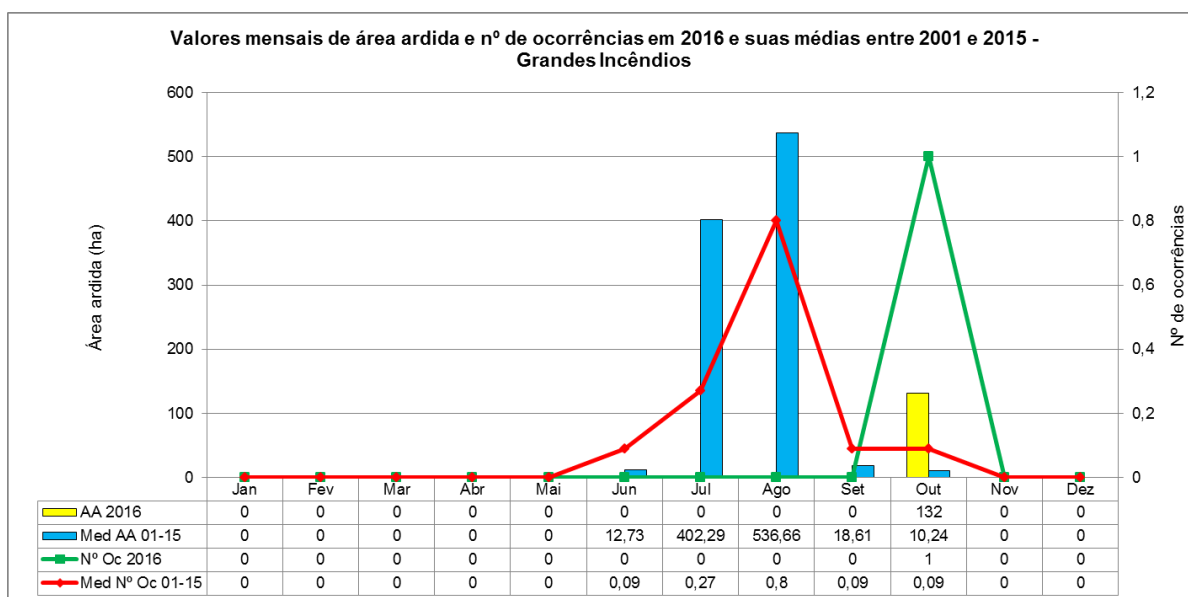


Figura 135 – Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão em 2016 e suas médias entre 2001 e 2015, por mês - Grandes incêndios

Através do gráfico podemos observar que os meses estivais de Julho e Agosto foram os meses em que se registou maior nº de grandes incêndios e cuja área ardida foi maior. As respectivas médias de área ardida para o período considerado foram 402,3 ha e 536,7 ha, sendo que os valores médios de ocorrências foram 0,27 e 0,8 respectivamente.

Em relação ao ano de 2015, conforme já foi referido em pontos anteriores não se registou qualquer incêndio com 100 ou mais hectares de área ardida. Os restantes meses em que se registaram grandes incêndios durante o período 2001-2016 mas que, todavia, totalizam áreas ardidas bastante mais reduzidas são Junho, Setembro e Outubro. Nos outros meses do ano não se verificou nenhum grande incêndio.

Os meses mais críticos coincidem em serem os meses mais quentes e secos e com humidades relativas mais baixas. Também associado a estes fenómenos meteorológicos se junta o facto de ser nestes meses que existem mais festas e arraiais populares. Embora não seja permitido o uso de fogo de artifício nos espaços florestais, o aglomerado de pessoas junto a estes espaços pode condicionar a segurança das florestas no que diz respeito aos incêndios florestais.

7.4. Grandes Incêndios – Área ardida e nº de ocorrências – Distribuição semanal

7.4.1. Apresentação dos valores de área ardida e do nº de ocorrências distribuídos pelos dias da semana em 2016 e média para o período 2001-2016

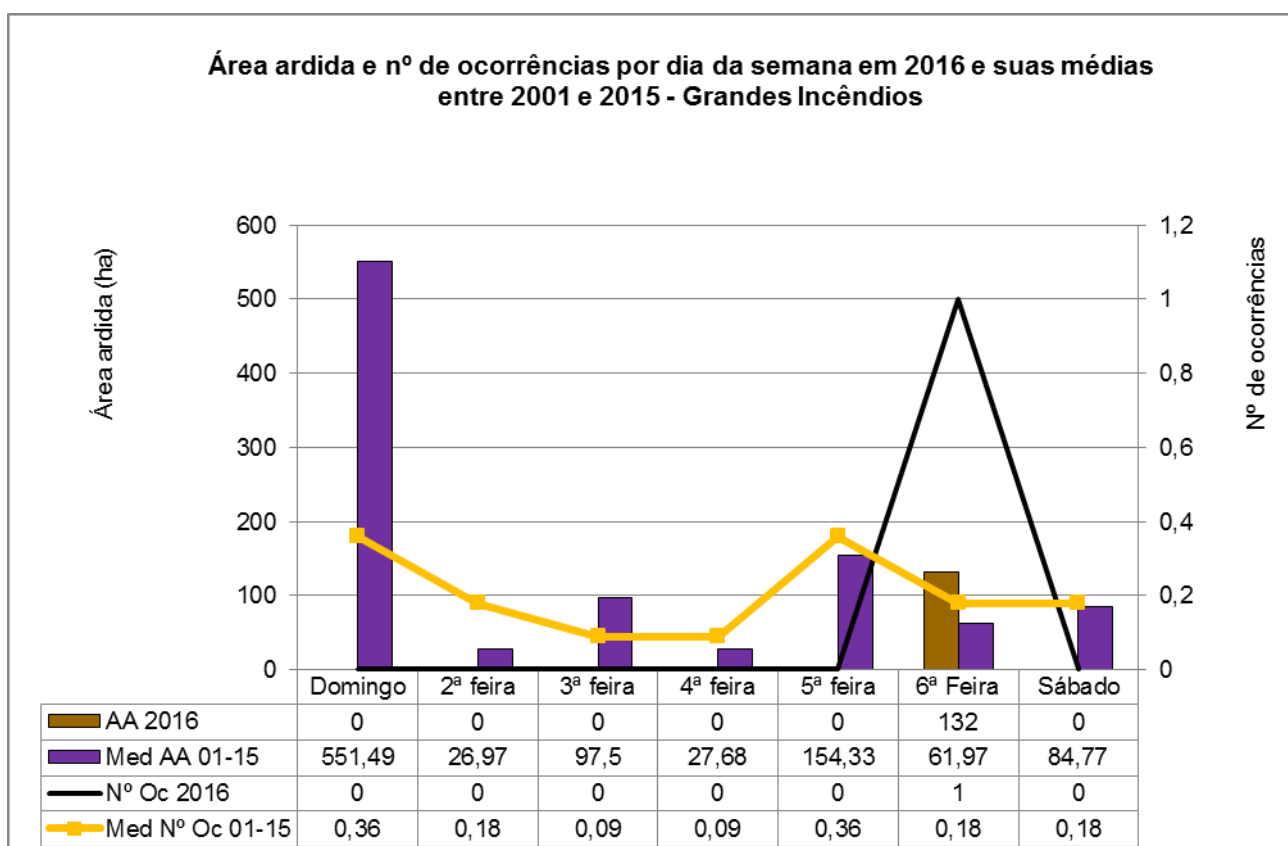


Figura 136 – Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão em 2016 e suas médias entre 2001 e 2016 – Grandes incêndios

O dia da semana em que se verificou maior área ardida e maior nº de grandes incêndios foi o Domingo. O Domingo coincide normalmente com os dias das festas populares, dos convívios e confraternizações de Verão, quando as aldeias estão repletas de gente com a chegada dos emigrantes. Nestas ocasiões, e apesar das leis mais restritivas, é tradição o lançamento de foguetes e a realização de churrascos nas imediações ou mesmo no interior de perímetros florestais, estas acções estão muitas vezes na origem de muitos incêndios. O nº médio de ocorrências cifrou-se em 0,36. Sábado apresenta uma média de 84,77 ha de área ardida e 0,18 ocorrências, Quinta-feira

apresenta uma média de 154,33 ha de área ardida e 0,36 ocorrências, Sexta-feira com área ardida média igual a 61,97 ha e 0,18 ocorrências, Quarta-feira com uma área ardida média de 27,68 e 0,09 ocorrências, Terça-feira com 97,5 ha de área ardida e 0,09 ocorrências e, por fim, Segunda-feira com 26,97 ha de área ardida média e 0,18 ocorrências. O ano de 2016 apenas registou uma ocorrência dia 7 de Outubro sexta-feira com 132 hectares de área ardida.

7.5. Grandes Incêndios – Área ardida e nº de ocorrências – Distribuição horária

7.5.1. Apresentação dos valores de área ardida e do nº de ocorrências por hora, entre 2001 e 2016

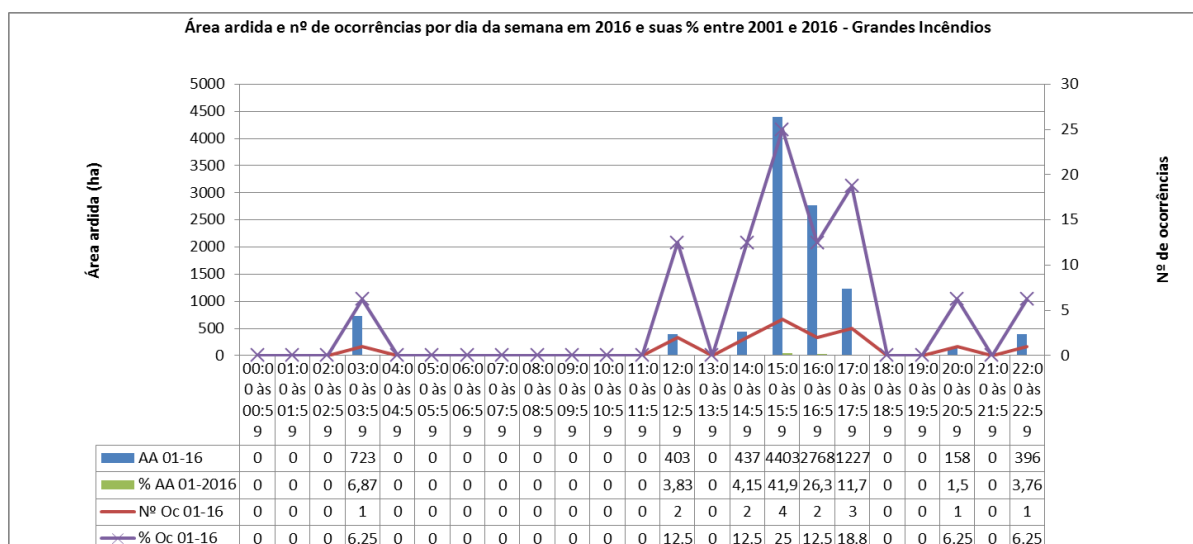


Figura 137 – Área ardida e nº de ocorrências no Concelho do Fundão entre 2001 e 2016, por hora

O período crítico para os grandes incêndios está compreendido entre as 15h e as 18h. As 15h são claramente a hora que se destaca, com uma área ardida acumulada igual a 4403 ha, seguida das 16h com um valor de 2768 hectares. As 17h registam uma área ardida igual a 1227 ha. Em relação ao nº de ocorrências, as 15h totalizam 4, as 17h contabilizam 3 e as 12h registam 2. O período mais calmo ocorre entre as 04h e as 11h.



O fim de tarde corresponde ao culminar dos habituais trabalhos agro-florestais, pelo que terá de ser reforçada a atenção dos meios de vigilância, detecção e 1ª intervenção, neste período do dia; Apesar de ser menos significativa, a ocorrência de incêndios florestais em período nocturno pressupõe intencionalidade e por sua vez o reforço da detecção e 1ª intervenção.

A percentagem de área ardida é maior no período horário compreendido entre as 12:00 e 18:00 horas, horário esse que corresponde às temperaturas máximas e humidades com valores mínimas que favorecem a eclosão e desenvolvimento de incêndios florestais.

A percentagem do nº total de ocorrências é maior entre as 15:00 e 17:00 horas, o ano de 2016 só teve uma ocorrência registada como grande incêndio pelas 14:00 horas.

A maior % de área ardida corresponde ao período compreendido entre as 16:00 e 17:00 horas com 26,33%.

A maior % do nº de ocorrências corresponde ao período compreendido entre as 17:00 e 18:00 horas com 72,95%.